

UL, drama em 4 actos.
ADES 3, assuntos da guer-

Teatro Sou



Comissão de Coordenação da Região Centro
MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO

HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

TEATRO SOUSA BASTOS

AS PRIMEIRAS DÉCADAS DE HISTÓRIA

Nº 3

Lígia Inês Gombosi

...FREIA do
...o Marceino
...s interessantes bailar...
...mente notável ao ser...
...do grandioso film...
...ros da marca Tiber...
Tereza
...retrada pelos incompar...
...ruando Bettlerri, Gast...
...e Alberto Collo
...IA dos films com assu...
...da guerra
...inho das trincheira...
...idades - Gaumont 1...
...S dos films comico...
...rações
...exponção a
...o trabalho cinematogr...
...), compido de box

LÍGIA INÊS GAMBINI

TEATRO SOUSA BASTOS

AS PRIMEIRAS DÉCADAS DE HISTÓRIA

COIMBRA

1999

TÍTULO Teatro Sousa Bastos
AUTORIA Lígia Inês Gambini
RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO Ana Maria Saturnino
SÉRIE História Regional de Local, nº 3
COMPOSIÇÃO Lígia Inês Gambini
IMPRESSÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO CCRC - Comissão de Coordenação da Região Centro
<http://www.ccr-c.pt>
geral@ccr-c.pt
TIRAGEM 250 Exemplares
ISBN 972-569-109-1
DEP. LEGAL Nº 143663/99

PREFÁCIO

Uma cidade, como qualquer outro lugar, não existe apenas no espaço, mais ou menos vasto, ocupado pela sua área. Do mesmo modo, o simples crescimento desse espaço não torna a cidade necessariamente melhor ou mais valiosa para os seus habitantes ou para quem a visita. Porque, como bem sabemos, as cidades existem igualmente no tempo e significam não apenas em função do presente que são, mas também – e em grande medida – em função daquilo que foram sendo, do que foram significando para os homens e as mulheres que as habitaram ao longo dos anos, antes de nós. Uma cidade não se limita pois a existir, mas emerge de uma multitude de acontecimentos que lhe foram construindo a sua forma presente. O valor de uma cidade deve por isso muito à sua história e à memória que é capaz de conservar. Porque só assim será capaz de pensar e projectar o seu próprio futuro.

A história da cidade constitui-se como uma narrativa, em que os edifícios e todos os demais objectos materiais que dela fazem parte, bem como os acontecimentos e todas as formas imateriais que se sucedem e permanecem ao longo dos tempos, se vão ligando uns aos outros num discurso que em cada momento narra simultaneamente o presente e o passado da cidade, os modos como aquele deriva deste e as formas como os signos que estruturam e significam a cidade testemunham a sua própria história.

Em muitas cidades europeias, incluindo algumas portuguesas, assistimos a um excelente trabalho de valorização dos centros históricos. Não só porque se consegue preservar muita arquitectura de indiscutível relevo, mas porque os edifícios e os espaços em causa mantêm predominantemente as funções que determinaram o seu valor na vida da cidade: como cafés, hotéis, bares, teatros, cinemas, praças ou jardins. Ou seja, objectos e lugares vitais na vida social e cultural da cidade, que permaneceram como sinais não apenas físicos mas

igualmente simbólicos do passado. Sobretudo, objectos e lugares que se valorizaram porque tinham, e continuam a ter, uma história própria, específica.

Cada uma das histórias ligadas a objectos e lugares urbanos contribui para a formação dessa narrativa mais vasta, mais complexa e heterogénea, que constitui a história da própria cidade. Quem nela vive, é no meio dessas histórias que vive e não de outras. Quem a visita mergulha nelas, passa também a partilhá-las, ainda que nunca venha a conhecê-las todas e aprenda apenas uma pequena parte de cada uma das que lhe chegam ao conhecimento. Porque uma cidade é muito mais interessante para os seus visitantes e, seguramente, muito mais rica para os seus habitantes, se uns e outros entrarem na vida da cidade no início ou meio de uma história e não no fim dela, quando já não há história para contar ou para ouvir, nem para recordar ou para transmitir. Isto é, quando já não há qualquer descoberta a fazer. Porque as histórias que fazem parte da herança de uma comunidade tornam-se muito mais vivas e a sua importância será sempre muito melhor compreendida e preservada se puderem ser conhecidos e vividos os lugares onde elas nasceram e se foram desenvolvendo.

A destruição sistemática dos objectos e lugares que foram construindo e contando histórias significa assim um processo de despatrimonialização que impede a continuidade, quebra a possibilidade de uma transmissão intergeracional da cultura, enfraquece a memória individual e colectiva e empobrece irremediavelmente a vida e a história da cidade. Que corre o risco de se tornar amnésica e não ter nada para contar.

É indiscutível que a cidade de Coimbra tem uma história longa e ricamente preenchida. Mas não é menos verdade que, ao longo deste século, tem sofrido demasiadas perdas no seu património histórico e cultural e por isso se arrisca a perder progressivamente a memória.

Para não recuar muito no tempo, basta recordar, na década de 40, durante a ditadura de Salazar, a demolição de grande parte dos antigos

colégios escolares da velha Alta dos séculos XVI e XVII e dos modos de vida que caracterizavam a colina. Ainda hoje a cidade se não recompôs dessa perda grave. Em tempos ainda mais recentes que se prolongam até ao presente, o poder local e democrático não tem impedido que se destruam ou se deixem morrer edifícios e lugares que conferiam carácter à cidade, que faziam parte integrante do seu viver quotidiano, estruturas que protagonizaram acontecimentos significativos na história contemporânea da urbe. Dois exemplos apenas, que se afiguram relevantes para o contexto em que escrevo estas palavras.

Em primeiro lugar, o Teatro Avenida, herdeiro do Teatro-Circo Príncipe Real do século XIX, de tradição popular, edifício indiscutivelmente interessante e palco, na década de 60 deste século, das mais notáveis iniciativas culturais e artísticas da Academia de Coimbra, para além de importantes eventos de natureza política. De nada lhe valeram tais credenciais: o Avenida foi levemente destruído para dar lugar a um pindérico, enclausurante e preocupantemente inseguro centro comercial, igual a milhares que pelo mundo fora tornam monotona-mente iguais os espaços onde são implantados.

Depois, o elegante Teatro Sousa Bastos, herdeiro do Teatro D. Luiz, por sua vez construído no século XIX sobre as ruínas da Igreja de S. Cristóvão, de estilo românico, que os religiosos agostinhos edificaram no século XII. Inaugurado em Junho de 1914, com uma representação da Companhia do Teatro Avenida de Lisboa, cuja principal figura era a actriz Palmira Bastos, viúva do patrono da nova sala conimbricense, o Teatro Sousa Bastos foi o principal ponto de encontro das elites culturais de Coimbra no início do século. Por ele passaram, nas duas primeiras décadas da sua existência, outros nomes de grande relevo do panorama teatral e musical português, como Amélia Rey-Colaço, Estêvão Amarante, Maria Matos, Viana da Mota, Corina Freire e Francine Benoit, e se apresentam textos de autores como Santa-Rita Pintor, Almada Negreiros, Rosalía de Castro ou Strindberg. Com uma longa actividade no âmbito da exibição cinematográfica, iniciada em Novembro de 1914, o Teatro Sousa Bastos encontra-se há longos anos

em ruína e agoniza perante a persistente passividade dos responsáveis, à espera que o edifício morra de vez e se lance uma pedra sobre mais um capítulo triste da história recente da cidade.

Quantos participaram nesses eventos ou se lembram ainda das histórias vivas de que estes edifícios faziam parte? Daqui a poucos anos, se não se conseguir salvar já o Sousa Bastos, quantos se conseguirão ainda recordar dos locais onde se situavam os dois teatros que marcaram a vida cultural de Coimbra durante boa parte deste século?

É evidente que não se podem conservar todas as velhas estruturas e que a preservação do património urbano não tem por objectivo imobilizar a cidade, encerrá-la num imenso armazém de velharias. A preservação histórica destina-se não a alimentar nostalgias ou visões passadistas, mas a contribuir para o sentido de identidade da cidade, que é também conferido pela história partilhada e pelos novos dinamismos urbanos que é possível criar a partir do exercício da memória cultural. Sobretudo, o desenvolvimento da cidade não tem que ser feito à custa da sua história ou contra ela, contra a sua memória ou contra a sua cultura. Preservar a herança cultural, mesmo com custos elevados, será sempre preferível a destruir a herança cultural.

Os objectos e os lugares que pertencem à essa herança não são corpos isolados num espaço descontextualizado. A sua significação simbólica não se reduz às suas eventuais qualidades artísticas ou estéticas, mas integra, como elemento nuclear, a condição de elementos da narrativa que indissociavelmente os liga aos seus destinatários (as pessoas que os vão habitando) num conjunto partilhado de vivências. Assim se preserva uma arquitectura que é da cidade, isto é, que faz sentido e só pode ser plenamente entendida no seu contexto histórico, social e cultural. Por outras palavras, uma arquitectura que é o repositório de uma consciência colectiva e que por isso confere carácter à cidade. Assim se constrói e testemunha uma história, porque sem isso não será possível definir uma identidade, uma cultura e uma memória.

Resultado de uma longa, rigorosa e aprofundada investigação, o estudo de Lígia Inês Gambini sobre o Teatro Sousa Bastos tem a sua origem em dois excepcionais trabalhos que a autora elaborou no âmbito das disciplinas de História e Estética do Cinema ("Teatro Sousa Bastos: Os Primeiros Anos") e de História do Cinema Português ("Teatro Sousa Bastos: Os Negros Anos Vinte"), leccionadas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por mim próprio e pelo Dr. Fausto Cruchinho, respectivamente. Ambos os trabalhos datam de 1997, ano em que a autora frequentou por opção aquelas disciplinas da ainda recente área de Estudos Fílmicos, já depois de estar licenciada em Arqueologia e quando concluía a licenciatura em História de Arte.

A importante obra que Lígia Inês Gambini agora traz a público vai seguramente constituir um precioso instrumento de trabalho para todos quantos se dediquem à investigação da histórica cultural e social da cidade de Coimbra. Para além disso, que já é muito, é um livro escrito contra o adormecimento da memória e que vem recolocar na ordem do dia problemas a que a cidade tem que estar atenta e em relação aos quais é indispensável definir uma política e tomar decisões. Para que Coimbra não volte a destruir ou a abandonar, como em poucos anos sucedeu, dois dos três únicos teatros que possuía. Para que possa continuar a salvaguardar-se o património urbano e reforçar-se a identidade de uma cidade que se quer capital de cultura e como tal se deve afirmar.

Abílio Hernandez Cardoso

Aos que já partiram.

Os meus agradecimentos a João Nuno Mendonça Soares, Abílio Hernandez Cardoso, Branquinho de Carvalho, António Bandeirinha, Carlos Ruão, Cristina Paço e Fernando Vale.

Lígia Inês Gambini de Sousa Guedes

Da essência ... origens, pré-existências, indícios, memórias,
viagens com ou sem retorno.

A *cidade* traz-nos as suas essências quer coletivas, quer individuais, ou seja, as suas populações, as suas malhas, os seus espaços, os seus elementos, edifícios, equipamentos ... que se assumem como individuais ou colectivos, intrinsecamente urbanos ou supra-urbanos (um castelo, uma ponte, uma igreja, um teatro...). A *memória* acumula estes elementos permitindo um inconsciente ou intencional olhar focalizado - daí parte a individualização do observado (colectivo, individual, urbano ou não) despertando em nós a atenção, induzindo ou provocando **a curiosidade, a emoção, a visitaçãoda memória esquecida ou viva, o êxtase ou a indiferença, a inquietação...**

Teatro Sousa Bastos - O objecto focalizado no percurso urbano...
o despertar da atenção. O início.

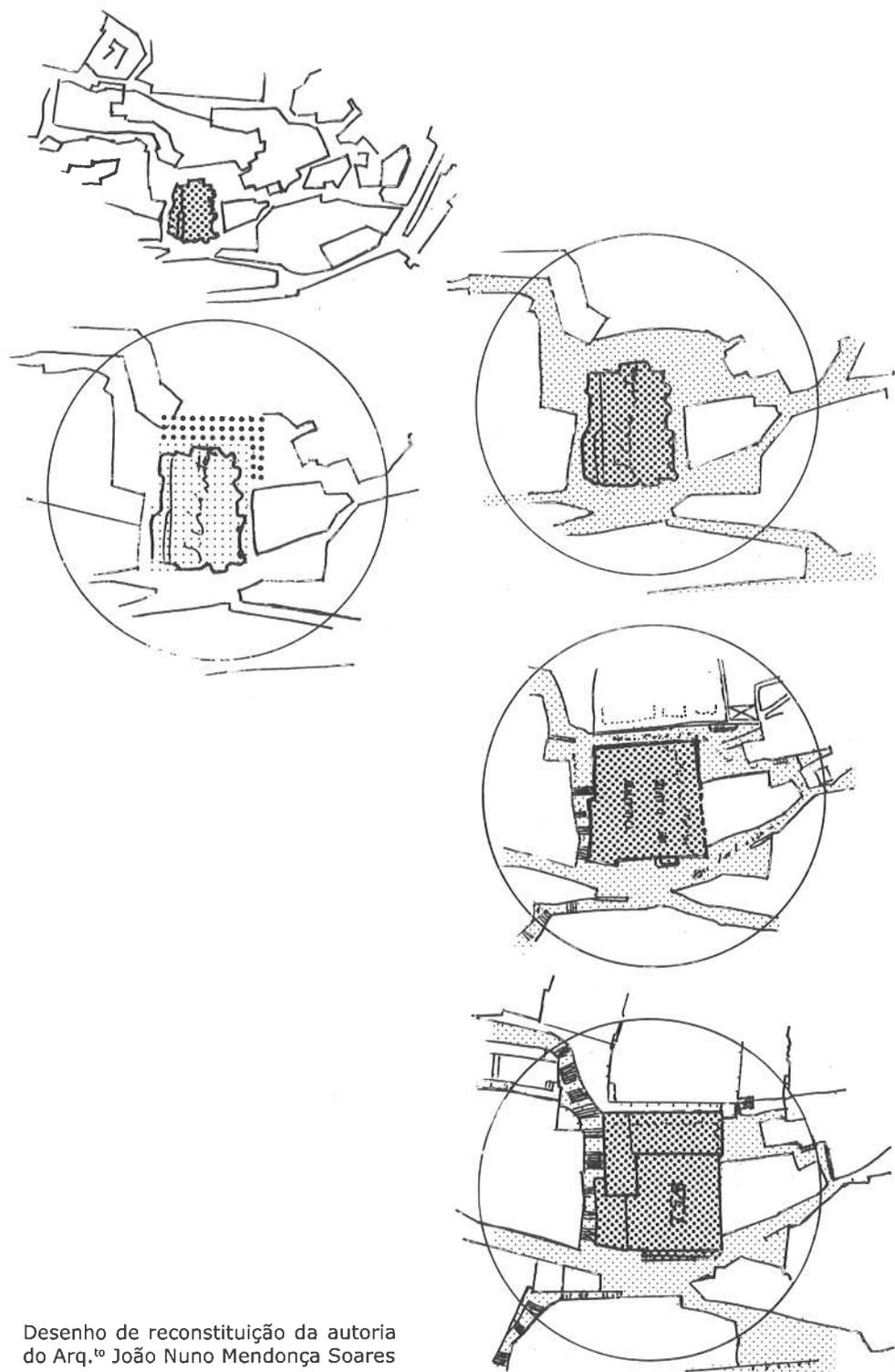
A reflexão/pesquisa trazem-nos indícios e memórias perdidas que nos vão revelando a *alma* (e o seu estado...) deste *lugar* - o *espírito do lugar* (ausente, adulterado ao actual - a descoberta de elementos que permitem a estruturação do *fio conductor* para o seu conhecimento e esclarecimento do presente e para futuras tomadas de decisão.

Este trabalho corporiza este objectivo.

Nele são desenvolvidas as **temáticas, as rotas e as palavras e imagens-chave** que pressentimos, encontramos, "convivemos" e cremos importantes para esta caracterização e fundamentação de qualquer iniciativa sobre o imóvel:

S. Cristovão - Teatro Sousa Bastos (suas histórias e acervos)
O estado da alma/o espírito do lugar

- do **cénico**: do religioso ao profano
- memórias, mutações, destruições;
- do **urbano**: do adro (comunitário, centralizador) ao espaço canal /entroncamento (rua, participante da rua);
alterações, mutações do adro (lógica da circulação "à volta", polarizadora) ao fecho das ruas envolventes;
- a resistência do espírito e a **crónica da sua morte anunciada** (desde sempre e agora - o fim total), o ocaso;
- 3ª geração - do **cénico** ao habitacional, da "habitação do espírito colectivo" (espiritual ou lúdico) à habitação privada;
 - a visão sociológica do fenómeno - o esvaziamento das populações residentes/utentes; a relação com a desertificação da Alta;
a ausência dum teatro municipal - a hipótese de um dos caminhos/vias para o regresso à *Alta* da cidade?



Desenho de reconstituição da autoria do Arq.º João Nuno Mendonça Soares

ÍNDICE

I. ANTECEDENTES	17
1. A igreja de S. Cristóvão	17
2. O Teatro de D. Luís I	23
3. Reconstrução	31
II. TEATRO SOUSA BASTOS	35
1. A inauguração	39
2. Animatógrafo	43
3. Manuel Francisco Esteves	50
4. José Guilherme dos Santos	55
5. Luís Lomas	62
6. G. Lemos e Santos	77
7. Abreu, Cabral e Lemos	81
III. OS ANOS 20	85
1. Sociedade de Concertos e Academia de Música	85
2. Grupos Dramáticos Beneficentes	102
3. Recreatório Ozanan	113
IV. COIMBRA-FILMS	125
V. PROGRAMAÇÃO	129
VI. ORGANIGRAMA	157
VII. OS ANÚNCIOS DO SOUSA BASTOS	159
EPÍLOGO	179
ADENDA - A reforma arquitectónica dos anos 40	182
ANEXO DOCUMENTAL	191
BIBLIOGRAFIA	209
ÍNDICE REMISSIVO	212

I. ANTECEDENTES

I. A IGREJA DE S. CRISTÓVÃO

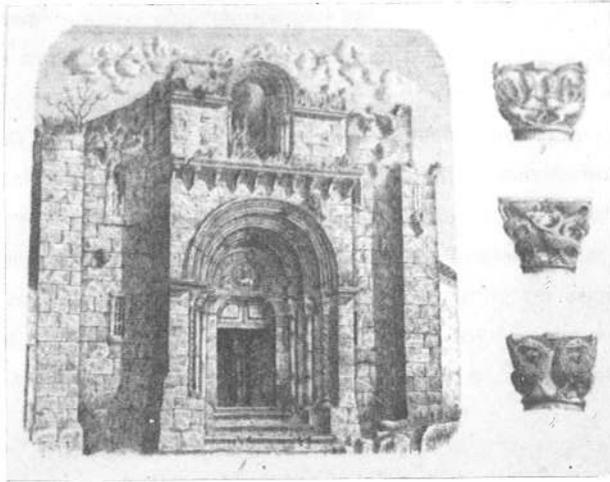
No local onde se encontra o edifício do Teatro Sousa Bastos, outros existiram.

Naquele mesmo sítio chegou até meados do século XIX, embora já arruinada, a Igreja-colegiada de S. Cristóvão, cuja memória apenas perdura na ruela estreita que ainda mantém a toponímia na Alta coimbrã.

Tratava-se de um templo edificado por religiosos agostinhos vindos de França no princípio do século XII, sendo o seu mentor D. João Peculiar, posteriormente arcebispo de Braga. De estilo românico, possuía fachada ameçada com portal de três arquivoltas com colunas "*de um só corpo e coroadas por capiteis modelados pelos da Sé Velha*"¹, com motivos decorativos fitomórficos e zoomórficos, de grifos e aves afrontadas e entrelaçadas, tímpano esculpido com o *Agnus Dei* rodeado pelo tetramorfo; o portal era sobrepujado por arquitrave misulada, sobre a qual se abria um janelão de arquivoltas. A fachada seguia a tipologia da da Sé Velha. No interior de três naveas separadas por seis colunas formavam quatro tramos, desembocando as laterais nos absídiolos e a central, mais larga, na capela-mor onde havia catorze cadeiras de côro. Era iluminado por oito frestas, das quais cinco tinham sido abertas em 1754. Era "*sem dúvida, um dos monumentos mais notáveis da cidade*"². A planta reproduzida mostra um alongamento lateral a Norte nos terceiro e quarto tramos, que se vai manter nos traçados posteriores.

¹ Augusto Filipe Simões, *Relíquias da Architectura Romano-Bysantina em Portugal*, Lisboa, 1870, p.15

² Manuel Luís Real, "A Colegiada de S. Cristóvão de Coimbra e seus Capitéis", *Estudos de Arte e História*, Vega, Ribamar, 1995, p. 210.



Igreja de S. Cristóvão em meados do séc. XIX - Levantamento de António Francisco Barata, publicado por Augusto Filipe Simões.

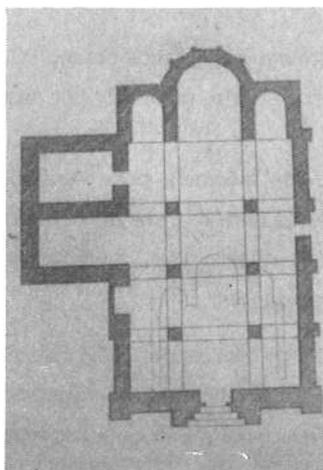
A arruinada igreja foi solicitada pela *Associação Recreativa Conimbricense* com a finalidade de para aí transitar o Teatro da Sé Velha, pequeno e acanhado, e fazer um recinto com melhores condições e que pudesse albergar todos os espectadores.

A carta régia de 23 de Março de 1857 concedia o edifício enquanto o teatro se mantivesse em funcionamento, prevendo El-Rei a sua restituição pela sociedade concessionária à paróquia "*com todas as benfeitorias*" caso "*o teatro, por efeito de alguma eventualidade, deixar de conservar-se*"³. Parecia, assim que se entendia beneficiar o edifício da igreja, adaptando-o a teatro, o que não seria inédito, pois havia na cidade outros teatros funcionando em igrejas, nomeadamente na Trindade e Graça, aproveitando o seu natural espaço cénico.

No entanto, a autorização régia permitiria a completa demolição de uma vetusta construção, o que veio a suceder após a tomada de posse da

³ Joaquim Martins de Carvalho, "O Teatro em Coimbra. Subsídios para a sua história." *Arquivo Coimbrão*, X, 1947, p. 326.

referida Assembleia em 27 de Abril de 1857.⁴ Nesta altura, foi posta a descoberto, o que Augusto Simões julgava ser uma cripta - "*quando se fez a demolição apareceu pela parte anterior, junto da porta um subterraneo com fórma analoga á da igreja, porém em ponto mais pequeno. Nas paredes d'este subterraneo viam-se vestigios de pinturas a fresco. Dois grandes pedestais de alvenaria, quadrangulares, e não afeijoados serviam de apoio ás duas columnas do templo que a esta parte correspondiam*"⁵. Sobre a existência desta cripta lança uma nova luz Manuel Luís Real, que prova ser o testemunho do primitivo templo de S. Cristóvão "*senão pré-românico, pelo menos do românico condal*", sobre o qual, e mantendo o alinhamento da fachada oeste, se reconstruiu a igreja com a intervenção do prior D. João ⁶.



Levantamento de António Francisco Barata

⁴ Esta atitude pode entender-se no espírito da época, ainda não longe dos desaires cometidos poucas décadas atrás, quando da extinção das ordens religiosas, que não conseguira separar claramente as tomadas de posição relativamente a uma instituição, e as tomadas em relação ao espólio edificado e móvel que esta reunira ao longo de séculos, mas que indubitavelmente integrara e ajudara a constituir o património cultural e arquitectónico nacional.

⁵ Augusto Filipe Simões, *Relíquias...*, p. 15.

⁶ Cf. Manuel Luís Real, "A Colegiada de S. Cristóvão...". Para além de factores documentais contra a hipótese da cripta, refere ainda o autor "*o total desalinamento das ábsides do edifício mais pequeno relativamente às sapatas dos pilares da colegiada, e, ainda, a sobreposição do pilar intermédio, do lado sul, com o traçado de um dos absidiolos da igreja anterior.*"

De facto, logo a comissão de obras instituída pela Assembleia Recreativa providenciou a elaboração do risco por um negociante de panos, Paulo José da Silva Neves, após o que contratou um empreiteiro de Montemor-o-Velho, José Pires Ferreira para "*o encargo da demolição da velha igreja de S. Cristovão, os desaterros, e remoção de entulhos, o levantamento de paredes, a feitura dos telhados, da plateia, dos camarotes, galerias, corredores e todas as mais obras, menos somente os trabalhos e despesa de exumação, o forro dos camarotes, e o maquinismo do palco, tudo pelo preço de 2 000\$000, dando o empreiteiro todos os materiais necessários e fazendo seus os que saíssem da demolição*"⁷. Ainda hoje se podem observar os capitéis do portal desta igreja na propriedade do Conde da Graciosa⁸, que os subtraiu a "*avolumarem as paredes do teatro*", isto é salvaguardou de servirem de enchimento das paredes. A falta de cuidados da Assembleia Recreativa era tal que a Câmara se viu obrigada em Fevereiro de 1858 a oficiar à Direcção do Teatro de S. Cristóvão, no sentido de "*mandar reparar parte do adro da antiga igreja de S. Cristovão de modo que não apareçam as ossadas de cadáveres ali enterrados, reedificando o muro entre a Rua do Correio e o Beco das Cruzes*"⁹.

Este risco inicial contudo, não foi seguido, uma vez que, tendo começado as obras em Fevereiro de 1860, acordou a Comissão com a Câmara, em negociações que tiveram lugar entre princípios de Março e fins de Maio, a cedência do espaço do adro da igreja para espaço público (que veio alargar a Rua de S. Cristóvão, hoje Joaquim António de Aguiar) por parte desta, em troca da cedência de parte da travessa que passava por detrás da capela-mor, a fim de possibilitar o alargamento do futuro teatro e a regularização do seu traçado¹⁰.

⁷ Joaquim Martins de Carvalho, "*O Teatro em Coimbra...*", p. 327.

⁸ Cf. Manuel Luís Real, "*A Colegiada de S. Cristóvão...*", p. 207-208.

⁹ *Anais do Município de Coimbra*, 1840-1869, Coimbra, 1972-73, p. 304.

¹⁰ Cf. Actas das sessões municipais de 1860, 9 e 19 de Março, 9 de Abril, 7 e 31 de Maio.

O novo risco para o Teatro de S. Cristóvão, feito de parceria por Francisco Marques de Figueiredo e Paulo José da Silva Neves¹¹ foi presente à Assembleia Geral em 10 de Maio do mesmo ano. Assim, foi a igreja despojada, demolida, alargada, para que aí se pudesse construir uma sala de espectáculos que satisfizesse as necessidades das representações teatrais do grupo amador, como refere posteriormente Augusto Filipe Simões: "*Há dez annos que transformaram n'um theatro a velha igreja de S. Cristovam de Coimbra. De uma veneranda fabrica não ficou patente um só vestigio. Foi completo o sacrificio. Á voz imperiosa das necessidades da moderna civilisação, um monumento perfeito da architectura christã cedeu o logar a um edificio acanhado e defeituoso da alvenaria contemporanea.(...) As recordações gloriosas do reinado de D. Afonso Henriques deviam sumir-se para deixar em todo o esplendor as pinturas, a colla e os europeis do Theatro(...).*"¹²

No Outono do ano seguinte estavam as obras concluídas faltando apenas a instalação da iluminação a gás, sendo o contrato realizado com a Companhia para instalação da canalização, bicos e candeeiros no valor de 659\$000.

¹¹ Um dos 40 fundadores do teatro na igreja de S Cristóvão.

¹² *Reliquias da Architectura...*, p. 14.

2. O TEATRO DE D. LUÍS I

Em 18 de Dezembro de 1861 o Teatro de S. Cristóvão passava oficialmente a denominar-se **de D. Luís Primeiro**, por decreto régio. A inauguração prevista para o 1º de Dezembro era adiada para 22, devido ao falecimento do monarca e infante D. Fernando, coincidindo com a aclamação do próprio D. Luís I.

Embora não tenhamos qualquer indicação quanto à arquitectura do edifício, a leitura da sua planta permite verificar que manteve *grosso modo* a implantação da igreja destruída, com alargamentos, que resultaram na eliminação da rua e consequente adossamento da fachada sul às construções existentes, e na redução da rua a nascente.

Os panos de boca da autoria de António José Gonçalves Neves, que representavam vistas de Coimbra - a ponte antiga de D. Manuel sobre o Mondego, o Penedo da Saudade - e a sacristia de Santa Cruz, foram usados sucessivamente nos 3 actos da peça inaugural *O dia da redenção*, que José da Silva Mendes Leal Júnior escrevera especialmente para a ocasião. Seguiu-se-lhe a *comédia O qui pro quo, ou os efeitos da ausência*. A estreia registou enorme afluência de público.

A actividade do Teatro de D. Luiz prosseguia, tendo dado 19 récitas no ano seguinte e 39 em 1863, dos quais 2 espectáculos dados por companhias de fora, sendo uma das récitas para solenizar a passagem de S. Magestades pela cidade, tendo a direcção do novo teatro convidado a Câmara para assistir. Em 1864 estreou-se a *Companhia do Teatro D. Luís*, tendo José Novais a dirigi-la, que realizou 14 dos 32 espectáculos apresentados no teatro, quase todos com participação de profissionais. No ano seguinte a relação é de 37/46 e em 1866 tinham sido dados 28 espectáculos até finais de Maio, tendo nessa altura terminado a experiência da companhia dramática permanente.

Aqui a tendência da profissionalização acentuava-se, em 1868 houve 14 representações, 9 por profissionais, e assiste-se ao funcionamento, no Teatro de D. Luís, da recém-criada *Sociedade Recreativa Dramática*, com récita inaugural a 15 de Abril - companhia dissidente da *União de Artistas*, que também esporadicamente aqui vem actuar, nomeadamente no 1º de Dezembro, festejando o aniversário da Restauração com o drama em 5 actos, *D. António de Portugal*.

O panorama cultural em que a actividade do D. Luís se inseria era o de uma cidade com abundância de *grupos dramáticos amadores* - compostos por operários, comerciantes ou estudantes. Na realidade, havia enorme número de sociedades dramáticas, que se constituíam, fundiam, acabavam e formavam outras, que representam números dramáticos, líricos, declamações, para plateias mais ou menos familiares e bairristas, mas que dão a perceber uma intensa actividade teatral que ilustramos unicamente com os exemplos que passaram no próprio Teatro de D. Luís:

A *Sociedade Recreativa Dramática* deu aqui os seus espectáculos até 1870. Nesta data, alguns elementos da *Sociedade Recreio Juvenil*, que se desmembrara, passaram a integrar uma sociedade de curiosos que neste teatro representava, a par com outras como a *Sociedade Dramático-Musical*, fundada por académicos em 1 de Novembro desse ano, e que aqui tinha a sua sede, até finais de 1873, quando, tendo-se fundido com a *Sociedade de Academia Dramática*, passou a funcionar no Teatro Académico. O ano de 1870 contara 11 espectáculos, sendo 6 profissionais.

No final de 1871 passava a representar igualmente neste teatro o *Grupo Dramático Conimbricense*, com récita inaugural a 30 de Dezembro; e em 8 de Junho de 1872 a *Sociedade do Teatro Infantil*, constituída por alunos da instrução primária, sob os auspícios do seu professor, José Maria da Silva Torres. Seguiram-se outras presenças no ano seguinte: *Grupo Dramático César de Sá*, *Sociedade Serões Dramáticos*; *Sociedade Recreio Dramático* em 1874; a *Sociedade União de Artistas* apresentou *O Rei Lóló* pela 1ª vez no Teatro de D. Luiz, na noite de 1 de Janeiro de 1875, possivelmente a 1ª

opereta posta em cena em Coimbra, e que terá levado Portugal, então estudante de liceu, a seguir a vida do teatro¹³, também em 75 a *Sociedade Serões Teatrais*, em 1879, *Noites Teatrais* formada por "alguns mancebos amadores de arte dramática (...)sem interesse algum pecuniário"¹⁴.

No ano de 1880 surgiam duas novas sociedades com espectáculos no D. Luís. A *Sociedade Recreativa Conimbricense* com elementos oriundas das diferentes sociedades que aí funcionavam, e *Ensaio Dramáticos* que começou a dar espectáculos regulares entre Janeiro de 1881 e 1885, à excepção do ano de 82: "A sociedade *Ensaio Dramáticos* (...) [teve] o seu 1º espectáculo no Teatro D. Luís, realizou-se em 1/1/1881 com a comédia O Compadre Pantaleão e Coisas do Arco da Velha(...) foi esta a 1ª revista representada em Coimbra.

(...) Anteriormente a esta sociedade houve outra no mesmo teatro, digna de menção especial pela magnífica orquestra que tinha, sem dúvida uma das mais completas que tem havido em Coimbra.

(...)Só pela boa música, as récitas dadas por esta sociedade eram sempre concorridas pelas melhores famílias de Coimbra."¹⁵

Propondo-se dar também aqui algumas récitas, fundou-se em 1883 o *Recreio Familiar*, com 10 amadores dramáticos. No final do ano seguinte surge um grupo denominado *Serões Teatrais*, que representou algumas vezes neste teatro.

Em 1887 parece não se ter dado nenhum espectáculo, pois o Teatro-Circo Conimbricense¹⁶, inaugurado em 1881, apertava a concorrência. Pelo ano de 1888, as condições do teatro – que fora feito à pressa – começam a deteriorar-se, e em consequência de uma vistoria ao seu estado, recomendam-se obras de reparação, que, no entanto, só se iniciarão em finais do ano seguinte.

¹³ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Junho de 1912.

¹⁴ Francisco Augusto Martins de Carvalho, *Arquivo Coimbra*, XI, Coimbra, 1952, p.129.

¹⁵ *Gazeta de Coimbra*, 13 de Julho de 1912

¹⁶ Este Teatro-Circo localizava-se na Rua da Sofia, próximo do Colégio de S. Tomás, (actual Palácio da Justiça).

26 - As primeiras décadas de história

Em 1889 representava a sociedade dramática *Grémio Taborda*, cuja inauguração se deu a 4 de Julho com récita de gala, com representação de comédias para uma assistência privada, composto por sócios auxiliares, uma vez que os sócios dramáticos eram os próprios actores masculinos, dentre os quais Adelino Veiga, vindo as atrizes, Carlota e Tomásia Veloso, Maria da Conceição Dubini e Maria da Luz, do Porto, de véspera. É nesta altura que Francisco Augusto dos Santos, da *Empresa Dramática Conimbricense*, requer à Câmara autorização para ocupação de terreno público a fim de proceder às obras indicadas em Novembro de 88 pela comissão de engenheiros.

No mesmo ano de 89 era fundada a *Troupe Dramática do Teatro de D. Luís*, composta por operários, que deram a sua 1ª récita em benefício de um colega violeiro, no dia 3 de Agosto, tendo nela tomado parte a atriz Rosalina Lima.

Logo no ano seguinte - 1890 - uma troupe com o mesmo nome, *Troupe Dramática do Teatro de D. Luís de Coimbra*, mas composta por estudantes, maioritariamente de Medicina, iniciou as suas representações contando com as atrizes portuenses Carlota Veloso e Maria da Luz, que já encontráramos a colaborar com o Grémio Taborda. Esta sociedade durou até finais de 1893.

As condições do edifício ditaram uma morte lenta: sucessivas vistorias, interdições e pedidos de obras, colocando o Teatro de D. Luiz sob a ameaça de fecho definitivo¹⁷. Quando Joaquim Martins de Carvalho, escreve sobre os teatros em Coimbra, constava que a junta de paróquia ia requerer a devolução do edifício, uma vez que os espectáculos estavam proibidos pelas autoridades em consequência de inspecções e exigências sucessivas de reformas. Porém, as obras impostas foram sendo iludidas com pequenas reformas anunciadas em princípios de 1889, não escapando a empresa a uma intimação do Governador Civil em 1892 para que cumprisse as disposições resultantes da vistoria de 1888. Daí resultaram novos melhora-

¹⁷ O rigor desta vistorias aumentara certamente depois da tragédia do Teatro Baquet, no Porto, ocorrido em 1888, que provocara vítimas mortais.

mentos, mas logo no ano seguinte se pensou em construir novo teatro, por se achar aquele condenado.

É a *Troupe Dramática Académica* que reabre o D. Luiz em 17 de Fevereiro de 1892, com uma comédia em 3 actos, após um período de encerramento devido às reparações. (Esta companhia amadora tomará no ano seguinte o nome de *Troupe Dramática Académica Luis da Gama* cuja récita inaugural será no Teatro-Circo Príncipe Real¹⁸).

Apesar do mau estado do teatro, nos anos de 1895 e 96 apresentou o D. Luís duas óperas, montadas pelo *Grupo de Amadores* (de música), *Fausto* e *Hernani*, respectivamente

"Dois grupos amadores dramáticos que organizaram em Coimbra para realizar récitas particulares de Carnaval, em 1895 e 1896, no teatro D. Luiz.

Estes dois grupos constituíram-se em condições muito especiais e fora dos usos mais vulgares em Coimbra onde existiu sempre uma grande relutancia em deixar figurar em récitas, ainda com o mais acentuado caracter de particulares, pessoas do sexo feminino. Por isso os grupos dramáticos que conseguiram realizar no Teatro D. Luís as recitas de Carnaval de 1889 e 1896, constituíram um verdadeiro acontecimento, pela sua completa novidade em Coimbra e pelos elementos distintos e valiosos que compunham esses grupos."¹⁹ Foram as últimas apresentações dadas no teatro propriamente dito, pois este é dado em ruína em sessão camarária de 27 de Outubro de 1898, por a parede do lado das escadas de S. Cristóvão ameaçar desabar²⁰.

¹⁸ O Teatro-Circo Príncipe Real tinha em 1890 adquirido terreno à Câmara Municipal, para a construção de uma nova casa, localizada na Avenida Sá da Bandeira, abandonando portanto, as instalações na Rua da Sofia.

¹⁹ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Agosto de 1912.

²⁰ José Pinto Loureiro, "Apontamentos para a história do teatro em Coimbra", *Arquivo Coimbrão*, XII, 1954, p.23.

Os accionistas do Teatro de D. Luiz, ocupados em pagar as dívidas contraídas, não sabiam que destino dar "a esta casa há muito condenada para espectáculos"²¹. O teatro foi adjudicado a Manuel Augusto Rodrigues da Silva, como representante duma empresa que pretendia construir novo teatro, mas que nunca foi avante.

O Teatro de D. Luiz teve, pois, duração de apenas algumas décadas, e as suas apresentações públicas intercaladas e atribuladas por sucessivas reparações e reformas exigidas pelas autoridades de molde a reforçar as condições de segurança. Desde o início, o teatro era "defeituoso" e as suas "dependências (...) muito acanhadas"²², o que juntamente com a concorrência cada vez maior do Teatro Príncipe Real, não lhe possibilitou uma maior longevidade.

As representações, contudo, continuaram num barracão aí levantado, (onde actuou a *Troupe Dramática* - 2ª do nome - e igualmente formada por estudantes, que se constituiu em 1900), mantendo-se até Março de 1908, com actuações quase diárias no Janeiro precedente e algumas em Fevereiro. A última referência é relativa a um espectáculo no dia 14, em benefício do empresário Santos Lucas, impedido de trabalhar pela doença - com o drama *A Morgadinha de Val-Flor*²³.

Este barracão diz José Pinto Loureiro ter sido montado nos terrenos anteriormente ocupados pelo Teatro de D. Luís, que por não ter designação específica, figurava por vezes no noticiário dos jornais como Teatro de D. Luís, demolido anos antes²⁴. Porém, parece-nos que o teatro não tinha sido demolido, encontrando-se apenas parte em ruínas.

21 José Pinto Loureiro, "Apontamentos...", p.23.

22 A.C. Borges de Figueiredo, *Coimbra Antiga e Moderna*, 1886, (ed. Fac-similada de 1996).

23 José Pinto Loureiro, *O Teatro em Coimbra. Elementos para a sua história*, Coimbra, 1964 (reedição de 1959), p.202.

24 Cf. José Pinto Loureiro, *O Teatro em Coimbra*...p. 201-202.

Na verdade, a imagem reproduzida permite ver o aspecto do Teatro de D. Luís cerca de 1906, o que prova que continuava a existir um edifício telhado, de razoáveis proporções, embora sem grandes cuidados estéticos, pelo que nos é dado observar.



Coimbra em 1906

O terreno foi sucessivamente vendido, tendo-se pensado em 1909 construir um clube, mas será por iniciativa de um empresário - Manuel Francisco Esteves - que se ditará o futuro do Teatro de D. Luiz. Este empresário tinha arrendado o Teatro Príncipe Real, que explora até 24 de Junho de 1910, altura em que anuncia ao público a abertura duma nova casa de espectáculos já na época seguinte²⁵, e em que o próprio Teatro do Príncipe Real entrava em remodelação que se prolongaria até

²⁵ *Notícias de Coimbra*, 15/6/1910, nº 285.

meados de Setembro²⁶. Ora a nova casa de espectáculos irá localizar-se no antigo Teatro D. Luiz I.

É de realçar o facto de ser um empresário do Teatro Príncipe Real - que anos antes estivera em concorrência directa com o Teatro D. Luiz - a adquirir o próprio edifício para aí restabelecer um teatro que concorreria com aquele que ele próprio explorara até aí. Este binómio na história das casas de espectáculo de Coimbra, levará futuramente a aguerrida concorrência, que irá durar alguns anos...

Na verdade, Manuel Francisco Esteves, em sociedade com José Guilherme dos Santos procura adquirir ao Sr. França Amado²⁷, conhecido livreiro da cidade, o prédio do antigo Teatro de D. Luiz, o que acontece a 3 de Agosto de 1910, no cartório de Joaquim Gaspar de Matos, tendo como testemunhas os comerciantes Manuel Nunes Ferreira e Joaquim Pessôa dos Santos, pela quantia de um conto e quinhentos mil reis, ficando cada sócio com partes iguais na propriedade (Anexo - Doc. 1).

No mesmo dia, e de facto acto contínuo, os dois sócios contraem um empréstimo no valor de 4 contos de reis a António Alves da Rocha Freitas, com um juro de 5% ao ano (que subiria até aos 7% em caso de relaxe) dando como caução a hipoteca de todos os seus bens, especialmente do "*prédio que se compõe d'um edificio, parte caída em ruínas, aonde em tempo esteve estabelecido o Theatro de Dom Luiz Primeiro*"²⁸. Estes dois factos revelam obviamente o empréstimo ter sido contraído para prover à compra do imóvel, destinando-se os outros dois contos e quinhentos às obras necessárias à reconstrução do teatro.

²⁶ Logo a 12 de Outubro dá-se a passagem do nome do *Theatro do Príncipe Real D. Carlos* para *Theatro Avenida Sá da Bandeira*, em virtude da instauração do regime republicano.

²⁷ Francisco França Amado (n. 1859) natural dos arredores de Coimbra, para onde veio, tendo-se empregado na Livraria Central e depois na de José Augusto Orcel, que adquiriu em fins de 1891, transferida para outra também por ele comprada na Rua Ferreira Borges. Este livreiro foi editor de nomes de vulto da nossa literatura (como António Nobre, a quem custeou a 1ª edição de "Só"), tendo a sua actividade editorial e comercial tido grande repercussão na vida cultural e literária portuguesa entre os finais do séc. XIX e os anos 20 do presente. Cf. Aníbal Pinto de Castro, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o editor França Amado. Correspondência Inédita*, Coimbra, 1979, Separata do Boletim da BGUC, vol. XXXIV, 2ª parte.

²⁸ *Fundo Notarial*, Cartório de Joaquim Gaspar de Matos e José Ferreira Figueiredo dos Santos, Arquivo da Universidade, Livro 161, fl. 37 vº e seguintes.

3. RECONSTRUÇÃO

A remodelação do antigo Teatro de D. Luiz, não ficaria pronta no prazo previsto. Embora, como é normal nas reedificações, se aproveitem alicerces, estruturas, traçados, etc., as obras iriam durar mais de três anos.

Logo após as escrituras, José Guilherme dos Santos pedia licença à Câmara para ocupar a via pública com materiais de obras para a reconstrução do Teatro de D. Luís, licença que lhe é concedida a 19 de Agosto, pelo prazo de dois meses. (Anexo - Doc. 2)

Apostou-se desde logo em colocar a plateia quase ao nível da rua - sendo portanto rebaixada em relação à antiga, que ficava ao nível do 1º andar, (dada o aproveitamento das fundações da igreja de S. Cristóvão, com implantação na colina) - o que obrigou, portanto, à remoção de muitas carradas de terra para conseguir o efeito pretendido²⁹. Pensava-se igualmente em equipar o teatro com duas ordens de camarotes (o que leva a supor que haveria apenas uma).

A planta do novo *Theatro Central*, da autoria de Monteiro de Figueiredo, "conductor das obras publicas"³⁰ encontrava-se exposta no depósito das máquinas Singer em Dezembro de 1910, para despertar a atenção da sociedade, estando as obras já em curso. Esta, porém, só é aprovada na Câmara Municipal, na sessão ordinária do dia 2 de Fevereiro de 1911, presidida por António Augusto Gonçalves, que defere o pedido de licença para reconstrução do antigo Theatro D. Luiz, apresentado por José Guilherme dos Santos em nome da empresa do Theatro Central, com o parecer da Comissão Delegada do Conselho dos Melhoramentos Sanitários.

²⁹ Teriam os vestígios da primitiva igreja, decorada a frescos, sido destruídos?

³⁰ *Gazeta de Coimbra*, 17 de Dezembro de 1910, nº 338.

A licença é concedida, com algumas condições, nomeadamente as impostas pelo regulamento de salubridade das construções urbanas em vigor e várias prescrições técnicas relativamente às instalações sanitárias que se devem construir para a plateia, 1ª e 2ª ordens de camarotes, camarins e empregados no palco; à colocação de um grande lanternim ventilador sobre a sala de espectáculos e outro sobre o palco; à largura e disposição das portas para o exterior; submissão ao projecto proposto com posterior aprovação dos detalhes e ornatos de exteriores; colocação de argolões na fachada para facilitar a actuação dos bombeiros em caso de sinistro, etc. ³¹. (Anexo - Doc. 3)

Estavam, portanto, previstos 48 camarotes em duas ordens e galeria na 3ª ordem para 400 pessoas, além de 500 lugares de plateia³², que se estendia por debaixo da 1ª ida de camarotes³³; porém o número dos camarotes acabou por ser elevado a 60.

A lotação estimada era, assim, de cerca de 1200 pessoas - e diversificada: tinha *"a geral junto ao tecto e aos lados dela alguns camarotes para preços mais inferiores"*³⁴, para além de lugares de varanda, igualmente mais baratos que os lugares de plateia ou que os camarotes mais selectos e dispendiosos.

Isto é, sobre a plateia recuada elevavam-se três andares de camarotes e varandas, ficando estas últimas mesmo junto ao tecto, a uma altura de cerca de 50 metros. Esta disposição interior reflectia-se na fachada, cujo risco mostra os mesmos três andares para além do térreo.

³¹ Cf. Acta da sessão ordinária de 2/2/1911, Arquivo Histórico da CMC, livro 119, fl. 77 v e 78.

³² Possivelmente em 15 filas (A a O) dos dois lados de um eixo central de circulação.

³³ *Gazeta de Coimbra*, 3/9/1910, nº 308

³⁴ *Gazeta...*, 26/2/1913.

Em Dezembro de 1912 ainda se previa a inauguração na época teatral em curso, que porém não se realizou, e em notícia de 26 de Fevereiro de 1913, apontava-se a abertura do "D. Luiz" (parecendo ter havido desistência do nome Teatro Central) para finais do ano:

"Teatro D. Luiz

Temos de chamar-lhe assim, enquanto não tiver nome oficial.

Visitamos ha dias esta nova casa de espectaculos, que provavelmente não poderá ser inaugurado antes de Outubro.

Estão sendo já rebocadas as paredes do palco e dados os primeiros traços de pintura no tecto.

Deve ficar um teatro muito bonito e muito comodo e com lotação para 1:200 pessoas.

Não se trata de uma obra de fancaria, porque os trabalhos de carpinteiro são bons, a principiar pelo tecto do atrio da entrada principal, com enquadramento de madeira."³⁵

Por Março, parece que se ultimavam os preparativos - pintava-se o tecto e o arco do proscénio, trabalho de que tinha sido encarregado António Eliseu³⁶, aguardava-se a chegada de um maquinista do Teatro da República, de Lisboa, para a montagem do palco, a somar ao pano de boca, e de uma vista de jardim, igualmente vindos da capital.

³⁵ *Gazeta de Coimbra*, 26 de Fevereiro de 1913.

³⁶ António Eliseu era pintor de nome em Coimbra e foi nesta altura também encarregado de pintar os cenários para a récita de quintanistas, que constava de "*vistas do Penedo da Saudade, Arco d'Almedina, estação do correio, escola de Tiro de Celas e Museu d'Antiguidades*" in *Gazeta de Coimbra*, 26/3/1913. Referido juntamente com Abel Eliseu por António Nogueira Gonçalves no *Inventário Artístico do Distrito de Coimbra*, Academia Nacional de Belas Artes, 1957, p. XLI.

34 - As primeiras décadas de história

É nesta altura que Manuel Francisco Esteves anuncia o nome oficial do teatro: Teatro Sousa Bastos³⁷, escolha motivada pelo facto de este dramaturgo e empresário famoso em Portugal e Brasil, ter sido tio do novo proprietário e, portanto, seu sobrinho querer assim homenagear a memória do entretanto falecido tio - além de que comercialmente seria uma boa estratégia optar por um nome com fortes conotações no meio teatral, que serviria, certamente, como "carta de apresentação".

³⁷ António de Sousa Bastos, nascido e falecido em Lisboa em 1844 e 1911, respectivamente, foi jornalista, dramaturgo e empresário teatral incansável (cerca de 90 produções teatrais), em grande número de companhias em Portugal e Brasil. Compôs inúmeros dramas românticos, comédias, operetas, fundou e dirigiu jornais e revistas, tendo escrito também alguns livros: *Cousas dos Teatros*, publicado em 1895, *A Carteira do Artista*, em 1898, e o *Dicionário dos Teatros*, obra recentemente reeditada. Casado, em 1894, em segundas núpcias com Palmira Bastos, actriz que o acompanhou nas digressões por Portugal e Brasil.

II. TEATRO SOUSA BASTOS

1913

As obras no Teatro Sousa Bastos prosseguiram, porém, em finais de Agosto e em Outubro de 1913 com a continuação das pinturas. O interior, que impressionava pela sua elegância, era pintado em branco e dourado, enquanto o exterior, com decorações artísticas, era pintado de cor-de-rosa pelo mesmo António Eliseu. Preparava-se igualmente o letreiro identificativo, (ainda na ortografia antiga - *Theatro*, o que será corrigido, embora muita gente a mantivesse)³⁸.

Da frontaria do novo teatro sobressaiam os volumes curvos que terminavam as bandas laterais verticais, ornamentadas cada uma com sua máscara teatral e fitas pendentes, que se ligavam entre si por um friso de arcarias a coroar o pano de fachada. Estas bandas enquadravam paredes com janelas dispostas pelos três andares (de duas folhas de três vidraças cada uma) - que por sua vez, ladeavam um amplo corpo central de remate curvo onde três janelões envidraçados, (sendo maior o do central) deixavam passar a luz em desenho de vitral. Sobre este vão, um frontão de linhas circulares integrado no remate mistilíneo que cobria toda a extensão da fachada, exibia num círculo, a data em números romanos: MCXM. Embora as obras prosseguissem ainda em 1913, era a data de início das mesmas (1910) que figuraria no frontão de remate da fachada do teatro - **MCXM**. A remodelação durava há mais de três anos e parecia ter ultrapassado o orçamento...

A data da inauguração foi sendo sucessivamente adiada, falando-se nesta altura em princípios do ano seguinte, o que se atribui ao facto de se

³⁸ Embora não haja referências ao uso de cor-de-rosa no interior, é possível que esta cor também fosse usada, pois ainda hoje é visível, nas paredes que ladeiam o acesso ao balcão, sob a camada de tinta posteriormente aplicada e que aí está a descascar.

ter feito "um teatro completamente novo, em que se tem gasto muitos contos de reis" (...)dotando a empresa Coimbra com uma excelente casa de espectáculos, que certamente não será explorada com "usura" prestam um grande serviço a esta cidade."³⁹

A modernização passara, portanto, pelas condições de salubridade, segurança, comodidade e elegância: tinha *retretes* e saídas de público em todas as ordens tanto de plateia como de camarotes (o que facilitava o escoamento das pessoas em caso de incêndio); iluminação eléctrica (anunciando-se a experiência da luz eléctrica para breve - o D. Luís tinha sido iluminado a gás); magníficos camarins; camarotes gradeados com belos ferros forjados, mobiliário vindo expressamente do Porto; átrio com tectos de madeira pintados a branco e dourado, etc. Em fins de Março de 1914 muita gente visitava o teatro, achando-o excelente e a própria imprensa será unanime em considerá-lo a melhor casa de espectáculos de Coimbra, sendo "elegante" o epíteto mais repetido ao longo dos anos. Na verdade, o teatro seria um dos poucos edifícios de arquitectura moderna na cidade, liberto dos princípios revivalistas do século anterior, apostando numa imagem nova, buscando as linhas sinuosas, curvas e convexas da *arte nova*, a sua concepção decorativa como parte integrante da forma e sua função, isto é, a subordinação do ornamento à arquitectura e funcionalidade, aqui patentes na decoração das bandas, no frontão de volumes convexos, na ligação linear entre as três portas, no desenho dos vitrais⁴⁰, etc. No panorama da cidade, este era, sem margem para dúvidas, um edifício elegante⁴¹, destacando-se pelas suas linhas do casario envolvente.

³⁹ *Gazeta de Coimbra*, 4/10/1913. Esta menção à usura provém do facto de a empresa do Teatro Avenida (antigo Príncipe Real) ter uma posição monopolista na cidade - e que gerou alguma polémica nos jornais da época - o que lhe permitia praticar preços mais elevados que os praticados noutras cidades do país.

⁴⁰ Só foi possível reconstituir o desenho do terço superior, ignorando-se o desenho dos dois terços inferiores, mas que prolongariam certamente a "força" da linha [na óptica de Van de Velde].

⁴¹ Infelizmente não conseguimos elementos que nos permitissem a reconstituição da decoração interior, mas que pela alusão aos ferros forjados, devia ser igualmente Arte Nova.



1914

A abertura do teatro ao público, contudo, e tal como hoje, não estava apenas dependente da conclusão das obras, sendo obrigatório obter as necessárias autorizações e vistorias legais, que demoravam o seu tempo. Assim, a inauguração anunciada para meados de Maio de 1914 só se verificou em Junho, pois apenas em 16 de Abril foi exarada autorização pela Administração Geral dos Correios e Telégrafos, através da Direcção dos respectivos Serviços Técnicos, para o estabelecimento da instalação eléctrica, condição necessária para solicitar a licença de porta aberta, diligência esta que coube a Manuel Francisco Esteves que se encontra autorizada a 4 de Junho seguinte, através do alvará n.º 77 emitido pelo Governo Civil de Coimbra, concedendo a licença, neste caso, para dar espectáculos públicos, pelo prazo de seis meses (Cf. Anexos - Doc. 4).



O empresário, "homem de iniciativa", não descurava igualmente a divulgação do novo teatro e da sua abertura iminente, o que era feito regularmente pelo seu amigo da *Gazeta de Coimbra*, que dirigia à nova casa os maiores encómios:

"É uma bela casa de espectáculos que honra Coimbra.

Quando iluminada a luz electrica produz um efeito esplendido duma grande belesa e encanto.

A casa é não só bonita, mas cheia de comodidades, tendo saídas laterais em todas as ordens de camarotes.

O sr. Manuel Francisco Esteves, empresario desse teatro não se poupou a despesas para que ele ficasse uma obra perfeita, onde o publico se sintam bem."(...)

(...) "O Teatro de Sousa Bastos é uma esplendida casa de espectáculos que faz honra ao seu proprietario o nosso amigo sr. Manuel Francisco Esteves, que não se poupou a sacrificios para dotar a nossa terra com um teatro belo, confortavel e elegante, satisfazendo a todas as condições de segurança.

(...) O sr. Esteves não se importou de demorar por muito tempo a inauguração do seu teatro, só pelo empenho de que saísse uma obra perfeita onde o publico se sintam bem pela vista e comodidade. E conseguiu-o.

O teatro, profusamente iluminado a luz electrica, é dum efeito deslumbrante. Poucos teatros de provincia o poderão igualar e até mesmo em Lisboa e Porto não há muitos que o suplantem."⁴²

⁴² *Gazeta de Coimbra*, 6 de Maio de 1914.

I. A INAUGURAÇÃO

A inauguração do Teatro Sousa Bastos a 15 de Junho de 1914, foi feita pela Companhia do Teatro Avenida de Lisboa.

A escolha desta companhia tem várias explicações. Em 1º lugar era uma companhia da capital, composta por actores e actrizes proeminentes na cena nacional, em 2º lugar, a sua figura de proa era Palmira Bastos, viúva de Sousa Bastos que dava o nome ao teatro: *"Vem inaugurar o teatro a companhia do Teatro Avenida de Lisboa, de que fazem parte Palmira Bastos, viuva de Sousa Bastos, e a 1ª artista portuguesa de opera-comica, e José Ricardo, um dos actores mais queridos das plateias e tambem de maiores recursos dramaticos."* Em 3º, a série de espectáculos que a Companhia apresentava, na verdade, *"as melhores peças do seu magnifico repertorio"* - o que dava o tom ao teatro, distinguindo-o dos espectáculos que paulatinamente, desde as últimas décadas do século XIX, tinham vindo a substituir as representações dramáticas por espectáculos ginásticos, acrobáticos, equestres, cómicos, mímicos, de ilusionismo, em recintos denominados Teatro-Circo.

O Teatro Sousa Bastos demarcava-se assim destes espectáculos mais populares e atrairia uma clientela mais selecta e fina, para o que contribuía também o cuidado posto na reconstrução do edifício, demorada e com requintes, como é apregoado várias vezes na *Gazeta* local.

De facto, a escolha do empresário para a inauguração veio a demonstrar-se acertada, pois que sendo esta a 15 de Junho - e o primeiro anúncio na imprensa só ter sido publicado a 13 - já a 6 de Maio se noticiava na *Gazeta de Coimbra* que *"É tal o empenho de assistir a estes espectaculos que parte da casa já se acha passada a gente de Coimbra e de fora."* No dia 5 antecedente já não havia assinaturas para os camarotes de 1ª e 2ª ordem, o que mostra que os primeiros a ser atraídos pelo evento foi a sociedade mais abonada.

Além de Palmira Bastos⁴³, considerada a primeira artista portuguesa de ópera-cômica, e José Ricardo⁴⁴ actor dramático, integravam a Companhia, Etelvina Serra⁴⁵, Sofia Santos⁴⁶, Almeida Cruz⁴⁷, Estevão Amarante⁴⁸, entre outros, artistas que realmente marcaram a cena portuguesa, alguns deles ainda durante décadas.

A notícia de 17 de Junho, 4ª feira (a par de outro anúncio do programa referente ao próprio dia, e até ao domingo seguinte - ver Anúncios do Sousa Bastos) dá-nos conta da estreia que se realizara dois dias antes:

⁴³ Palmira Bastos (1875-1967) é considerada uma das maiores atrizes do teatro português, tendo ocupado durante décadas (estреou-se a 1890 e esteve activa até 1938) o 1º lugar da cena portuguesa. Trabalhou em quase todos os teatros nacionais e brasileiros (fez 11 digressões ao Brasil), e em todos os géneros teatrais, drama e comédia, opereta, vaudeville, revista, etc., com um imenso repertório. Integrou inúmeras companhias de opereta: a de Sousa Bastos, (com quem casou antes dos 20 anos, com uma diferença de 31), a de Afonso Taveira, a de Luiz Galhardo (que aqui vemos a fazer as apresentações e encómios), a de Armando de Vasconcelos, etc. Após enviuvar, casou em segundas núpcias com o colega actor-cantor Almeida Cruz, (que também aqui vemos presente nesta estreia). Palmira Bastos interpretou também um papel no filme mudo *O Destino*, produzido pela Invicta Film.

⁴⁴ José Ricardo (1860-1925) actor dramático, que desde cedo acompanhou a vida teatral por intermédio do pai, António Ricardo. Estreou-se com 12 anos, e além de actor foi também empresário. Após a digressão ao Brasil em 1895, trocou o Porto por Lisboa onde dirigiu o Teatro da Trindade e Avenida. Novamente de regresso do Brasil, representou longamente no Teatro D. Amélia (depois S. Luís) e D. Maria. Representou em todos os géneros teatrais.

⁴⁵ Maria Etelvina Schreyer Serra (n. 1882) Teve formação no Conservatório Nacional de Lisboa em Canto e Arte Dramática. Estreou-se no Teatro Avenida em 1904 o que quer dizer que contava com 10 anos de actuações e colaborações publicadas em revistas da especialidade, quando veio a Coimbra inaugurar o Sousa Bastos. Tal como os seus companheiros fez diversas digressões ao Brasil e representou todos os géneros teatrais, até 1920, ano em que se retira.

⁴⁶ Maria Sofia dos Santos Gomes (1869-1945, em Lisboa), estreou-se num pequeno papel em Beja com 16 anos, tendo sido em 1885 que verdadeiramente iniciou a sua carreira como actriz na comédia *Maridos que Choram*. Actuou em todos os géneros teatrais tanto em Portugal, ilhas, Brasil e Espanha, e também frequentemente para o cinema mudo e sonoro, sendo os filmes mais conhecidos: *A Castelã das Berlengas*, *Canção de Lisboa*, *Pai Tirano*, *Amor de Perdição*, *Violino do João*, etc.

⁴⁷ António Monteiro de Sousa de Almeida Cruz, (n.1879) estreou-se na companhia de José Ricardo e Gouveia. Actor-cantor, empresário e ensaiador, trabalhou, para além do Brasil, no Uruguai e Argentina. Do seu elenco mais conhecido constam também as peças aqui representadas: *Amores de Zingaro*, *Maridos Alegres*, *Amor de Máscara*, *Rainha das Rosas*, *Amor de Príncipes*. O seu casamento com Palmira Bastos, foi posterior à sua estadia na inauguração do Teatro Sousa Bastos.

⁴⁸ Estevão Amarante da Silva (n. 1889) estreou-se a 1901 ainda criança. Entrou para o Teatro Avenida em 1906, onde o vemos nesta estreia, para papéis de revista, percorreu todo o continente, ilhas e Brasil, algumas vezes com companhias suas. Criou alguns tipos como o "Ganga" para o Éden Teatro. Ainda na década de 30, trabalhava com a sua colega Palmira Bastos, no Teatro Nacional Almeida Garrett.

"Inauguração do Teatro de Sousa Bastos

Com uma enchente à cunha foi inaugurado na segunda feira o bonito Teatro de Sousa Bastos, cujo aspecto agradou muito a todos os espectadores.

O espectáculo principiou por um breve discurso do empresario da companhia do Teatro Avenida de Lisboa, sr. Luis Galhardo⁴⁹, enaltecendo a memoria de Sousa Bastos, escritor dramaturgo, ensaiador e empresario que se destacou entre os do seu tempo que trabalharam no teatro. Fez igualmente um grande elogio a Palmira Bastos, sua viuva (...)

Seguiu-se a bonita opereta em três actos A Rainha das Rosas, bela principalmente pela musica.

Palmira Bastos, José Ricardo e Almeida Cruz, a cargo de quem estão os papeis principais, muito bem.

No final do espectáculo houve chamadas especiais a estes artistas e ao empresario de teatro, o sr. Manuel Francisco Esteves."

"(...) Foi uma noite de festa, de brilho e de animação. O publico enchia completamente a casa, estava radiante, sentia-se ali bem (...)"

"Ontem representou-se a opereta Maridos Alegres, que é cheia de graça, despertando grande gargalhada, Palmira, Etelvina Serra, José Ricardo e Estevam Amarante sobressaem nesta peça, merecendo muitos aplausos. O segundo acto desta peça é um acto cheio.

Hoje a opereta Helda e amanhã Amor de Mascara.

A concorrência tem sido extarordinaria (...) tendo acabado os bilhetes.

⁴⁹ Luís Galhardo (1874-1929, em Lisboa). A par da carreira militar era oficial do exército, chegando a tenente-coronel em 1919, foi jornalista, escritor e empresário teatral. Escreveu grande número de revistas, e trabalhou na tradução de operetas, nomeadamente nas que se apresentaram nesta altura no Teatro Sousa Bastos, quando ainda era capitão. Foi empresário de vários teatros: Avenida, Maria Vitória, Rua-dos-Condes, Ginásio, Apolo, Trindade, S. Luís, Variedades e primitivo Eden, (e por vezes empresário-gerente de quatro e cinco companhias teatrais em simultâneo) e administrador do Teatro Nacional de S. Carlos em 1922 e 23. Fundou a Associação dos Trabalhadores de Imprensa e a Sociedade de Materiais de Teatro. Criou várias empresas nomeadamente a que fez construir o primeiro Eden, o Parque Mayer, o Teatro Maria Vitória e Variedades. Possuiu a comenda da Ordem Militar de Cristo.

Os espectáculos teem decorrido em muita ordem e socêgo, respeitando-se assim aquela bela casa(...)"

As récitas inaugurais tinham sido um êxito, havendo mesmo matinée, a pedido, às 3 horas da tarde no dia 21, Domingo, o que totalizara oito representações. Os espectáculos nocturnos, esses iniciavam-se às 20 horas (Cf. Programação).

A seguir à inauguração fez-se silêncio na imprensa acerca da actividade do novo teatro de Coimbra, devendo talvez considerar-se um período de encerramento devido às férias grandes, altura em que elevado número de pessoas se deslocava para a Figueira da Foz, a banhos.

Embora efectuada por uma companhia profissional, as récitas do Teatro Sousa Bastos, tinham mantido a vertente teatral do seu antecessor D. Luís. A escolha de óperas-cómicas apelava a um público heterogéneo, pois se envolvia alguma intelectualidade devido ao canto lírico, revestia-se duma certa descontração, por ser cómica, sem no entanto "cair" nos populares espectáculos de variedades.

Será só no Outono seguinte que uma nova página se abrirá naquele espaço, com o advento do cinema.

2. ANIMATÓGRAFO

A divulgação do cinema começara em barracas de feira, especialmente feita através da firma francesa Pathé⁵⁰, o que habituara a população portuguesa a este tipo de espectáculos. Em Coimbra, este novo espectáculo levou naturalmente a um decréscimo das sociedades dramáticas e dos espectáculos teatrais em geral, que enorme volume tinham registado, como vimos, na centúria anterior.

A tendência dos espectáculos de entretenimento era, cada vez mais, a profissional, quer pelas sessões de animatógrafo - que pelas suas características intrínsecas pressupunha uma indústria - ainda que incipiente - quer pelos artistas de variedades, que circulavam pelo(s) país(es). A moda era, pois, proporcionar ao público espectáculos de variedades e sessões de animatógrafo, não separadamente, mas no mesmo espaço físico e até intercalados entre si, acompanhados normalmente por um grupo musical, que obstava à mudez das fitas.

Nesta altura, em Coimbra, esta actividade estava monopolizada pelo Teatro Avenida, que conseguira inviabilizar as sessões no Salão da *Associação dos Artistas*, que durara cerca de um ano (de Março de 1913 a Fevereiro de 1914, com interregnos). É em Outubro de 1914, na nova época teatral, que o Teatro Sousa Bastos anuncia a inauguração das suas sessões de animatógrafo, entrando assim em concorrência directa com o Teatro Avenida, tendo-lhe inclusivamente "subtraído" o operador do animatógrafo Carlos Clemente, que desde o 1º de Outubro deixara de estar ao serviço daquela empresa.

O animatógrafo vai ser explorado não pelo proprietário do Teatro Sousa Bastos, Manuel Esteves, mas sim por uma nova empresa constituída para o efeito, composta por Juvenal Paiva e Manuel Ferreira de Carvalho, e que é

⁵⁰ Manuel de Azevedo, "Cinema em Portugal", *Dicionário de História de Portugal*, Porto, 1981.

futuramente referida na imprensa como Empresa do Teatro Sousa Bastos, a empresa do cinematógrafo ou *Carvalho e C^a* ⁵¹.

2.1. CARVALHO & C^A.

Por finais do mês a empresa de animatógrafo providenciara contrato com uma casa fornecedora de fitas de Lisboa, que segundo a imprensa, garantia "*a remessa das mais aparatosas e de melhor efeito*"⁵².

A preparar as sessões animatográficas apresentava-se no domingo, 1^o de Novembro, em *matinée* por convite, o quarteto dirigido por Tomás de Lima⁵³, organizado por artistas de Lisboa, complemento essencial para as exibições cinematográficas. Os *films*, mudos, exigiam um acompanhamento musical, que normalmente abria a sessão.

Tomás de Lima, considerado violinista e compositor insigne, era acompanhado ao violoncelo por Maurício Indias, ao piano por Armando Leça e no contrabaixo por José Antunes.

O concerto constava da *Fantasia Nacional*, de autoria do próprio maestro, solos de violino e violoncelo e *Sonata* executada ao piano pelo seu autor, Armando Leça.

A assistência convidada, composta pelas famílias da "*elite conimbricense*", aplaudiu muito a apresentação do quarteto que antecedeu a estreia das sessões cinematográficas nocturnas, que resultaria numa "*casa à cunha(...)*agradando muito as fitas"⁵⁴.

⁵¹ Estaria o gerente já sem condições de fazer novos investimentos, uma vez que, como suspeitamos, tinha ultrapassado o orçamento de 2 500\$00 na reconstrução do teatro? Talvez se explique assim a constituição da nova sociedade Carvalho & C^a para exploração do animatógrafo, apenas quatro meses após a inauguração do teatro - uma vez que o próprio Manuel Francisco Esteves tivera a seu cargo o Teatro Avenida, que contemplava exactamente este tipo de espectáculos.

⁵² *Gazeta de Coimbra*, 28 de Outubro de 1914.

⁵³ Tomás de Lima (1887-1958). Maestro e compositor português, que desde cedo começou a dirigir composições originais, sendo a mais célebre *A Moabita*. Foi professor no Conservatório Nacional.

⁵⁴ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Novembro de 1914.

A imprensa referia os *"sacrifícios da empresa, que não olha a despêsas para oferecer boa música e magníficas fitas"*⁵⁵, o que deixa supôr que os empresários faziam grandes investimentos para apresentar espectáculos de qualidade, pois tinham entrado em concorrência directa com o Teatro Avenida.

As *soirées da moda*, que começavam às 20 horas, eram normalmente em partes, intercalando actuações puramente sinfónicas, com exibição de artistas de variedades, e de *films* divididos também em *quadros*, ou *actos*, numa extensão da linguagem teatral ao cinema.

Daqui para a frente alteraram-se substancialmente as características da actividade deste novo teatro em relação ao seu precedente D. Luís, aderindo preponderantemente à nova "arte para grandes audiências" em detrimento dos espectáculos teatrais propriamente ditos, fosse por grupos amadores dramáticos fosse por companhias profissionais.

Na verdade, a partir desta altura as sessões de animatógrafo passaram a ser diárias, com acompanhamento e complemento musical e de variedades. Os *films* exibidos pertenciam às *"acreditadissimas casas de cinematografia: Nordisk, Gaumont, Aquila e Vitagraph"*⁵⁶.

O tom é-nos dado por esta notícia de 7 de Novembro, da *Gazeta* local, dia em que é também publicado o 1º anúncio da nova programação mista:

"Todas as noites se vão realizando neste elegante teatro sessões de cinematografo que teem agradado muito.

Recomendam-se estes espectaculos muito mais pelo excelente quarteto, dirigido pelo distinto violinista Tomaz de Lima, que todas as noites executa solos, sempre ouvidos com grande atenção e sempre cobertos de aplausos. Ontem fizeram ali a sua estreia os afamados duetistas franco-brasileiros "Les Guercolis", chamados os Reis do Tango. São excelentes artistas no seu genero, mercendo por isso muitas palmas as suas danças e cançonetas."

⁵⁵ *Gazeta de Coimbra*, 31 de Outubro de 1914.

⁵⁶ *Gazeta de Coimbra*, 11 de Novembro de 1914.

Como podemos constatar pelo próprio anúncio, o programa que se iniciava com o quarteto, seguia com exibição do *film Princesa Bedford*, em um prólogo e 4 actos, e dos duetistas *Les Gercolis*; após o intervalo, a 2ª parte abria igualmente com o quarteto, seguia com uma fita natural *Domadores de Cavalos*; nova intervenção do quarteto sob a forma de solos de violoncelo; um *film* em 5 actos com 2.500 metros denominado *Última Dança*; e a finalizar, a segunda apresentação da noite dos reis do Maxixe, num total de 9 partes. Era normal a indicação da metragem dos filmes, para esclarecimento do público da qualidade das exibições - "medida a metro".

A tipologia programática das *soirées da moda* era, portanto, em partes, (que por vezes atingiam as 10) divididas em dois blocos separados por intervalo.

Desde a inauguração do cinematógrafo até final do ano a programação constou essencialmente de exibição de fitas de vários géneros (englobando as policiais, as cómicas, as "naturais") em parceria com apresentação de espectáculos de variedades que englobavam dançarinos, acrobatas, malabaristas, barristas, não havendo já grande diferenciação em relação aos espectáculos de teatro-circo, que já mencionámos⁵⁷.

Os artistas eram itinerantes e como referência eram por vezes citados os lugares onde se tinham apresentado por último ou onde tinham obtido maior sucesso, como é observável na seguinte notícia da *Gazeta de Coimbra*, de 18 de Novembro de 1914:

"Estreiam-se hoje neste teatro os afamados duetistas comicos Les Baguires, que durante muito tempo fizeram grande successo no Salão Passos Manuel, do Porto. São os criadores da grande Fatima e teem no seu repertorio interessantes bailados arabes."

⁵⁷ É de referir que, para a apresentação deste tipo de entretenimentos, era necessário montar dispositivos de ginástica (nomeadamente as barras para os barristas).

Desta programação temos a destacar, pelas características diversas, um sarau em benefício dos estudantes pobres realizado no dia 20 de Novembro, com bastante assistência, que constou de música, poesias, discurso proferido por José de Noronha, conferência dada pela D. Maria Feio, fado e guitarradas cantados por estudantes e acompanhado por Antero da Veiga, assalto à espada francesa e participação da distinta pianista D. Adozinda Paiva - certamente pessoas gradas na cidade pois, a notícia que as referia não dava quaisquer esclarecimentos adicionais.

Outra programação, mais erudita, foi proposta por finais do mês pela Empresa do Teatro Sousa Bastos, a "empresa do animatografo", que anunciava a realização de *matinéés-concerto*, com duração aproximada de 2 horas e que dinamizariam a cidade quinzenalmente. O primeiro concerto seria da responsabilidade do quarteto residente, para além de artistas convidados dos quais se destacava Emiliana Salgado, cantora lírica que obtivera o 1º prémio do Real Conservatório de Madrid e que cantará neste primeiro concerto de 29 de Novembro. O concerto incluía trechos da *Carmen* (melodia romanza *Micaela*) e variações do *Barbeiro de Sevilha*.

A 1 de Dezembro apresentava-se em estreia uma outra cantora lírica Henriqueta Dargalo, e no dia 7 novo sarau se realizava no Teatro Sousa Bastos - desta feita tendo como principal elemento o pianista Viana da Mota⁵⁸. O programa do sarau "*abriu pelo hino académico executado pela Tuna Académica e ouvido de pé por todos os espectadores seguindo-se o ilustre professor da Faculdade de Letras, sr. Dr. Alves dos Santos, que fez a apresentação do grande e notável pianista Viana da Mota, o artista consagrado que honra o seu país, tanto dentro dele, como lá fora. (...)*

⁵⁸ Viana da Mota (1868-1948) iniciou a sua carreira com o patrocínio da família real na década de 1880, e foi um dos pianistas mais notáveis do seu tempo. De 1918 a 38 foi director do Conservatório Nacional de Lisboa. Fomentou a composição de música nacionalista de inspiração folclórica. Na altura que vem actuar ao Teatro Sousa Bastos era já muito conhecido. Pertencia à melhor sociedade, tendo mesmo jantares diplomáticos oferecidos em sua honra alguns anos depois, nomeadamente pelo embaixador francês, em 1921. Em 1999 realizou-se uma exposição no *Museu da Música*, comemorando o cinquentário do seu falecimento - "Viana da Mota, 50 anos depois da sua morte".

(...) *Os academicos Mota Guedes e Acacio Leitão recitaram versos, sendo recebidos também com muitos aplausos. A festa da noite, porém era dedicada a Viana da Mota e todas as atenções se lhe dirigiam. (...)*⁵⁹.

A vinda de José Viana da Mota ao Sousa Bastos, devia-se, porém, não à empresa mas à iniciativa da Associação Académica que escolhera o Teatro Sousa Bastos para efectuar o primeiro duma série de saraus. Não é de estranhar na assistência a presença de "*muitas das principais famílias conimbricenses*", embora na plateia predominasse "*o elemento académico*", por se tratar de um dos mais conceituados pianistas da época, a meio dum percurso de grande sucesso. A imprensa destacava o facto de Viana da Mota tocar num piano Bechstein, não nos dando indicação, porém, de ser o da casa ou ter sido trazido especialmente para a ocasião.

1915 A Empresa do Teatro Sousa Bastos, Carvalho & C^a, dedicava-se a trazer a Coimbra "*os melhores artistas de variedades que teem vindo a Portugal*"⁶⁰ e a tentar obter os melhores *films*. Porém, não só artistas estrangeiros animavam as plateias e em meados de Janeiro de 1915 as notícias referiam casa cheia todas as noites devido ao êxito do cómico português Alfredo d'Albuquerque que estreara a 14 de Janeiro e que, por esse facto, era contratado também para as récitas de Carnaval.

Acentuamos uma vez mais a similaridade dos espectáculos do Teatro Sousa Bastos com os que se apresentavam em Coimbra nos teatros-circo, pois tanto os artistas como os números que apresentavam não diferiam dos de circo - eram de circo. Com efeito ao frisar os esforços da Empresa do cinematógrafo, a *Gazeta* escreve a 13 de Janeiro:

⁵⁹ *Gazeta de Coimbra*, 9 de Dezembro de 1914.

⁶⁰ *Gazeta de Coimbra*, 13 de Janeiro de 1915.

"A empresa do cinematografo tem trazido a Coimbra os melhores artistas de variedades que teem vindo a Portugal, não olhando ao preço elevado porque são contratados esses artistas os Canadienses, são, como os barristas Banol, artistas dos mais distintos e dignos de trabalhar nos melhores circos estrangeiros."

Os artistas que acompanhavam as exibições cinematográficas eram de acompanhamento, nunca valendo por si só para preencher uma noite de espectáculo, e daí alguns poucos anúncios individuais a publicitar os que surgiam com maior projecção. (ver Os Anúncios do Sousa Bastos) De reter igualmente os preços praticados nesta altura que oscilavam entre os 60, 80 e 160 reis cada bilhete⁶¹ - preços populares por espectáculos populares. Estes preços, destinados a competir com o Teatro Avenida, não possibilitavam certamente grandes lucros, e talvez por esses motivos, logo quatro meses após a constituição da empresa Carvalho & C^a, esta se dissolve, terminando também as sessões de cinematógrafo.

⁶¹ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Fevereiro de 1915.

3. MANUEL FRANCISCO ESTEVES

Estando a empresa dissolvida a 16 de Fevereiro de 1915, logo a 6 de Março o Teatro Sousa Bastos retomava o tipo de programação que caracterizara a sua inauguração cerca de um ano antes, inclusivamente com os mesmos artistas, agora a trabalhar já não no Teatro Avenida de Lisboa, mas no Éden Teatro. Era novamente o proprietário do Teatro Sousa Bastos, Manuel Francisco Esteves, que geria os destinos da casa.

De facto, a *Gazeta de Coimbra* anunciava que

"Principiam no dia 6 de Março, no Teatro de Sousa Bastos as quatro récitas de assinatura da companhia de opera comica e opereta do Eden Teatro, de Lisboa, de que fazem parte os artistas Palmira Bastos, Etelvina Serra, Cremilde de Oliveira e José Ricardo, Joaquim Costa, Estevam Amaranite, Almeida Cruz, Armando de Vasconcelos, etc.

As peças escolhidas são: Princesa dos Dollars, Burro do sr. Alcaide, Marido Feliz e Rainha do Animatografo.

O distinto tenor Amadeu Ferrari (...) também vem a Coimbra para tomar parte nesta peça.

A orquestra é composta dos professores do Eden Teatro sob a regencia do distinto maestro Assis Pacheco. O scenario é belo e o guarda roupa riquissimo⁶².

Dada a natureza da programação, com uma companhia lisboeta repleta de nomes sonantes, para além de trazer inclusivamente a sua própria orquestra e cenários, seria a clientela "chique" a primeira a ser atraída pelos espectáculos, e, tal como no ano anterior foram, os camarotes de 1ª ordem a esgotar mais depressa. Tal como acontecera com a Companhia do Teatro Avenida, a Companhia do Éden Teatro, devido ao êxito alcançado alargará

⁶² *Gazeta de Coimbra*, 27 de Fevereiro de 1915.

o número de representações previstas inicialmente para os dias 6, 7, 8 e 9, ficando em cena até ao dia 10 com uma récita inédita em Coimbra - *A Flor da rua* e dia 11 com a opereta cômica *O Solar dos Barrigas*.

Não obstante, a clientela chique não daria para manter o teatro aberto, por não alcançar quantitativamente o índice populacional necessário a rentabilizar as apresentações de companhias profissionais de fora, mesmo que estas se deslocassem frequentemente a Coimbra. Com efeito, embora Manuel Esteves anunciasse o intuito de contratar outras companhias lisboetas, logo a 24 do mesmo mês de Março, o elegante teatro reabria as suas portas para retomar as sessões de cinematógrafo, com filmes distribuídos pela Empresa Internacional de Cinematografia.

Nesta altura o quarteto passava a sexteto, com a adição de dois violinistas: Ribeiro Alves e José Eliseu, e em meados de Abril o violoncelista Maurício Índias era substituído por Luís Antunes, possivelmente familiar de José Antunes, que se mantinha no contrabaixo.

A reabertura das sessões contava em relação às variedades, com um "excelente grupo de formosas espanholas em exercícios de tiro ao alvo"⁶³.

A 7 do seguinte mês de Abril a programação cinematográfica fazia eco do estado de guerra que se sentia na Europa, com a exibição d'*A Voz da Pátria*, em 2 actos e *O Sacrificio* "film com assuntos da guerra ocidental-austro-germanica"⁶⁴, em quatro partes. De referir uma vez mais a transposição da linguagem teatral para o contexto cinematográfico: tal como uma peça de teatro ou uma ópera, o filme dividia-se em actos e este em partes, cenas ou quadros, consoante o número de cenários em que as cenas eram representados ou neste caso, filmadas. A *soirée* seguia com fitas cômicas, *O cão da Serafina* e *Kri-kri prestidigitador*, para além da fita natural *Pescarias em Hanover*.

⁶³ *Gazeta de Coimbra*, 24 de Março de 1915.

⁶⁴ *Gazeta de Coimbra*, 7 de Abril de 1915.

Em Maio falava-se na próxima subida à cena numa das noites de festa do Teatro Sousa Bastos de um novo drama de Oliveiros Braz Machado, "modesto sacerdote das Letras", *Amor e Remorso*, em 3 actos⁶⁵.

A programação do Teatro Sousa Bastos retomava a vertente de espectáculos mais populares, prosseguindo com os duetistas e caricaturistas *The Dulias* durante o mês de Abril. Para melhor se perceber o espírito de que se revestiam algumas destas variedades, transcrevemos uma notícia que comenta um artigo relativo às plateias de Coimbra:

"O Imparcial publica no seu ultimo numero um pequeno artigo (...) Lembra o autor do artigo que as empresas tenham mais escrupulos na escolha de companhias de variedades de Cinematografo, recordando que, ha poucos dias, assistiu a um espectáculo de animatografo em que as variedades eram de tal modo livres que melhor fôra pôr-lhe o rotulo "Só para homens!"

Ainda bem que o sr. S.M. concorda que a plateia de Coimbra é a mais exigente; mas para espectaculos de animatografos, com preços de 60, 80 e 160 reis cada bilhete, não se podem mandar vir artistas consagrados de reconhecido merecimento.

Não é por este preço que o publico tem direito a reclamar mais e melhor.

(...)

Os artistas que veem para os animatografos são em geral modestos - Não podem ser outra coisa desde que veem ganhar fraca remuneração. Tem direito a ser bem tratados desde que apresentem trabalhos limpos e decentes.(...)"⁶⁶

É possível que este estado de coisas saturasse alguns conimbricenses, pois o Teatro Sousa Bastos acabava por não constituir alternativa real ao Teatro Avenida, que exhibia o mesmo tipo de espectáculos. Talvez por isso, em Junho, fala-se em organizar uma companhia dramática "que exploraria

⁶⁵ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Maio de 1915.

⁶⁶ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Fevereiro de 1915. *O Imparcial* era um semanário de estudantes católicos de Coimbra, que se editou entre 1912 e 1919.

*o genero comedia, opereta e revista e funcionaria no Teatro de Sousa Bastos, se a empresa aceitasse a sua proposta.*⁶⁷

Contudo, nada se concretizou e fez-se silêncio sobre o Teatro Sousa Bastos, com eventual ressalva para ao final do ano onde se acusa a incorrecção com que *"alguns briosos se conservam no cinematografo. Ha dias a engraçada personalidade de um desses briosos, levou a audacia ao cumulo de arrumar projecteis para cima dos espectadores, indo alguns deles atingir os executantes do sexteto que indignados e com razão com tal mostra de civilidade, se recusaram a continuar a sua profissão artistica.*⁶⁸

Tratar-se-ia do Teatro Sousa Bastos uma vez que a notícia refere o *sexteto*?

Não devemos esquecer que, com maior tradição neste tipo de entretenimento existia o Teatro Avenida, herdeiro do Teatro-Circo Príncipe Real, de tradição popular, enquanto que o Sousa Bastos é sempre apelidado de elegante, chique - ora a clientela chique não chegaria, numa cidade com a dimensão de Coimbra, para sustentar um teatro, com uma programação vertiginosa, como se usava pelos moldes da época, em que quase diariamente os *films* exibidos em número de três e quatro, para além de variedades, normalmente em número de duas, mudavam constantemente.

Talvez o empresário se ressentisse igualmente da localização do teatro (ver planta da cidade) - à partida estratégica por ser no Bairro Alto e próximo do Bairro Baixo - mas afinal *"casa tão esquecida na estreiteza humilde de algumas ruas do bairro latino"* que o escondiam das vistas⁶⁹, e pela expansão iniciada noutras zonas da cidade, que mais facilmente se deslocariam ao Teatro Avenida, com implantação numa artéria desafogada, e de todos visível.

⁶⁷ *Gazeta de Coimbra*, 23 de Junho de 1915.

⁶⁸ *Gazeta de Coimbra*, 11 de Dezembro de 1915.

⁶⁹ *Gazeta de Coimbra*, 7 de Novembro de 1916. Em 15 de Novembro o jornalista avança mesmo com a ideia de alargar a Rua Joaquim Antonio de Aguiar atendendo à circunstância de existir ali próximo o Teatro Sousa Bastos, entalado entre ruas estreitas, uma vez que as casas de esquina estavam para ser vendidas e a Câmara podia deitá-las abaixo para fazer o alargamento.

De notar também que a situação do país não era das melhores, dados os condicionalismos económicos fruto das desinteligências republicanas e da guerra, a escassez de bens essenciais e carestia de vida, que o Inverno rigoroso de 1915 não viera melhorar⁷⁰.

Talvez por estes motivos, que poderiam ter causado algum cansaço no empresário, provocada por falta de liquidez devida a pouca afluência do público, o Teatro Sousa Bastos encerrava em data indeterminada. A confirmar esta situação de endividamento encontramos a decisão tomada a 1 de Julho pela Câmara dos seus serviços municipalizados cobrarem "*judicialmente dos proprietários do Teatro Sousa Bastos, ou seus fiadores, a importância em dívida de 179\$65 do consumo d'água e gaz, nos meses de março, abril e maio, em dívida, para o que autoriza o respectivo Presidente por si ou procurador bastante a pôr a acção em juízo.*"⁷¹

1916

Pela notícia da *Gazeta de Coimbra* do 1º de Janeiro de 1916, através de uma concordata a homologar pelo Tribunal Comercial, o teatro ficaria a pertencer exclusivamente ao sócio de Manuel Francisco Esteves, José Guilherme dos Santos. A resolução do tribunal tomada no dia 7 foi favorável à concordata, onde certamente se terão negociado as dívidas pela cedência dos direitos de propriedade sobre o imóvel, e o teatro reabria a 17 de Fevereiro de 1916, precisamente um ano após a dissolução da empresa Carvalho e C^a.

⁷⁰ Cf. Acta da sessão camarária de 4 de Março de 1915, Arquivo Histórico da CMC, livro 123, fl. 80 v, onde a minoria democrática exprimiu o seu desacordo "*com qualquer aumento de preço de fornecimento do gaz e da água, perante a actual carestia de vida e dadas as dificuldades de toda a ordem que a rigorosa invernia deste ano trouxe a uma grande parte da população desta cidade(...)*".

⁷¹ Cf. Acta da sessão ordinária da Comissão Executiva do Município de Coimbra de 1 de Julho de 1915, Arquivo Histórico da CMC, livro 123, fl. 99.

4. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS

Este sócio - de que a imprensa nunca falara, embora saibamos que assumira as mesmas responsabilidades que Manuel Francisco Esteves, tanto na compra do imóvel como na contracção do empréstimo de 4.000\$00, partilhando tarefas no processo de reconstrução e abertura do teatro - passava, assim, a ser o único proprietário e empresário do Teatro Sousa Bastos.

A *Gazeta* noticia os seus contactos com companhias de Lisboa e Porto com intuito de se virem apresentar a Coimbra, mas é um espectáculo de animatógrafo e variedades que marcará a sua reabertura. O sexteto em funções era, então, dirigido pelo afamado pianista Teófilo Russell, e já não pelo maestro Tomás de Lima.

É nesta altura que este mesmo jornal passa a solicitar abertamente ao público que corresponda aos esforços do empresário e o instiga a não faltar aos espectáculos, adjectivando-os muito favoravelmente⁷², nas notícias de 12 e 16 de Fevereiro:

"No dia 17 do corrente é reaberto o Teatro Sousa Bastos, que fica pertencendo e será explorado pelo sr. José Guilherme.

Estão em contrato diversas companhias que ali virão representar logo que possam. Por enquanto os espectaculos constarão de animatografo e variedades. Do sexteto que nos dizem ser magnifico, fará parte o distinto pianista T. Russel, que é um compositor de grande merecimento.

⁷² Esta atitude de favoritismo em relação ao Teatro Sousa Bastos, por parte do jornalista da *Gazeta de Coimbra*, que se nota desde a abertura deste e se mantém ao longo dos anos, favorecida certamente pela amizade pessoal aos empresários é também motivada pelo agravo cometido pela empresa do Teatro Avenida à imprensa coimbrã, o que originou um "embargo" ou censura de cinco anos nos jornais do burgo, quase totalmente silenciosos em relação à actividade do Teatro Avenida. Este facto torna a *Gazeta* a fonte mais fiel para a história do Teatro Sousa Bastos.

Oxalá que o publico saiba corresponder aos esforços que o novo empresário do teatro está resolvido a fazer e já tem feito para dar espectaculos atraentes, magnificos, que satisfaçam completamente."⁷³

"É amanhã que se realisa a reabertura do Teatro Sousa Bastos, com sessão de animatografo e variedades.

O sexteto, como dissemos já, deve satisfazer, pois é composto por excelentes elementos, vindo alguns executantes de fora.

Oxalá que não falte publico aos espectaculos do Teatro Sousa Bastos, aonde virão trabalhar este ano magnificas companhias dramaticas."⁷⁴

A reabertura com casa à cunha, tal como em dia de inauguração, "tendo de retirar-se muita gente sem bilhete", ocorria com "uma interessante colecção de films e excelentes trabalhos acrobaticos pela troupe Pichel, composta por cinco artistas e pelo dueto Les Bellini, sendo todos muito ovacionados"⁷⁵. Os espectáculos tinham retomado a periodicidade diária.

Tal como o empresário anunciara, para meados do seguinte mês de Março, apresentava-se a Companhia do Teatro Nacional do Porto, com espectáculos nos dias 11, 12 e 13, respectivamente com uma revista, *Amor*; uma farsa, *Brasileiro Pancrácio*; e uma opereta, *Segredo da Morgada*, esta última desconhecida na cidade. A assinatura encontrava-se aberta desde o 1º dia do mês:

"A Companhia do Teatro Nacional do Porto realizou os três espectaculos no Teatro Sousa Bastos.

A revista Amor é aparatosa e tem bonita musica. O scenario e guarda roupa são de efeito, terminando o segundo acto por um quadro passado em Coimbra numa noite de luar. Sobre o amor, em todas as suas fases e de todas as variadas especies, bordaram os autores da peça 3 actos que decorreram alegremente. Oliveira, o director da companhia, é o compère da peça.

⁷³ *Gazeta de Coimbra*, 12 de Fevereiro de 1916.

⁷⁴ *Gazeta de Coimbra*, 16 de Fevereiro de 1916.

⁷⁵ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Fevereiro de 1916.

No Domingo a conhecida peça Brasileiro Pancrácio, muito portuguesa e de costumes do Minho. Alegre e viva, é muito animada por danças e boa piada. É peça que agrada sempre.

O Segredo da Morgada, que não era conhecida em Coimbra é uma opereta interessante e com bonita música.“

Parece-nos que José Guilherme encetara uma estratégia comercial mais aguerrida que a de Manuel Esteves, pois pouco após a data da reabertura do teatro, passava a publicitar frequentemente a sua programação na *Gazeta de Coimbra*, numa tentativa de conseguir a aderência da tal *clientela elegante* (que lia os jornais mais amiúde que o povo, na maioria analfabeto) para os espectáculos de cinematógrafo e variedades, com apresentação quotidiana, que tentava combinar com a vinda de companhias dramáticas creditadas e que não seria possível manter numa programação contínua, dado o custo mais elevado da sua deslocação e exibição.

Com efeito, e durante alguns meses, os anúncios do Teatro Sousa Bastos surgem por vezes com intervalos de três dias, o que, tratando-se dum jornal bi-semanário, equivale a dizer que eram publicados em quase todas as edições. (Cf. Os Anúncios do Teatro Sousa Bastos)

Por finais de Março, fazia a sua aparição no Teatro Sousa Bastos a Companhia Internacional de Variedades. Destacava-se a apresentação do *“homem mais valente do mundo”*, Castellani Tiberio, que desempenhara o papel de Ursus no filme *Quo Vadis*, e de sua mulher ou filha (?), de 17 anos, Alba Tiberio, a artista enciclopédica, ambos italianos, tendo esta deixado grande impressão no público e ocasionado grandes enchentes à cunha no elegante teatro *“em maré de rosas”*⁷⁶.

Esta era uma verdadeira companhia circense pelos trabalhos que apresentava - desde trabalhos no arame, equilibristas e acrobáticos, e exibição da força muscular de Tibiro que partia moedas de cobre, deitava-se sobre uma tábua de pregos deixando 10 pessoas passar-lhe por cima de uma

⁷⁶ *Gazeta de Coimbra*, 1 de Abril de 1916.

prancha colocada no seu peito. Alba Tiberio executava várias habilidades de "transformista, malabarista, tragica, dançarina, gladiadora, atleta e artista musical executando varios instrumentos, um dos quais de só uma corda."⁷⁷

Em Abril anunciava-se a assinatura dum contrato exclusivo com o Kinemacolos para a exibição de fitas com cores naturais, o que vinha anunciado para ao dia 29 com a película *Metempsicoses*.

Este mês seria, aliás, um dos mais bem sucessivos em termos de afluência de bilheteira, pois, pelo comentário da *Gazeta de Coimbra*, parece-nos que o Teatro Avenida se anunciava pelas paredes, embora continuasse com "usura" nos preços!, ao referir que *Los Cosmopolitas* estreantes no dia 6, tinham sido acolhidos "com merecidos aplausos", além do ventríloquo e transformista Mario Alfaro "...que agradou muitissimo. Estes dois numeros são magnificos e apareceram sem ser preciso forrar as paredes da cidade com anuncios, nem aumentar os preços. (...) A empresa do Teatro Sousa Bastos está merecendo as simpatias do publico."⁷⁸

☞ Também a completista italiana Mary Bruni, com direito a anúncios individuais, constituíra um êxito.

A actividade prosseguia até final do mês de Abril, com as normais apresentações de variedades e "películas no ecrain", mas encerrava em inícios de Maio, por motivos desconhecidos, reabrindo a 18 com a Companhia Internacional de Variedades, vinda do Teatro Politeama de Lisboa, que estivera anteriormente larga temporada no Coliseu dos Recreios. Embora com a mesma denominação, tratava-se certamente de uma companhia diferente da que se exibira em Março, uma vez que é dirigida pelo transformista Frizzo, e dela faziam parte a Troupe Spring, ciclistas, para além de Eurico, ilusionista, sem haver qualquer menção aos Tiberio.

⁷⁷ *Gazeta de Coimbra*, 25 de Março de 1916.

⁷⁸ *Gazeta de Coimbra*, 8 de Abril de 1916.

Para a sociedade elegante apresentavam-se nos primeiros dias de Junho a Companhia do Teatro Ginásio de Lisboa - com a actriz Maria Matos⁷⁹ e Mendonça de Carvalho, seu marido, em três espectáculos de assinatura para as comédias *O Senhor roubado*, *O Manequim*, *o Pae do Regimento* e *Sóror Mariana*, original de Júlio Dantas - pois, como era hábito foram estas famílias as primeiras a aderir, chegando mesmo a *Gazeta de Coimbra* a enumerar os seus nomes, onde avultavam os doutores⁸⁰.

Durante esse mês nada mais se dirá sobre a actividade do Teatro Sousa Bastos.

Comentários de um leitor, na imprensa da cidade, sobre a qualidade dos filmes que eram tidos como escola de crime, referiam igualmente que *"torna-se mister educar o gosto do povo para que em films, os que mais pintam com tão vivas côres o adulterio, a sedução e outras scenas de vida dissoluta, sejam repellidos pelos espectadores. A ausência das famílias será a melhor lição para os empresarios"*⁸¹. As vozes críticas contra o cinema ouviam-se, desde o começo da exibição de fitas na cidade, imputando aos animatógrafos o aumento da criminalidade, tanto em França como em Portugal⁸² nomeadamente acerca da sua falta de moralidade, tendo mesmo motivado as autoridades a tomar medidas nalgumas ocasiões⁸³. As críticas porém, não se referiam ao tipo de espectáculo em si mesmo, pelo contrário, considerava-se um veículo desperdiçado na formação moral e de bons costumes, assim como na ilustração do povo, defendendo-se a exibição de *"panoramas de viagens, fitas de representação de peças dramaticas pelos*

⁷⁹ Maria Matos (Lx 1890-1952) actriz de renome que casou em 1913 com F. Mendonça de Carvalho, com quem fundou a empresa teatral Maria Matos- Mendonça de Carvalho. Cultivou sobretudo a farsa. Deu nome a um teatro na sua cidade natal. Teve também papéis no cinema, nomeadamente n' *O Costa do Castelo*.

⁸⁰ Cf. *Gazeta de Coimbra*, 31/5/1916.

⁸¹ *Gazeta de Coimbra*, 10/6/1916.

⁸² "(...)Tem já succedido, mesmo em Portugal terem sido praticados crimes, reproduzindo exactamente scenas de fitas animatographicas, passados poucos dias delles serem expostos ao publico, e cremos que o mesmo succedeu já em Coimbra." *Noticias de Coimbra*, 11 de Junho de 1910.

⁸³ "O Governador Civil de Lisboa está tratando de conseguir a maior moralidade nos espectaculos publicos, ou sejam de teatro ou de animatografo. Nem fitas de crimes nem pornograficas. Citou mesmo o seu desagrado por fitas em que haja abraços e beijos prolongados (...)." *Gazeta de Coimbra*, 8 de Março de 1913.

melhores artistas estrangeiros" que de outro modo não chegariam ao seu conhecimento.

Paralelamente, a concorrência tinha tendência a aumentar, uma vez que a própria Câmara se decidia a tirar dividendos da florescente indústria cinematográfica⁸⁴, cedendo parte do Parque de Santa Cruz ou Jardim da Sereia para ali se realizarem "sessões de animatographo", com a contrapartida de 20% sobre o valor dos bilhetes, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, em deferimento da petição de Joaquim Sal Júnior, "para, aproveitando a instalação cinematográfica da Associação Comercial, continuar a sua exploração conjuntamente com os cidadãos Antonio Mendes d'Abreu e Dr. José Cabral"⁸⁵. Esta iniciativa tinha, portanto, a presença dos concorrentes do Teatro Avenida.

Talvez por estes motivos surgia no jornal anúncio para o arrendamento do teatro a 1, 5 e 7 de Julho. José Guilherme dos Santos decidira afastar-se da gerência.



Os espectáculos, contudo, prosseguiram sem interrupção para férias, anunciando-se inclusivamente em Agosto a exibição do "grande film cinematografico"

⁸⁴ A Câmara já cobrava uma contribuição sobre os cinematógrafos, que nesta altura de guerra se pensava aplicar na compra de carvão e transportes. Cf. Acta camarária de 4 de Março de 1915, Arquivo Histórico da CMC, livro 123, fl. 180 vº.

⁸⁵ Cf. Acta da sessão ordinária da Comissão Executiva do Município de Coimbra, do dia 22 de Junho de 1916, Arquivo Histórico da CMC, livro 124, fl. 124 v e 125. Em anos anteriores, 1909, 1907, 1909, tinham sido pedidas à Câmara licenças para instalação de cinematógrafos em barracas em espaços públicos, no Bairro Baixo, nomeadamente Cais ou Largo das Ameias. Agora o pedido é feito para uma outra zona da cidade, que se encontrava em expansão, o Bairro de Santa Cruz.

Manobras em Tancos e A grande parada em Montalvo, que veio a ter lugar no dia 24, "com uma enchente à cunha apesar dos esforços em contrario dos invejosos do Avenida"⁸⁶.

A curiosidade deste "cinofilm" de 2 500 m residia no facto de ter sido encomendado pelo Ministro da Guerra, Gen. Norton de Matos, com o intuito de mostrar os exercícios efectuados pela divisão militar de Tancos⁸⁷, com vista à participação portuguesa na guerra em curso, na frente europeia. Dividido em 5 partes, mostrava, nos vários quadros: acampamentos; depósitos e filtros de água abastecedores; infantaria; trabalhos de fortificação executados por sapadores mineiros e tropas de infantaria; artilharia bivaque de uma coluna mista de infantaria e artilharia; abertura duma portada para navegação na ponte construída pela engenharia sobre o Tejo; cavalaria; e a finalizar, a parada geral da divisão em Montalvo, que ocorrera no mês anterior, a 22, com revista do próprio Chefe de Estado.

Para a estreia em Coimbra, às 19h e 30 - já causara grande sucesso na capital - tinham sido convidadas as autoridades militares e civis entre elas: General da Divisão, Governador Civil, para além da imprensa, a quem a exibição foi dedicada. Manteve-se em cartaz pelo menos durante 4 dias, pois era grande a procura de bilhetes.

O anúncio de José Guilherme surtira efeito e nos finais de Setembro nova empresa é anunciada para a inauguração da época de Inverno, a 1 de Outubro de 1916.

⁸⁶ *Gazeta de Coimbra*, 26/8/1916. Uma vez mais a forte concorrência entre as duas casa é notória.

⁸⁷ Norton de Matos, ministro da Guerra entre 1915 e 1917, promoveu a organização do Corpo Expedicionário Português - CEP - no centro de instrução de Tancos, conhecido como o "milagre de Tancos", corpo treinado para entrar na guerra, após relutante convite inglês, formulado a 15 de Julho. De realçar que o filme é feito menos de 10 dias após a cedência da Inglaterra para a participação portuguesa activa na frente europeia - embora desde 1914, Portugal combatesse já em defesa das colónias africanas contra os alemães - em troca de desesperado crédito financeiro prometido apenas com essa entrada. A situação em Portugal era dramática, com enorme carestia de vida, importação de pão em larga escala, falta de carvão, etc. a juntar às turbulências políticas da 1ª República...

5. LUÍS LOMAS

O Teatro Sousa Bastos iniciava assim a sua 4ª gerência no espaço de dois anos!

O novo gerente era Luís Lomas, com experiência no ramo, pois dirigira já o Pavilhão Paris do Funchal e o Teatro Garcia de Resende, de Évora. Luís Lomas negociara, para a sua estreia no Teatro Sousa Bastos, com a Empresa Internacional de Cinematografia⁸⁸ e o seu agente artístico de Lisboa - Jaime Sousa - as mais recentes produções cinematográficas.

A programação da *reentrée* que se iniciava agora às 21h 15 da noite, era composta na quase totalidade por cinema, havendo apenas *Sinfonia* pelo agora terceto⁸⁹, onde se estreava o pianista Luiz Muñoz Casarla, no princípio da 1ª e 2ª partes, separadas por intervalo de quarto de hora, onde se visionava um *film* sobre a actualidade, tirado do natural da Casa Gaumont, provavelmente os habituais *assuntos de guerra*, e em 6 partes o *Nocturno de Chopin*, da Série de Ouro, por Margarida Xirgu. Finalizava a noite um pequeno filme cómico, *A Casa de Mabel*.

Iniciava-se paralelamente nova vaga de reclames no jornal anunciando surpreendentes estreias e atracções.

Um mês depois da inauguração pela nova gerência a afluência ao Teatro Sousa Bastos mantinha-se a níveis elevados, havendo mesmo noites seguidas em que os bilhetes esgotavam, o que é explicado na *Gazeta* pelas autênticas novidades cinematográficas.

O interesse por este gerente estranho à cidade, "*novo empresario que parece ter o calculo e o arrojo dum grande lutador e a fé inquebrantavel*"

⁸⁸ Já Manuel Francisco Esteves recorrera a esta casa.

⁸⁹ Passará a quarteto com a adição de um novo violinista, não identificado.

*dum homem afeito a tirar vitória de todos os obstaculos da vida ...*⁹⁰, levou à realização de uma entrevista no próprio teatro (Anexo - Doc. 5), pouco antes do início da sessão nocturna, em que o jornalista Mário Machado da *Gazeta de Coimbra*, pretende medir o arrojo de Luis Lomas pelo facto de se ter lançado a levantar o Teatro Sousa Bastos do descrédito em que caíra e tomar conhecimento do plano de actividades futuras, programação que Luís Lomas pretendia dinamizar contra os insucessos anteriores.

O empresário propunha-se apresentar espectáculos da melhor qualidade. Tanto de variedades, avançando mesmo que todo o número que fosse ao Coliseu dos Recreios de Lisboa viria ao Sousa Bastos de Coimbra - incluindo-se neste caso, a companhia de ópera italiana *Caramba*, que trazia apenas para agradar à assistência, uma vez que não conseguiria realizar lucro com a sua vinda, dados os custos inerentes.... Quanto ao cinematógrafo, declarava a sua preferência pelas produtoras americanas - em virtude do conflito europeu colocar as europeias em dificuldades de obtenção de material e de artistas - nomeadamente da Casa Selig, e da Keystone (eram da Keystone as fitas desempenhadas pelo já famoso Charlot, que por esta altura desencadeara um fenómeno de imitação da sua personagem). Lomas rejeitava as fitas em série, por as considerar maçadoras e intermináveis, sempre filmadas nos mesmos "quadros", isto é, nos mesmos cenários.

Para cativar o público e igualmente sem grandes expectativas pecuniárias, Luís Lomas propunha-se também reatar as *matinéés*, que não tinham sido bem sucedidas, desta feita com carácter educativo e instrutivo *"por meio de matinées infantis, aos domingos , sendo a entrada gratuita para as creanças. Serão exibidos unicamente films instrutivos, de costumes, de paisagens, naturais. Tudo o que a Natureza tem de belo e de admiravel ha de exaltar a imaginação infantil, os grandes jardins zoologicos do mundo, fabricas, cidades movimentadas e industriais, toda a agitação humana vista atravez do cinematografo. E então, para tal fim, nos intervalos do espectáculo far-se-á uma rifa de brinquedos: três para rapazes e outros três para raparigas. Tornar agradaveis essas horas, de maneira a proporcionar ás*

⁹⁰ *Gazeta de Coimbra*, 25 de Outubro de 1916.

*creanças pobres alguns momentos felizes de distração.*⁹¹ Pensava certamente em atrair um outro tipo de clientela, transformar a ida ao cinematógrafo numa actividade familiar, e evitar críticas em relação aos maus exemplos de que as fitas eram acusadas, por alguns sectores da sociedade, nomeadamente, os "imparciais" estudantes católicos.

A estratégia e a novidade do empresário, as suas manobras publicitárias surtiam efeito, sobretudo, porque este estava mais preocupado em captar uma plateia fiel do que em realizar lucros. A afluência às bilheteiras era boa, como noticiava a 8 de Novembro a *Gazeta*:

"Vai em maré de fortuna este teatro e bem o merece. Todas as noites três e quatro magníficos números de variedades, sem aumento de preços.

A isto não estávamos acostumados em Coimbra, onde, sob qualquer pretexto, se levavam os preços quase ao dobro; e agora mesmo há aí quem, sem variedades, mantenha os mesmos preços que o Teatro Sousa Bastos conserva e não altera com espectáculos tão variados que deixam o público completamente satisfeito.

O empresário deste teatro, sr. Lômas, está resolvido a trazer a Coimbra o que aparecer de melhor em Lisboa, em artistas, filmes e companhias teatrais.

Não tarda que tenhamos aí a grande companhia de ópera Caramba, que tem trabalhado no Coliseu.

Toda a gente se admira como é possível trazer a esta cidade uma companhia tão grande e tão boa. Isto só quer dizer que, sem se fazerem milagres, muito se pode conseguir sem ser preciso explorar o público.

Parabéns ao sr. Lômas, que está dando uma grande lição sobre o modo como se pode explorar uma casa de espectáculos desta natureza."

A apresentação em Coimbra da companhia de opereta e ópera cómica italiana Caracciolo Scognamiglio, a *Caramba*, que Luís Lomas prometera, cumpria-se a 13 de Novembro e prolongava-se até 26. Possuía *"um elenco admirável de artistas, como Edoardo Favi, Raimundo de Angelis,*

⁹¹ *Gazeta de Coimbra*, 7 de Novembro de 1916.

*Mario Grillo, Angiolina Marangoni, Carla Cenami, Marta Morini e Getisia Cavalini e (...)a sra. Egle Aleardi, fragil e encantadora mulher italiana (...) possuindo uma voz delicada (...)*⁹²

Na estreia d'*O Cossaco*, que conquistara vibrantes aplausos era, contudo, evidente "a estreiteza do palco, onde as figuras de conjunto e os admiraveis e perfeitissimos scenarios não podiam destacar-se na sua verdadeira grandeza"⁹³. A actuação seguinte *A Gheisha*, com a actriz Egle Aleardi, correria melhor do que a anterior.

O espectáculo de dia 15, *Casta Suzana*, decorrera muito animado - a peça era "ligeira e picante" e festivo - por se terem engalanado os camarotes do teatro, em comemoração do 1º aniversário da proclamação da República no Brasil. Seguiram-se *Adeus Mocidade; Eva; Viuva Alegre; Conde de Luxemburgo; Mascara; Boemia*; num total de 14 récitas.

Embora estas récitas tivessem obtido um extraordinário êxito, nem tudo nesta iniciativa corria bem ao empresário, que enfrentava alguma hostilidade da Câmara. Esta decidira cobrar 5\$00 (escudos, não reis) por cada espectáculo para que houvesse carreiras de carros eléctricos no fim da noite. Por outro lado, nas ruas que conduziam ao Teatro Sousa Bastos - Fernandes Tomás, Joaquim António de Aguiar, dos Coutinhos, Grilos, etc., - os candeeiros de iluminação pública estavam apagados, chegando mesmo a ser necessário acompanhar os artistas aos hotéis por se não conseguirem orientar no escuro! A própria Câmara parecia disposta a discriminá-lo em relação ao Teatro Avenida, a quem nunca nada semelhante fora exigido⁹⁴.

⁹² *Gazeta de Coimbra*, 22 de Novembro de 1916.

⁹³ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Novembro de 1916.

⁹⁴ Será apenas em Março de 1917 que a Câmara alterará os horários dos carros eléctricos, em vista da tolerância concedida às casas de espectáculos para funcionarem até à meia-noite, dando, no entanto uma margem muito curta. Os últimos carros partiam da Praça 8 de Maio em direcção à Universidade às 23h59; aos Olivais às 23h30; ao Calhabé às 00h00 e à Estação Velha às 21h17. Cf. *Gazeta de Coimbra* de 21 de Março de 1917.

Esta situação era, em parte, devida ao atraso do público que não comparecia à hora marcada - 20h30, mas sim às 21h, mas teria certamente agravado o défice já previsto pelo empresário na realização destes espectáculos acerca dos quais afirmara:

*"Prometi, hei de realizar o meu prometimento. A cidade de Coimbra ha de maravilhar-se com os artistas dessa Italia grandiosa, dessa Italia de arte, de beleza, de tradições ideais (...) ha de maravilhar-se com a voz e graça das suas mulheres (...). Bem vê o meu amigo como sou arrojado. Não estremeço deante duma hecatombe provavel. Mesmo que o teatro se encha, se replete, não salvarei as despesas com essa enorme companhia italiana."*⁹⁵

Após este meio-revês, Luís Lomas encetava negociações com a Comissão Organizadora da récita dos quintanistas, a quem faria *"uma mais que cativante proposta de cedencia daquela casa de espectaculos para nela se realizar a referida recita, proposta esta aceite unanimemente pela comissão"*⁹⁶ e dava seguimento ao seu programa de actividades anunciando-se para o dia 3 de Dezembro a realização da 1ª matinée infantil, onde tinham entrada gratuita os internos dos Colégios dos Órfãos e Asilo da Infância Desvalida (hoje Elísio de Moura), para além de todas as crianças de 10 anos desde que acompanhadas por familiares (ou seja, adultos pagadores de bilhetes).

O programa da matinée, em oito partes, não era muito diferente das habituais soirées de variedades e animatógrafo, mas no final distribuíam-se os brindes prometidos.

No dia 10 realizava-se a segunda matinée, altura em que Luís Lomas começa a sortear objectos de ourivesaria: um anel de brilhantes, depois um relógio de ouro, expedientes que certamente visariam atrair a curiosidade do público, minimizando assim, o baixo rendimento ou mesmo prejuízo das

⁹⁵ *Gazeta de Coimbra*, 7 de Novembro de 1916.

⁹⁶ *Gazeta de Coimbra*, 2 de Dezembro de 1916.

matinéas, pois as críticas à moralidade dos *films* exibidos prosseguiam, prontamente defendidos pelo articulista da *Gazeta*:

"Haverá em Coimbra amigos das creanças?

Os espectáculos diurnos do Teatro Sousa Bastos

(...) E no Teatro Sousa Bastos teem-se realizado espectáculos diurnos que se dizem especialmente dedicados ás creanças e ... ainda ha sorrisos ironicos, almas aridas e mãos avaras. Onde estão os amigos das creanças? (...)

Ironica, arida e avara se declara serem algumas fitas imoraes, ou que moaes nos intuitos revelam ao espirito adolescente quadros que não deve conhecer (...)

Os verdadeiros amigos das creanças não devem pretender uma educação esteril, fraca e mesquinha.

É mentir, dar a conhecer a vida só por meio de opusculos, quantas vezes hipocritas, cheios de maculas e impurezas!

(...) Se ha que pensem nesta obra sublime da educação das creanças e nos meios de as executar por meio dos espectáculos cinematograficos.⁹⁷

1917 Ainda no sentido de captar as simpatias dos conimbricenses, e numa óptica de solidariedade com os mais desafortunados, o empresário organizava para o início de um ano que se previa difícil⁹⁸ - 1917- um espectáculo de caridade no Teatro Sousa Bastos, em benefício dos pobres de Coimbra.

Contava com a generosidade espontânea dos artistas que vinham apresentando os seus trabalhos: *"Deram o seu concurso a esta festa a distinta e engraçada bailarina Teresita, que tanto exito tem alcançado, os irmãos Carpi, malabaristas eximios que se demoram em Coimbra até 6ª feira para tomarem parte no espectáculo; Los Clorenes, equilibristas a*

⁹⁷ *Gazeta de Coimbra*, 6 de Janeiro de 1917.

⁹⁸ 1917 será um ano particularmente duro, em que os efeitos da Guerra Mundial se fazem sentir mais drasticamente, com falta de géneros a afectar cada vez mais amplamente a sociedade e já não só os mais pobres - proibição de venda de carne nalguns dias da semana, por exemplo; os jornais chegam, inclusivamente, a diminuir o tipo de letra de imprensa de forma a condensar as notícias em menor número de páginas.

*transformação, numero composto de duas senhoras; Los Aros Satan, que se ofereceram desinteressadamente para que o espectáculo atinja o brilhantismo que é de esperar*⁹⁹. A orquestra, a guarda republicana, o camaroteiro e porteiros, os bombeiros municipais, todos contribuíam com o seu trabalho gratuito nessa noite. O próprio proprietário, José Guilherme dos Santos, que cobrava uma percentagem sobre os bilhetes, nada receberia. Luís Lomas previa fazer a entrega do produto do espectáculo - transformado em comestíveis - num domingo seguinte, esperando que as senhoras da sociedade elegante se prestassem à sua distribuição. A entrega na redacção do jornal foi feita pelo próprio empresário e pela elegante Electra. Àquele tinha sido oferecido um *"lindo quadro, representando a Caridade, acarinhando uma criança.(...)"*

Porém, a reacção não correspondera totalmente às expectativas:

"A festa no Teatro Sousa Bastos

(...) o teatro, ainda que não repleto, oferecia interessante aspecto pelo galgar vivo e alegre das creanças e toilettes das damas

(...) Faz magua que a generosidade, a mingua do dó pelo infortunio de tantos, não levasse áquela casa de espectaculos toda uma multidão bem-fazeja e caridosa."

Totalizando os lucros 59\$70, acrescidos de dois donativos de \$50. O dia que pretendia marcar uma data brilhante na vida do teatro tinha rendido qualquer coisa como o necessário a comprar cerca de 900 quilos de batatas no mercado¹⁰⁰, o que constituía, sem dúvida, uma ajuda aos desfavorecidos.

Para meados do mês de Janeiro anunciava-se uma fita em séries *A Moeda Quebrada*, que talvez devido ao seu êxito em Lisboa, levara Lomas a preterir os seus propósitos em relação a este tipo de *films*. Tratava-se de uma película policial, em 44 partes e 22 séries, *"cujo rigoroso desempenho foi distribuido pelos mais distintos artistas, entrecortado de emocionantes e*

⁹⁹ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Janeiro de 1917.

¹⁰⁰ Cálculo feito a partir do preço indicado, na altura, para a arropa no mercado de Montemor-o-Velho, que não andaria muito longe do de Coimbra.

*arrojadas aventuras, a sua aparição em Lisboa causou a mais extraordinaria impressão de assombro, o que decerto vai ser repetido nesta cidade, onde pela 1ª vez vai ser apresentado*¹⁰¹.

(...) A Moeda Quebrada foi adquirido pela empresa Luis Lomas directamente da casa Frans Ford, de Londres, não tendo sido reproduzido vez alguma, no que leva grande vantagem a outra que em Lisboa e noutros cinemas foi repetida muitas vezes.

*A empresa resolveu tambem (...) não aumentar os preços (...)*¹⁰²

Esta exibição, que causava grande assombro, era acompanhada pela sucessão habitual de artistas de variedades, cada qual com a sua particularidade. Se os atiradores Paquita Tomaski e o Capitão Satan se tinham feito acompanhar de um urso, as Irmãs Obiol apresentavam-se com a boneca mecânica...

*Luís Lomas, "empresario activo e arrojado do Teatro Sousa Bastos continua a empregar os seus mais denodados esforços, para que o publico conimbricense continue a ter os mais esplendidos espectaculos cinematograficos e que Coimbra só agora pode apreciar."*¹⁰³ O que conjuntamente com a contratação de atracções variadas fazia com que a sua gerência comesçasse, durante o primeiro trimestre de 1917, a ser bem sucedida, vendo o empresário compensados os seus esforços pela adesão à sua casa. Uma notícia da *Gazeta de Coimbra* refere a 24 de Fevereiro:

*"Continuam a constituir um verdadeiro sucesso os espectaculos neste elegante teatro. As peliculas teem sido escolhidas com o maior cuidado*¹⁰⁴ *e tanto teem agrado que algumas teem sido repetidas a pedido.*

Os numeros de variedades são de grande sensação. Teem-se exibido ultimamente o Trio Marcelino, que faz as delicias da plateia com os seus

¹⁰¹ Dentro dos distintos artistas contava-se Polo, que por três meses de trabalho ganhara cerca de 300 contos de reis. Cf. *Gazeta de Coimbra*, 16 de Maio de 1917.

¹⁰² *Gazeta de Coimbra*, 17 de Janeiro de 1917.

¹⁰³ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Março de 1917.

¹⁰⁴ Seria o cuidado posto na escolha das fitas relacionado com a sua moralidade?

atraentes bailados; os arrojados acrobatas Les Alfans, cujos trabalhos teem merecido os mais justos aplausos, assim como o excentrico musical The Doval's.

Ontem fez a sua estreia o notavel artista Anders, que executou os seus surpreendentes trabalhos com uma correcção impecavel, recebendo da plateia em geral as mais entusiasticas ovações”.

E a 14 de Março:

“Sucedem-se em cada dia as enchentes nesta elegante casa de espectáculos, ponto de reunião da “elite” conimbricense, e onde a comodidade publica perfeitamente se harmonisa com a inteligente organização das sessões cinematograficas.

O sr. Luis Lomas a quem se deve a profunda reorganização que em Coimbra sofreram os espectaculos cinematograficos vai recebendo do nosso publico o premio da sua ingente competencia, vendo afluir ao seu teatro, tudo quanto Coimbra conta de mais selecto, aplaudindo a sua obra e o seu esforço, detidamente traduzidos no interesse a que se propoz trazer a esta cidade não só as aplaudidas celebridades, mas ainda as melhores e mais artisticas produções de cinematografia.

(...) Consola-nos sobremaneira a justiça que o nosso publico vem de fazer, concorrendo a esta casa de espectaculos que vem animar o empreendedor empresario sr. Luis Lomas a seguir a sua trajetoria, encetada com tanto brilho, e cujos resultados claramente incidem no publico de Coimbra, tão pouco habituado a espectaculos economicos e de efeito.

Se não, veja-se o que se dava alguns anos antes...”¹⁰⁵

Para além da exibição de filmes de sucesso - como *A filha do circo* (estreia a 12 de Março), *Suborno* (que tinha a vantagem de poder ser acompanhado em folhetim no *Diário Nacional*), ou as *Aventuras de Kerigan*

¹⁰⁵ Esta referência aos espectáculos económicos deve-se ao facto de noites com quatro e cinco números de variedades, manterem o preço, ao contrário do Teatro Avenida, que os elevava, a gosto.

(no jornal *O Dia*), *O Fogo* - e que originavam "colossais enchentes"¹⁰⁶, o empresário contratara com a Companhia Popular de Opereta e Revista do Porto, dois espectáculos, o que veio a resultar uma vez mais "neste elegante teatro inegavelmente o melhor de Coimbra" numa plateia "repleta que aplaudiu delirantemente as revistas *Bota Abaixo* e *Está-se nas Tintas*"¹⁰⁷.

A revista *Bota-Abaixo* de 5 quadros, era um original do actor Martins Santos da dita companhia de Revista e opereta do Porto, e tinha música de Manuel Figueiredo. A revista em 7 quadros *Está-se nas Tintas* era da autoria de Wladimir de Almeida e H.D., com música de Artur Silva e Júlio Pontes.

Luís Lomas estava atento e tentava aproveitar todas as realizações na cidade passíveis de se focalizarem no seu teatro. Assim, por ocasião da *Festa da Flor*, que as senhoras da Sociedade da Cruz Branca, presidida pela Condessa de Ameal, organizavam em prol das famílias dos soldados portugueses que tinham integrado o Corpo Expedicionário - Lomas pretendia organizar um espectáculo com elementos de "subido valor" onde as senhoras pudessem promover a venda das ditas flores, revertendo em favor dos feridos de guerra.

Por outro lado, soubera angariar para o seu teatro a récita dos Quintanistas - *À sombra de Esculápio* - prevista para o mês de Abril, que causava sempre grande animação e interesse, sobretudo entre a Academia, tanto que já em fins de Março estavam esgotados os camarotes de 1ª e 2ª ordem, bem como os *fauteils* de orquestra. Os cenários desta récita tinham sido entregues a Saul d'Almeida, pintor a óleo e ao já referido Abel Eliseu.

Em Abril, no Teatro Sousa Bastos (fechado entre 3 e 6, por motivos desconhecidos) praticava-se uma arrojada experiência em voga nestes anos de guerra, pelas feiras europeias e parques de diversões americanos.

¹⁰⁶ *Despertar*, 13 de Março de 1917.

¹⁰⁷ *Despertar*, 6 de Março de 1917.

O teatro abria as suas portas para uma matinée no dia 18 para que Júlio Vilar fosse enterrado vivo, mantendo-se enterrado até dia 23, num total de cinco dias, após o que recebera muitos festejos¹⁰⁸.

Lomas contratara igualmente a companhia de revista e opereta do Teatro Apolo de Lisboa, para cujas récitas as assinaturas se encontravam abertas de 11 a 20 de Abril.

A primeira récita a 27 do mesmo mês era preenchida pela opereta *O Chico das Pegas*, em 3 actos, da autoria de Eduardo Schwalbach, interpretada pelos actores Jorge Roldão, Joaquim Pratas, Eugénio Noronha, Filomena Luiza, Pinto Ramos e Dora Vieira. No dia seguinte representava-se outra opereta, *Amores em Coimbra*, em 3 actos de Sousa Rocha; a 29, *Folha Corrida*, revista de Henrique Roldão e Roberto Sales; e no dia 30, outra revista da autoria de André Brun e Chagas Roquete, *De Alto a Baixo*. "*Todos os espectáculos foram bastante concorridos, principalmente o de domingo que teve uma enchente à cunha*"(...) "*A companhia não podendo ser considerada de 1ª ordem*" tinha "*excelente guarda-roupa e bom cenário*"¹⁰⁹

A 4 de Maio realizava-se a esperada récita de gala dos estudantes de Medicina com a peça em 4 actos da autoria de Fernando Correia *À Sombra de Esculápio*. O teatro preencheu a sua lotação, ficando, inclusivamente, famílias de fora. A música da récita de Maximino Correia, Carlos Clímaco e possivelmente do próprio Fernando Correia, era dirigida pelo dr. José Rodrigues d'Oliveira, enquanto Azevedo Leitão dirigia a "*mis-en-scène*"¹¹⁰. À cenografia dos já mencionados Saul d'Almeida e Abel Eliseu, que agradara muito à assistência, juntava-se a decoração da sala de espectáculos com

¹⁰⁸ Em parte devido à guerra na Europa, muitos artistas tinham emigrado para os Estados Unidos em busca da fama. Um outro caso de "cadáver vivo" vem relatado em *Figura Gigante*, de Nico Orengo, Quetzal Editores, 1984, p.99. "*Tod(...)conta-lhe(...) quando fazia de Cadáver Vivo. O seu companheiro hipnotizava-o e fechava-o debaixo da terra, onde chegava a ficar dois dias de cada vez. Debaixo da camisa escondia chocolate de malte e uma garrafa de água.*"

¹⁰⁹ *Gazeta de Coimbra*, 28 de Abril de 1917.

¹¹⁰ *Gazeta de Coimbra*, 5 de Maio de 1917.

colchas e flores, para além dos próprios vestidos de gala das senhoras, que contribuíam para o aspecto festivo do teatro.

O produto da récita tinha sido destinado às clínicas dermatológica e pediátrica dos hospitais da Universidade.

Após esta récita, reaparecia na programação normal de dia 5 a "excentrica" americana Josefina Brown - que causara grande sucesso e granjeara até alguns admiradores - a par da exibição da película rodada em Lisboa, com as cenas mais relevantes da Festa da Flor.

No dia 9, o secretário de Luiz Lomas - Scipião Heitor¹¹¹ - promovia uma festa artística, embora a programação da noite não diferisse da habitual com exibição de várias películas (*Soberania do Amor; Tripita e sua mobília; Actualidades 7*). Tratava-se, com certeza, de uma manobra comercial no sentido de captar simpatias pessoais a favor do negócio.

Todavia, os esforços de Luís Lomas para fixar o público ao seu teatro, durante um ano, não tinham conseguido os efeitos desejados e necessários à manutenção da empresa. Embora, a sua gestão fosse arrojada na contratação de grandes companhias internacionais, na exibição de filmes de sucesso garantido, etc. - tal como ele próprio confessara - estivera mais preocupado em fomentar uma fidelidade das audiências do que em realizar lucros, e a sua política de bilhetes a preços baixos não conseguira manter a empresa solvente. Uma vez mais, o Teatro Sousa Bastos sucumbia às dívidas. O último espectáculo sob a sua gerência tinha sido a festa do seu secretário, na 4ª feira de 9 de Maio de 1917.

Efectivamente, o jornalista da *Gazeta de Coimbra*, noticiava com pesar a 12 de Maio a dissolução da empresa, ao mesmo tempo que veiculava o pedido de Luís Lomas:

"O empresario sr. Luiz Lomas, que este ano explorou o Teatro Sousa Bastos, deu na quarta feira o ultimo espectáculo resolvendo entregar-se ao Tribunal do Comércio para o apuro das suas responsabilidades para com os

¹¹¹ Para além deste colaborador de Luís Lomas, temos também informação do bilheteiro/camaroteiro que trabalhava na mesma altura - Raul Carvalho.

seus credores. Pedê, por isso, que todos aqueles a quem ele deva apresentem as suas contas para que sejam liquidadas pela forma que o mesmo tribunal resolver.

É para lamentar que o sr. Luiz Lomas se visse obrigado a tomar esta resolução, mas fê-lo depois de bem convencido de que o publico não correspondia aos seus esforços de trazer a Coimbra os melhores artistas de variedades e boas fitas animatograficas. Muitas noites houve em que apresentou quatro e cinco numeros de variedades e nem assim conseguiu atrair ali a concorrência.

Como o sr. Lomas não podia ir mais longe com o seu sacrificio, e não pequeno foi ele, resolveu não continuar a exploração do teatro, cuja falta o publico virá a sentir.

É pena que assim suceda, porque o sr. Lomas é um homem arrojado, cheio de iniciativa e boa vontade e estava resolvido a trazer a Coimbra tudo o que ha de melhor não só em variedades mas em companhias dramáticas, se o publico lhe não faltasse com o seu auxilio. Faltando-lhe este não podia levar mais longe o seu sacrificio, e assim sem existir a concorrência dos dois teatros, o publico virá a saber que o sr. Lomas faz muita falta e que foi um grande erro recusar-lhe a protecção que ele merecia e de que tantas vezes deu provas¹¹².

Na verdade, a análise de documentos notariais explica, em parte, o motivo do insucesso da gerência de Luís Lomas - empresário arrojado e dinâmico - que porém, não completou uma época na casa (1 de Outubro de 1916 a 12 de Maio de 1917).

O contrato de arrendamento celebrado entre José Guilherme dos Santos, proprietário do Teatro Sousa Bastos, e Luís Lomas, electricista, com efeitos a partir do 1º de Outubro de 1916, pelo prazo de dois anos, encerra cláusulas rigorosas, regras duras que estrangulariam financeiramente - como estrangularam - o arrendatário, salvaguardando sempre o proprietário em

¹¹² *Gazeta de Coimbra*, 12 de Maio de 1917.

detrimento do empresário, caso o negócio não fosse muito vantajoso. (Cf. Doc. 6)

Efectivamente Luís Lomas obriga-se a pagar uma renda anual bastante elevada - 2.250\$00 (187\$50 ao mês, que se repartia em 600\$00 pelo aluguer do imóvel e o restante pelo aluguer do material, onde se incluíam a instalação eléctrica, com motor e dínamo, que como se verá adiante Guilherme dos Santos ainda não terminara de pagar), a contratar publicidade para exibição no pano de boca e outras dependências da casa, tendo que pagar 50% da sua receita bruta ao proprietário, que no caso de não ultrapassar os 1.000\$00, se fixava obrigatoriamente nos 500\$00 - a título de gratificação, isto sem beneficiar rigorosamente nada com a exploração dos dois cafés do teatro, que se mantinham sob a alçada de Guilherme dos Santos, livre de entrar a qualquer hora no teatro - sala de espectáculos incluída. Para além das cláusulas estritamente pecuniárias o contrato obrigava-o a apresentar espectáculos diários de cinematógrafo e variedades com companhias nacionais ou estrangeiras, na época decorrente entre 1 de Outubro e 31 de Julho, salvo em caso de força maior.

A estas despesas juntavam-se ainda as decorrentes de exploração da casa de espectáculos propriamente dita, como os pagamentos às companhias de variedades, o aluguer dos filmes, os anúncios nos jornais, a publicação de cartazes e respectivos selos, tudo isto a realizar da venda de bilhetes a cerca de 60, 80 e 160 reis, consoante fossem na geral, na plateia ou camarotes. Apesar do seu dinamismo e força de vontade, Luís Lomas não conseguiu fazer prosperar o negócio e foi forçoso abandonar o cargo oito meses mais tarde.

Ainda com Luís Lomas tinha sido acordado a realização duma festa de intuítos filantrópicos, desta feita promovida pelo Orfeon de Condeixa a favor da Escola Industrial de Condeixa. Esta manteve-se para o sábado de 12 de Maio, data da saída do empresário, e contou com a participação de nomes sonantes.

O sarau tinha-se iniciado por uma conferência proferida pelo dr. Aarão de Lacerda, que analisara a arte popular em Portugal, entre outros temas nacionais, como o fado, seguindo-se-lhe o Orfeon da Escola Nacional de Agricultura, grupo coral dirigido pelo dr. João Antunes, que entoara a *Canção do Soldado*. O Orfeon de Condeixa cantaria o *Hino à Noite* de Beethoven e a *Canção Russa*, conquistando muitos aplausos.

As estrelas do sarau seriam contudo as filhas de Rey Colaço, tendo D. Alice interpretado acompanhada ao piano por D. Maria, trechos de Schumann, Schubert (*Morte da Donzela*), Rey Coelho (*Ó virgens que passais...*), com entusiásticas ovações, enquanto uma chuva de flores tombava sobre elas e o palco a fechar a 1ª parte do espectáculo. A 2ª parte abriria com o Orfeon de Condeixa, interpretando a *Ronda Infantil* de Aarão de Lacerda, e depois, a acompanhar D. Alice a cantar a *Canção da Mofina Mendes* de João de Badajoz, seguindo-se-lhe D. Maria interpretando o *Nocturno de Chopin* ao piano. Na 3ª parte brilhou a mais famosa das irmãs - D. Amélia¹¹³ que recitaria Bernardim Ribeiro, Afonso Lopes Vieira, António Sardinha e entoaria cantos galegos de Rosália Castro, com especial destaque. O encerramento do sarau seria feito com nova actuação do *Orfeon de Condeixa*, interpretando canções populares.

¹¹³ Amélia Rey Colaço (Lx, 1898-1990) foi uma das grandes senhoras do teatro até à sua despedida do palco em 1974. Actriz versátil, foi também uma pedagoga teatral. Nesta altura em que se exhibe no Teatro Sousa Bastos, teria 19 anos.

6. G. LEMOS E SANTOS

Tendo sido anunciada a saída de Luís Lomas em 12 de Maio de 1917, logo a 19, vemos aparecer, em parceria com o proprietário José Guilherme dos Santos, Manuel Gonçalves Lemos.

As notícias veiculadas pelos jornais, apresentavam *G. Lemos & Santos*, como uma empresa formada em Maio, quando na realidade, se tratava de um período probatório para o que viria a ser o novo gerente, tendo o contrato de arrendamento do teatro sido celebrado só a 27 de Julho de 1917, em condições bastante mais vantajosas que aquelas que negociara Luís Lomas.

Neste novo contrato, pelo prazo de três anos, Manuel Gonçalves Lemos ficou a pagar uma renda anual de 1800\$00 (prestações mensais de 150\$00), pertencendo-lhe integralmente a receita da publicidade a exhibir no teatro, podendo, se quisesse, dar espectáculos diários de animatógrafo e variedades, sendo apenas obrigado ao pagamento de uma indemnização de 5\$00 diários a partir do décimo-primeiro dia consecutivo sem espectáculos, caso procedesse assim sem caso de força maior. O fim da época foi também reduzida para 30 de Junho. Este abrandamento na redacção do contrato pode explicar-se pelo possível cansaço do proprietário motivado pelas mudanças sucessivas de gerência, pela idade, e também certamente pela constatação de exagerada rigidez no anterior, que não tinha surtido bons efeitos (Cf. Doc. 7).

Foi, assim, esta nova empresa do teatro Sousa Bastos a reabrir "*as suas portas ao publico esta magnifica e elegante casa de espectaculos*"¹¹⁴ no dia 19 de Maio.

¹¹⁴ *Despertar*, 18 de Maio de 1917.

A nova empresa estava igualmente "animada das melhores intenções", pretendendo "oferecer ao público os melhores films e os mais notáveis numeros de variedades"¹¹⁵. Entretanto, prosseguia com os compromissos e marcações de espectáculos anteriormente feitas por Luís Lomas para o Teatro Sousa Bastos, nomeadamente a récita dos Quintanistas de Direito.

O primeiro espectáculo da directa responsabilidade da nova empresa realizou-se no dia 19 de Maio, com a estreia do "concertista excêntrico moderno" Milá¹¹⁶, e exibição do "grandioso film" em 5 partes *Homem sem nome*.

A 23, tal como estava planeado, apresentava-se a récita dos quintanistas de Direito - *O Crepúsculo dos Lentes* - que tinham escolhido o elegante Teatro Sousa Bastos para o seu desempenho, também ainda em negociações com Luís Lomas. Igualmente com intuítos humanitários, desta feita o produto reverteria a favor da Sociedade da Cruz Vermelha e da Sociedade da Cruz Branca.

A peça - tipo revista, de 3 actos, que versava temas locais - tinha sido ensaiada pelo dr. Matos Chaves e contava com o acompanhamento musical da orquestra, "*composta dos melhores elementos*" num original ensaiado pelo P.^{de} Elias de Aguiar. Decorreria com grande brilho, em parte devido à ornamentação do teatro que tinha ficado a cargo do dr. Brito e Silva, que decorara os camarotes com papoilas e malmequeres em grande profusão. A récita, porém não chegaria ao fim do 3º acto, por tendo sido interrompida "*pela animação demasiada que já reinava no palco e na plateia, ouvindo-se por todos os lados os estalidos das garrafas de Champagne(...)*"¹¹⁷ no fim do 1º quadro do referido 3º acto, quando já passava das 2 horas da madrugada. Repetir-se-ia no dia seguinte.

¹¹⁵ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Maio de 1917.

¹¹⁶ A denominação de "concertista excêntrico moderno" deve referir-se ao tipo de música executada, jazz certamente, pois dez anos mais tarde, em programação do teatro Avenida, este é anunciado como o "*introdutor do Jazz-Band em Portugal*".

¹¹⁷ *Gazeta de Coimbra*, 26 de Maio de 1917.

Como era costume, cada vez que o Teatro Sousa Bastos mudava de direcção e reabria as suas portas, o público coimbricense - numa atitude que ainda hoje se mantém - aderiu em massa, provocando "*enchentes e grande entusiasmo todas as noites*"¹¹⁸.

No 1º de Junho estreava-se com sucesso um verdadeiro espectáculo de circo: variedades caninas - minúsculos cães amestrados por Mr. Paul Leonard, a que se seguia o macaco-homem, "*outro numero soberbo que ali se exhibe e que juntamente com os maravilhosos films constituem um espectáculo soberbo que muito honra a nova e activa empresa do Teatro Sousa Bastos*"¹¹⁹.

Para os dias 5 e 6 anunciava-se a Companhia de Ferreira da Silva, que apresentava em Coimbra as peças *O Pai*, de Strindberg; *O Fado* de Bento Mântua; e *Mascaras* de Bracco, para além de variedades pelos próprios artistas.

Esta companhia era também conhecida como *Troupe Guignol* e tinha como elementos os artistas Teodoro Santos, Tomás Vieira, Manuel Rocha, João Gaspar, Laura Hersch, Gerarda e Beatriz Viana. A sua apresentação não causou impacto na imprensa, que preferia comentar a exibição dos "melhores films d'arte", como *A Culpa*, ("*o maior sucesso do Salão Central de Lisboa*" - cf. Anúncios do Teatro Sousa Bastos) com a actriz Pina Manichelli e o actor Nipoti, que ocorrera a 9 de Junho. A programação prosseguia com as habituais variedades, a bailarina Emilia Moreno, a coupletista espanhola Goia Ruiz (meados de Junho), os tocadores de bandarra e viola espanhola "*de fama mundial*" Los Alpinos (princípios de Julho), etc., "*evidenciando que a nova empresa não se poupa a esforços, trazendo a Coimbra belissimos numeros de variedades todas as noites*"¹²⁰.

Em meados do mesmo mês, fazia grande sucesso o film *D. Juan* e a artista Goya Ruiz, e em notícia do *Despertar* de 22, podia ler-se ácerca do Teatro Sousa Bastos: "*É o cinema da moda, frequentado pela elite*

118 Cf. *Despertar* de 25 de Maio, 1 e 12 de Junho de 1917.

119 *Gazeta de Coimbra*, 2 de Junho de 1917.

120 *Gazeta de Coimbra*, 11 de Julho de 1917.

conimbricense e aquele onde todas as noites se estreiam os films mais artisticos porque a sua empresa não se poupa a esforços para nos dar a conhecer as verdadeiras maravilhas de cinematografia”.

Anunciava-se para breve a peça *Velada Futurista*, de Santa Rita Pintor e José d’Almada Negreiros, que se esperava ocasionasse “*uma grande enchente a julgar pelo interesse que está despertando*”¹²¹.

Também, nos princípios de Julho, se apresentava a “*explendida*” *Troupe Dramática Portuguesa*, formada por distintos artistas dos teatros de Lisboa, com o seguinte repertório: *Conflitos d’alma*; *O perdão*; *A manhã*; *Mentira*; *Viva Portugal*; *O medo das Bengalas*; *Mater dolorosa*; *Pela Pátria*; *Ressuscitado* - temas decorrentes, sem dúvida, do estado de guerra que se vivia em solo estrangeiro, mas que atingia as casas portuguesas.

Anunciava-se, para a temporada de Verão de 1917, a exibição de uma “*magnifica fita cinematografica*” - *Poder Soberano*, cuja actriz principal Hesperia era considerada a “*Duze do cinematografo*”.

Por esta altura, deslocava-se a Coimbra um operador da Casa Gaumont, M. Thiberville que, acompanhado pelo tradutor Júlio Sequeira, colhia “em film diversos aspectos dos mais pitorescos da cidade”, com o que gastaram pouco mais de 100 m de filme, (dum total de 2000 destinados a Portugal) seguindo depois para a Figueira da Foz.¹²²

Entretanto, uma “troca de galhardetes” entre a *Gazeta de Coimbra* e o jornal *Despertar* devido ao facto deste não respeitar o bloqueio informativo em relação ao Teatro Avenida, cessam em Julho as notícias relativas às duas casas de espectáculos de Coimbra¹²³.

¹²¹ *Despertar*, 29 de Junho de 1917.

¹²² Cf. *Gazeta de Coimbra*, 4 e 8 de Agosto de 1917.

¹²³ Cf. *Despertar* de 3 de Julho de 1917.

7. ABREU, CABRAL E LEMOS

Em Outubro de 1917, o silêncio é quebrado pelo *Despertar*, que anuncia a 13, a reabertura do "elegante teatro, sob a firma Abreu, Cabral & Lemos, exibindo-se aí films de verdadeira atracção. É de esperar que o publico de Coimbra não deixe de frequentar aquele teatro, em virtude dos preços serem popularissimos."

Uma vez mais, a gerência do Teatro Sousa Bastos fechara a casa (a 5ª gerência em 3 anos) e a empresa do Teatro Avenida conseguira apoderar-se dos seus destinos... Como sucedera tal? O esclarecimento desta questão foi possível através da documentação notarial.

A análise dos contratos notariais revela que o arrendamento celebrado entre José Santos e Manuel Gonçalves Lemos não fora efectuado de boa-fé, e a ele não presidiram os propósitos de seriedade e honestidade empresarial, por parte do inquilino, tendo, segundo nos parece, constituindo sim, o estratagema que permitiu a apropriação dos direitos de exploração sobre o Teatro Sousa Bastos, por parte da empresa do Teatro Avenida. Manuel Gonçalves Lemos nada mais provou ser que um agente infiltrado dos sócios do Avenida - o Bacharel José António Gomes Cabral e António Mendes d'Abreu

Na verdade, tendo Manuel Gonçalves Lemos celebrado o contrato de arrendamento a 27 de Julho, no cartório de Joaquim Gaspar de Matos, logo no dia seguinte, 28 - num outro notário da cidade, Augusto Saldanha da Silva Vieira - constitui sociedade com os dois elementos referidos, sociedade em nome colectivo *Abreu, Cabral & Lemos* com sede no teatro "Avenida e sucursal no teatro "Sousa Bastos", cujo objecto é "a exploração de espectaculos publicos com animatografo, variedades e companhias de opera, opereta e declamação" nas duas citadas casas de espectáculos. A duração da sociedade é "por tempo de três anos a começar em um de outubro do corrente ano, contando-se o ano social de outubro a setembro",

ou seja coincidente com o contrato de arrendamento sobre o Teatro Sousa Bastos.

A falta de propósitos leais é ainda atestada pelo facto de, menos de um mês e meio da entrada em vigor tanto do contrato de arrendamento, como da nova sociedade - 1 de Outubro - Manuel Gonçalves Lemos se dissociar da empresa, que continua no entanto a girar com o nome social o que permite que os dois restantes sócios continuem a usar da mesma firma colectiva "Abreu, Cabral & Lemos" e que *"apesar da saída do outro seu socio continuam eles na exploração dos referidos teatros, subsistindo por tanto entre eles a mesma sociedade (...) que continua a ser observada entre eles em todos os seus efeitos."* A mestria de Lemos ao negociar o contrato, certamente instruído pelos seus "patrões", permitia que o teatro só fosse obrigado a dar espectáculos de 10 em 10 dias, para evitar o pagamento da indemnização de 5\$00, ou seja, a estar praticamente fechado, como veio a suceder efectivamente, sob a gerência da empresa do teatro Avenida, interessada apenas em acabar com a livre concorrência aberta anos antes.

Relembremos que Mendes d'Abreu e José Cabral tinham ainda estado associados na organização das sessões cinematográficas no Parque de Santa Cruz, no Verão de 1916.

A partir da entrada em funcionamento desta nova gerência, deixa o Teatro Sousa Bastos de ter uma programação autónoma e concorrente, passando as suas sessões de cinematógrafo a realizar-se apenas aos domingos, ou em reprises de *films* que tivessem anteriormente sido exibidos no Teatro Avenida¹²⁴, ou a abrir as suas portas para récitas de Carnaval.

¹²⁴ Neste altura o operador de animatógrafo já não é Carlos Clemente, mas sim Matos, mudança que deve poder relacionar-se com a utilização do operador do Avenida, nas poucas sessões do Sousa Bastos, o que não justificava o emprego de um operador exclusivo.

1918

Em 16 de Março de 1918 falava-se na cidade em iniciar um grupo amador dramático, para levar à cena a peça *Terra de Encanto* "original dos srs. drs. José Emídio Soares Costa Cabral e Luiz da Silva Costa, com versos de Fernandes Martins, música e regência do hábil maestrino Pereira da Silva"¹²⁵. A denominação do grupo era Teatro-Escola e nele participavam, na peça de estreia, Luiz de Almeida e Fernando Martins, entre outros. Em anúncio da *Gazeta de Coimbra* de 26 do mesmo mês "pede-se a todas as pessoas que fazem parte do Teatro Escola a sua comparência no salão de pintura do Teatro Sousa Bastos, amanhã, 27 ás 20 e meia horas". Este grupo amador estaria oficialmente constituído no mês de Abril¹²⁶ e, embora inicialmente se falasse no Teatro Avenida, será no Teatro Sousa Bastos que se realizarão os ensaios. A empresa era a mesma e este deixara de ter uma programação quotidiana, prestando-se assim a este tipo de ocupação.

No mês seguinte a distinta escritora Virgínia Gersão, aluna da Faculdade de Letras, oferecia à mesma Escola Teatral uma peça histórica de sua autoria - *Tânger*, que seria lida no Teatro Sousa Bastos - provavelmente à porta fechada, apenas para o círculo de amigos do grupo teatral.

Em fins de Abril realizava-se um espectáculo em benefício do cofre da Associação dos Artistas, com a encenação por amadores da peça dirigida por Marques Ribeiro, *A Filha do Regedor*.

A 24 de Maio realizava-se um concerto de música sinfónica pelo pianista comimbricense Fernando Leitão, que fizera o curso do Conservatório de Lisboa e prosseguira os seus estudos sob a orientação de Rey Colaço¹²⁷.

Estas actividades eram portanto esporádicas, não havendo uma programação pensada comercialmente. Como afirmava o jornalista da *Gazeta*, em Junho de 1918, a empresa arrendara o teatro para o ter fechado:

(...)o publico deve estar lembrado que a empresa do Teatro Avenida só se resolveu dar explicações á imprensa quando viu o Teatro Sousa Bastos

¹²⁵ *Despertar*, 20 de Março de 1918.

¹²⁶ *Despertar*, 13 de Abril de 1918.

¹²⁷ Cf. *Gazeta de Coimbra*, 4 de Maio de 1918.

*fazer-lhe concorrência, e por sinal essas explicações foram de tal ordem que deixaram a empresa pior do que estava, tomando ele esse teatro de renda, embora para o ter fechado para não haver oficiais do mesmo ofício.(...)*¹²⁸

O melhor teatro de Coimbra, passara a ser uma extensão do Avenida...

Ainda em Julho se apresentava o drama histórico Rainha Santa, desempenho a cargo do Grupo Infantil da Cantina Escola, que bisou no final do mês, cuja receita se destinava à realização de colónias de férias para crianças pobres, na Figueira da Foz.

Embora por esta altura o Teatro Avenida entrasse em obras de remodelação, reabrindo em Setembro, durante o restante ano de 1918 e seguinte de 1919, as referências a exibição de *films* e enchenes são exclusivamente dirigidas a esta casa de espectáculos, inclusivamente pela *Gazeta de Coimbra*, que reatara as relações com o Teatro Avenida, após cinco anos de conflito e bloqueio informativo¹²⁹.

Nem com a assinatura da paz em Novembro de 1918, e o consequente renovar da esperança e economia nacionais, a empresa comum aos Teatros Sousa Bastos e Avenida altera a sua política de aniquilamento do primeiro - preocupando-se tão-só em desinfetar diariamente a sala do Avenida para impedir a proliferação da epidemia da gripe pneumónica, que então grassava, (levando até ao encerramento da Universidade) - mantendo o Sousa Bastos de portas fechadas, disponível para ocasiões esporádicas e sessões que não estragassem a bilheteira do Avenida, que na realidade lhes interessava.

¹²⁸ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Junho de 1918.

¹²⁹ "Dadas determinadas circunstancias, julgamos terminado o conflito que durante cinco anos nos poz em divergencia com a empresa do Teatro Avenida, com a qual a *Gazeta de Coimbra* e outros colegas reataram as suas relações. A questão fica assim solucionada sem desaire para nenhuma das partes". *Gazeta de Coimbra*, 2 de Novembro de 1918.

III. OS ANOS 20

I. SOCIEDADE DE CONCERTOS E ACADEMIA DE MÚSICA

Como vimos, a nova empresa exploradora apenas destina ao Sousa Bastos sessões cinematográficas aos domingos, *reprises*, ensaios de peças teatrais, serões de arte e ocasionais concertos musicais, panorama que se irá manter pelos anos de 1918 e 1919.

1919 Em finais de 1919 aparece a notícia da criação em Coimbra duma *Sociedade de Concertos*, organizada pela *Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*, cujas inscrições para sócios abrem a partir de Novembro¹³⁰, em todas as livrarias de Coimbra.

A actividade desta sociedade teria lugar no Teatro Sousa Bastos e nele se apresentariam os mesmos artistas que se fizessem ouvir na Sociedade de Concertos de Lisboa e no Orfeon Portuense. Os concertos destinavam-se exclusivamente aos sócios inscritos e seu agregado familiar, pagando estes para tal, e antecipadamente, uma quota anual correspondente à categoria dos lugares ocupados¹³¹, que eram sorteados de cada vez. Previam-se a realização de cerca de quinze concertos por época, tendo, para esse efeito, sido adquirido um piano de cauda.

A iniciativa teve grande aceitação entre os professores universitários, que foi de 100% entre os de Direito - uma vez que esta partira dos próprios docentes - agregando-se igualmente os académicos (como então se designavam os estudantes), a "*mais escolhida gente e o próprio comércio*", sendo os preços "*quasi eguais aos do Cinematografo!*" como ficamos a saber pela entrevista de Gabriel d'Alencar na *Gazeta de Coimbra*¹³².

¹³⁰ *Gazeta de Coimbra*, 20 e 22 de Novembro de 1919; 13 de Dezembro de 1919.

¹³¹ Lugares de 1ª categoria: camarotes de 1ª ou 2ª ordem (para 2 famílias) 60\$00; plateia (fauteils) 15\$00; camarotes de 3ª categoria (2 famílias) 25\$00; cadeiras 9\$00. Os sócios deveriam indicar a família com que se associavam. Eram feitas reduções aos *fauteils* para senhoras.

¹³² *Gazeta de Coimbra*, 20 de Novembro de 1919.

O director artístico desta sociedade era o Dr. José Pinto da Cunha Saavedra, sendo a Assembleia Geral composta por nomes grados na cidade: Conde do Ameal, Dr. Guilherme Moreira, Dr. Fêzas Vital, Dr. Guilhermino de Barros, Dr. Pires de Lima da Fonseca. A Direcção contava com Dr. Paulo Merêa, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Artur Aguedo d'Oliveira, Dr. Maximino Correia, António Menano, Dr. Fernandes Ramalho, Armando de Sousa. O Conselho Fiscal presidido pelo Dr. Manuel Braga, contava com o Dr. Carlos Dias, Carlos de Oliveira de Campos e António Pinto de Mesquita.

1920 Em 15 de Janeiro de 1920 anunciava-se a sua inauguração próxima:

*"Temos hoje a dar a surpreendente notícia de que a Sociedade de Concertos está definitivamente constituída entre o aplauso unanime de toda a melhor gente de Coimbra. A subscrição tem dado um imenso, um magnifico sucesso. Os nomes afluem numerosos e prestigiosos ás listas da nova sociedade. Poucos logares restam [n]o Sousa Bastos, para ouvir as grandes figuras da musica moderna que nos virão encantar e maravilhar sucessivamente, em revelações esplendidas"*¹³³.

A inauguração desta sociedade cultural realizou-se a 22 de Janeiro, pelo "notável violinista Manen, rival de Kubelick" (os melhores interpretes de Paganini) no Teatro Sousa Bastos, local onde ficaria a funcionar. Seguiram-se concertos a 23 de Janeiro, e os previstos para 5 e 6 de Fevereiro, pela pianista Aussenac foram antecipados para 2 e 3. A assistência era selecta, envergando as senhoras vestidos de noite e os cavalheiros trajes de gala.

A 8 de Fevereiro o Teatro Sousa Bastos encontrava-se repleto, "à cunha", para assistir à opereta *Entre Duas Avés-Marias*, original de Ernesto Donato e Matos Miguens, membros do Grupo Sá de Miranda, que operava em benefício de obras de altruísmo e filantropia. Esta grande enchente provocou distúrbios na geral, de modo que a Direcção da Cantina resolvia numerar os lugares na próxima apresentação do Grupo. Dentre as músicas tocadas salientava-se *O Fado*, *Ave-Maria* e o côro *Chegada de Jorge*.

¹³³ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Janeiro de 1920.

A 15 e 16 de Março a casa de espectáculos abria-se uma vez mais às iniciativas da *Sociedade de Concertos*, desta vez com o concurso dos famosos artistas português e espanhol - Viana da Mota (pianista) e Francisco Benetó (violinista); enquanto Léa Bach "extraordinária harpista" - considerada a primeira a nível mundial - executava peças de Beethoven, Schumann, Bach e Liszt, a 29 e 30 do mesmo mês, tendo a sua vinda a Coimbra sido considerada um triunfo para a *Sociedade de Concertos*. Para Abril delineava-se a vinda do Quarteto Rosé, com audições a 13 e 15, ansiosamente esperadas. Entretanto, a 5 de Abril, repetia-se a apresentação da opereta *Entre Duas Avés-Marias*.

A existência da *Sociedade de Concertos* em Coimbra, trouxera nova animação ao Teatro Sousa Bastos - pois, querendo o grupo de amadores dramáticos portugueses apresentar em Coimbra a opereta *O Solar dos Barrigas*, se noticia haver dificuldade na escolha do dia por "*existirem compromissos da empresa do Teatro Avenida com este teatro e o Sousa Bastos por todo este mês*"¹³⁴.

Em Maio de 1920, em virtude da morte de José Guilherme dos Santos, metade da propriedade do Teatro Sousa Bastos, é dividida pelos herdeiros, na proporção dessa metade para a sua viúva Emília Augusta dos Santos, (que já possuía metade pelo matrimónio) e na proporção de dois quartos para cada filho e cônjuges - José Guilherme dos Santos Júnior e mulher Maria José Pinto dos Santos; Júlia dos Santos Pinto Amado e marido Fausto Pinto Amado¹³⁵ - continuando a vigorar o contrato celebrado ainda por José Guilherme dos Santos com Gonçalves Lemos. O Teatro é nessa altura avaliado em 28. 494\$00.

¹³⁴ *Gazeta de Coimbra*, 5 de Junho de 1920.

¹³⁵ Conforme registo notarial de Diamantino da Mata Calisto, livro 60 A, fl. 82. e o registo na conservatória nº 16516 de 16 de Junho de 1920.

A 10 de Junho promovia-se um *sarau d'arte* com as conhecidas irmãs Rey Colaço, tendo Maria interpretado Bach e Brahms; Alice, a *Mandoline* - poesia de Verlaine com música de Debussy; e Amélia recitado sonetos de Camões e as *Trovas à Morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende, para além de várias peças de Rosalía de Castro, - o que lhe granjeou grandes manifestações de simpatia por parte do público, "interessadíssimo" e composto pelas "melhores famílias da nossa sociedade"¹³⁶.

Pelo mês de Julho, começa a falar-se na cidade na construção de uma praça de Touros, enquanto em Agosto se assiste por todo o país a um movimento de revolta, traduzido numa onda de assaltos, resultante da carestia de vida que se fazia sentir. Como o contrato de arrendamento celebrado para o edifício do Teatro Sousa Bastos contemplava o encerramento a 30 de Junho, este fecha, tal como o Teatro Avenida, que só reabrirá em Outubro, após ter sido todo pintado de novo.¹³⁷ Igualmente em Outubro, a 21, acha-se aberta a inscrição de sócios na *Sociedade de Concertos* para a nova época de 1920/21, que se contava iniciar em Novembro com a participação do *Quarteto Rosé*; *Capella Sixtina*, do Vaticano; Inácio Friedmann, pianista polaco; Bauchauss, pianista alemão; e prosseguir em Dezembro com o Trio Hayot-Ciampi-Heckking; Monjoret (cantora francesa); Hubermann (violinista polaco); Viana da Mota; etc.

1921 Paralelamente, a *Sociedade de Concertos* fundava "uma agremiação superior, que muito vai desenvolver a arte musical em Coimbra", ou seja, propunha-se criar um Conservatório Musical ou Academia de Música¹³⁸, um salão de concertos para os seus alunos e uma biblioteca musical¹³⁹. A adesão excedia as expectativas no final do mês, mas por motivos desconhecidos só se darão os primeiros concertos da temporada em Janeiro

¹³⁶ *Gazeta de Coimbra*, 12 de Junho de 1920.

¹³⁷ *Gazeta de Coimbra*, 2 de Outubro de 1920.

¹³⁸ Que efectivamente entrou em funcionamento, tendo como professores Viana da Mota, Eugénia Mantelli e Lucien Lambert, que se deslocavam de Lisboa, ficando Viana da Mota, por exemplo, dois dias em Coimbra para atender o numeroso grupo de alunos.

¹³⁹ *Gazeta de Coimbra*, 21 e 26 de Outubro de 1920

de 1921 - havendo também silêncio em relação ao Teatro Sousa Bastos neste período de sete meses (uma vez que a última notícia dizia respeito ao sarau das Rey Colaço, ainda em Junho).

"É no dia 18 e 20 do corrente que se realisam os primeiros concertos desta temporada com M.ele Noela Coussin, uma das melhores, senão a melhor violinista (...) Para qualquer assinatura de plateia, logares marcados, convites, sorteio de camarotes, etc., no Tiro e Sport, á Rua da Sofia, no dia 18, pelas 16 horas.

Não se fazem assinaturas á porta do teatro, nem se aceitam quaisquer outros pedidos á hora do espectáculo."¹⁴⁰

O público não perdia por esperar, uma vez que Noella Cousin era uma celebridade, e a época de abria com "*chave de ouro*". No dia do segundo concerto da violinista, funcionavam em Coimbra todas as suas três casas de espectáculos - o Teatro Sousa Bastos, o Teatro Avenida e o Coliseu Imperial, como referia o cronista da Gazeta: "*Coimbra já tem publico para tudo isto.*"¹⁴¹ Para 17 e 18 de Fevereiro de 1921 contava-se com as audições das sonatas de Beethoven, por Viana da Mota, agora frequentemente em Coimbra, dada a sua actividade lectiva na *Academia de Música*, datas que, contudo, sofreram adiamento por motivo de doença.

A 20 podia assistir-se uma vez mais à opereta cómica *Entre Duas Avés-Marias*, representada pelo Grupo Sá de Miranda.

É também neste mês de Fevereiro, que Emília Augusta dos Santos fica única proprietária do Teatro Sousa Bastos, pois os seus filhos, certamente sem qualquer interesse no negócio, negociam com a mãe a troca da sua quarta parte no teatro por outras propriedades da família, ficando assim a viúva na posse plena do imóvel¹⁴².

¹⁴⁰ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Janeiro de 1921.

¹⁴¹ *Gazeta de Coimbra*, 20 de Janeiro de 1921.

¹⁴² Cf. Registo nº17096 de 29 de Abril de 1921 da Conservatória do Registo Predial e Registo Notarial de Eduardo Saldanha da Silva Vieira, AUC, livro 93 A, fl. 65 vº.

A 10 e 11 de Março realizavam-se então os programados concertos de Viana da Mota, que constituíam os 15º e 16º concertos promovidos pela *Sociedade de Concertos de Coimbra*. A 15 fazia a sua apresentação o pianista alemão Wilhem Bauchauss, a primeira em Portugal, onde nunca tinha vindo. "*Executou músicas de Beethoven, Schumann, Brahm e Chopin, revelando-se uma verdadeira sumidade artística, na técnica, no genio e no gosto.(...) O publico prodigalizou-lhe fartos e merecidos aplausos, principalmente no fim do concerto que a todos deixou plenamente satisfeitos*"¹⁴³.

É de realçar, nesta altura, a acção da *Sociedade de Concertos*, capaz de trazer a Coimbra tantas notoriedades do panorama musical mundial - pois eram artistas não só famosos na Europa, como também nos Estados Unidos (caso de Léa Bach) e da honra que tais episódios deixam na história da atribulada existência do Teatro Sousa Bastos, e, por inerência, na história da cidade de Coimbra.

Estas iniciativas contavam com a adesão das camadas sociais mais refinadas e cultas, menos numerosas, pelo que o Teatro Avenida podia, à vontade, subir os preços dos bilhetes, como fez, sendo nesta altura "*os mais elevados de sempre*"¹⁴⁴.

A 2 de Abril, exhibia-se o Quarteto Rosé, de fama mundial, e novamente a 4, com o concurso de Viana da Mota, com um ambiente selecto e elegante: "*O teatro tinha uma grande enchente e um aspecto de gala pela ornamentação dos camarotes com colgaduras de damasco e sêda e pelas luxuosas toilettes das damas. Assistiram ao magnifico sarau alguns professores e estudantes espanhóis. O sr. Tormo, director da excursão, assistiu com o reitor interino da Universidade de Coimbra*"¹⁴⁵, numa frisa, o concerto."¹⁴⁶

Em finais de Abril, falava-se da vinda da Orquestra Blanch e, a 26, também por iniciativa da *Sociedade de Concertos*, realizava um concerto no Teatro Sousa Bastos, a cantora francesa Claire Croiza, acompanhada ao

¹⁴³ *Gazeta de Coimbra*, 17 de Março de 1921.

¹⁴⁴ *Gazeta de Coimbra*, 24 de Março de 1921.

¹⁴⁵ Doutor Oliveira Guimarães

¹⁴⁶ *Gazeta de Coimbra*, 5 de Abril de 1921.

piano por M.^{elle} Medintiano. Preparava-se, entretanto, um concerto de apresentação dos alunos da Academia de Música, de forma a mostrarem à cidade os seus talentos de composição, instrumentais e vocais. De Lisboa, vinha reunir-se-lhes, um "otimo discipulo de M. Mantelli cantar a desgarrada do côro A Serrana de Alfredo Keil."¹⁴⁷

A empresa do teatro Avenida cedia nos dias 9 e 10 de Maio o Teatro Sousa Bastos, para as duas récitas de caridade, onde se representaria a comédia *A Bisbilhoteira*, original de Eduardo Schwalbach Lucci, que obtivera grande sucesso na Figueira da Foz no Verão anterior, e também na capital. É esta a última referência ao Sousa Bastos na época em apreço - 1920/21 - a sua actividade diminuía ou extinguiu-se, pois numa notícia de 5 de Julho, o jornalista da *Gazeta de Coimbra*, refere-se à programação "do teatro" sem identificar o Avenida explicitamente, o que significa que o Sousa Bastos não funcionava como tal, não havendo por isso necessidade de distinções - os leitores sabiam imediatamente de que teatro se estava a falar.

É só no início da temporada teatral seguinte, ou seja, em Outubro de 1921, que se fala novamente na *Sociedade de Concertos*, anunciando a *Gazeta* que "devem os antigos assinantes declarar se desejam ou não continuar a sua assinatura na presente epoca"¹⁴⁸, e é devido a este reinício, no dia 22 de Novembro com o concerto de Alexandre Brailowsky, que se ouve falar novamente no Teatro Sousa Bastos:

"Na terça-feira realizou no Teatro Sousa Bastos o primeiro concerto desta epoca, promovido pela Sociedade de Concertos. Alex Brailowsky, distinto pianista russo, revelou-se um grande artista, certamente muito comparado na execução a Bauchauss. Brailowsky executou primorosamente musicas de Beethoven, Chopin, Liszt, etc.. Hoje, segundo concerto com Schumann, Chopin, Liszt, etc. A assistencia foi grande e distinta e os aplausos vibrantes."¹⁴⁹

¹⁴⁷ *Gazeta de Coimbra*, 26 de Abril de 1921.

¹⁴⁸ *Gazeta de Coimbra*, 25 de Outubro de 1921.

¹⁴⁹ *Gazeta de Coimbra*, 24 de Novembro de 1921.

A população, entretanto, aumentara e a oferta de espectáculos teatrais não satisfazia inteiramente a procura, pelo que em finais do ano, se anuncia o desejo de uma empresa teatral portuense fazer teatro em Coimbra. Como a situação do Teatro Sousa Bastos não sofria alterações, mantendo-se praticamente encerrado sem uma programação consequente, pensada em termos comerciais - embora a sua lotação fosse superior à do Avenida - funcionando quase em exclusivo para os concertos musicais aludidos, o jornalista refere que "*por isso ou tem que se fazer outro ou ampliar muito o Avenida, já que o Teatro Sousa Bastos não é explorado como devia ser*"¹⁵⁰.

Alguns dias depois, este comentário adquiriria ainda maior justeza, na medida em que novo contrato de arrendamento era celebrado entre Emília Augusta dos Santos (única proprietária) e o Bacharel José António Gomes Cabral, na qualidade de representante e sócio da firma *Abreu, Cabral & Lemos*, a 31 de Dezembro de 1921.

Este contrato é feito pelo prazo de cinco anos a começar a 1 de Outubro de 1921 e a terminar a 30 de Setembro de 1926, podendo ser prorrogado por um ou mais se ambas as partes combinarem, e compreende o aluguer do prédio do Teatro Sousa Bastos, "*suas dependencias, mobiliario, scenario, canalisação de agua e gas e bem assim todas as instalações electricas com seu motor e dinamo*", pela quantia anual de 5.500\$00 a que se juntavam mais 2.000\$00 de indemnização pelo café, pois neste contrato deixa de haver fixação do número de espectáculos a realizar! e, assim, a frequência do café seria bastante afectada e irregular.

Além disso, a maquinaria e móveis arrendados - incluindo motor e dínamo que tantos anos levava a pagar¹⁵¹ - podiam ser utilizados pelos arrendatários "*livremente tanto no teatro Sousa Bastos como no teatro Avenida*", conquanto o pagamento de todas as contribuições lançadas pela exploração da casa (contribuição industrial,

¹⁵⁰ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Dezembro de 1921.

¹⁵¹ Conferir Anexos - Documento 10.

selos dos bilhetes e cartazes, licenças e avenças, pagamentos à Câmara Municipal) ficassem a cargo dos mesmos. A senhoria reservava-se o direito de, à semelhança do marido, entrar livremente no teatro, e ocupar, ela ou sua família em todos os espectáculos, à excepção dos concertos, o camarote nº 3 da 2ª ordem, bem como de retirar o motor e dínamo ou substituí-los pela corrente da Câmara, excepto no período carnavalesco, e para além da exploração do café, vender bombons e chocolates em todas as dependências do teatro. O contrato equacionava um possível abaixamento da renda se as condições económicas melhorassem”¹⁵².

Nem a ameaça de construção de uma nova casa de espectáculos na cidade parece ter alterado a posição da gerência do Teatro Avenida em relação à “sucursal”, pois apesar de, no próprio dia de assinatura do contrato se noticiar que: *“Consta-nos que o Teatro Sousa Bastos reabrirá em 10 de Janeiro com uma companhia permanente de variedades, estabelecendo-se para esse fim permuta de artistas com Lisboa e Porto de forma a apresentar novos numeros em todos os espectaculos”¹⁵³*, este boato deve ter servido apenas de engodo às negociações com a viúva, uma vez que no começo de 1922 não temos qualquer conhecimento de esta reabertura se ter efectuado - a única notícia referente ao Teatro Sousa Bastos é relativa à deslocação da sua cúpula, em consequência do tremor de terra que se verificara a 16 de Janeiro. Como vimos, o contrato desvinculava a empresa exploradora de qualquer obrigação de manter o teatro aberto, o que efectivamente fará apenas para realizar o montante devido pela renda. Embora o contrato possa denotar alguma inépcia por parte da proprietária, é de considerar a sua situação de viúva em dificuldades económicas, pois embora a família tivesse alguns haveres, o marido deixara dívidas (que aliás a viúva assumira exclusivamente com o

¹⁵² Conferir *Fundo Notarial*, Cartório de Eduardo Saldanha da Silva Vieira, AUC, livro 198A, fl. 94 a 97.

¹⁵³ *Gazeta de Coimbra*, 31 de Dezembro de 1921.

filho) causadoras até de embargos ao depósito da renda do Teatro Sousa Bastos feita pela firma Abreu, Cabral & Lemos¹⁵⁴.

Em Fevereiro realizava-se em Coimbra, nas instalações da Câmara Municipal, um Congresso Económico. Para o seu encerramento, a 13, organizou-se um sarau no Sousa Bastos:

"O sarau em honra dos congressistas foi uma brilhante festa de arte. Realizou-se, no Teatro Sousa Bastos, uma magnifico sarau em honra dos congressistas, promovido pela Associação Comercial.

O programa foi escolhido e possuía numeros esplendidos. E foi assim que resultou uma admiravel noite d'arte, como poucas vezes Coimbra tem presenciado.(...)

Abriu o sarau o sr. dr. Rocha Brito (...) [tendo-se-lhe seguido] o sr. Joaquim Lança e academico Adriano Fernandes.

O numero de sensação do sarau era a Mireille, 1º acto da mesma opera(...)

A banda da GNR executou alguns numeros esplendidos (...)

As senhoras que tão brilhantemente representaram a Mireille foram Mademoiselle Conceição Mariz, (...), M. Aline de Brito, (...) M. Virginia A. Leitão(...)"¹⁵⁵

Os coros tinham sido ensaiados por Coutinho de Oliveira.

Na quinta e sexta-feira seguintes - 16 e 17 de Fevereiro - a *Sociedade de Concertos* oferecia aos seus associados dois concertos pelo quarteto alemão Wendling, os 24º e 25º por esta organizados, dedicando-se o primeiro a obras de Mozart, Schubert e Debussy, enquanto o segundo se compunha de um recital beethoveniano.

¹⁵⁴ Cf. *Fundo Notarial*, Cartório do Notário Substituto Augusto Saldanha da Silva Vieira, Arquivo da Universidade, Livro 188B, fl. 19, de 3 de Fevereiro de 1921.

¹⁵⁵ *Gazeta de Coimbra*, 14 de Fevereiro de 1922.

No mês de Março, pela iniciativa da *Academia de Música*, apresentavam-se no Teatro Sousa Bastos as discípulas lisboetas de M.^{elle} Mantelli, em matinée, a realizar no domingo, 5, pelas 14h 30, com o nome de *Concerto Mantelli*¹⁵⁶.

Decorriam, entretanto, negociações na cidade para a construção de um teatro-casino¹⁵⁷, enquanto que, devido aos novos regulamentos de incêndios, os teatros existentes eram vistoriados, sabendo-se que "*no Teatro Sousa Bastos também vão ser feitas as alterações indispensáveis*"¹⁵⁸.

Em Abril, Coimbra recebia novos congressos:

"*Nos proximos dias 21, 22 e 23 do corrente realizar-se-ha nesta cidade, no Teatro Sousa Bastos o Congresso do Partido Democrático[?], a que devem assistir mais de 1000 congressistas.*

*Seguidamente realizar-se-hão o das Mocidades Católicas, o dos Farmacêuticos e o Beirão (...)"*¹⁵⁹

porém, como a cidade se encontrava com faltas de água e luz, "*antes da meia-noite, já não havia luz pelas ruas proximas do Teatro Sousa Bastos e do correio onde muitos congressistas se dirigiram(...)*"¹⁶⁰. apesar do pedido feito pela comissão do *Partido Republicano Português* à Câmara, para que a iluminação pública fosse, durante os dias do congresso, prolongada até à 1h 30 da madrugada, assim como o fornecimento ininterrupto de gás no Teatro Sousa Bastos¹⁶¹.

O congresso das *Mocidades* realizou-se no CADC e o *Congresso Beirão* teve lugar na sede da *Sociedade de Defesa e Propaganda*¹⁶² que, como sabemos, estava na origem da criação da *Sociedade de Concertos* e da *Academia de Música*.

Ora, nesta altura, a *Sociedade de Concertos* deixa de os efectuar no Teatro Sousa Bastos, noticiando-se um concerto com o pianista Luís Costa

¹⁵⁶ *Gazeta de Coimbra*, 25 de Fevereiro e 4 de Março de 1922.

¹⁵⁷ *Gazeta de Coimbra*, 9, 18 e 25 /3; 13, 22 e 2 de Abril; 27 de Maio; 10 e 13 de Junho, 22 de Julho, 17 de Agosto e 21 de Setembro de 1922.

¹⁵⁸ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Março de 1922.

¹⁵⁹ *Gazeta de Coimbra*, 11 de Abril de 1922.

¹⁶⁰ *Gazeta de Coimbra*, 22 de Abril de 1922.

¹⁶¹ José Pinto Loureiro, *Anais do Município de Coimbra*, 1920-1939, Coimbra, 1971, p.47.

¹⁶² Que breve iria mudar as suas instalações para o Pátio do Castilho (Cf. GC, 6 de Junho de 1922).

no salão nobre da *Associação Comercial* ¹⁶³. Noticia-se também o segundo concerto *Sociedade de Música de Câmara*, para os dias 16 ou 17 de Maio. Tratava-se de uma organização diversa mas afecta à mesma entidade - com organizações menos internacionais - e que fica a funcionar igualmente na *Associação Comercial* onde, afinal, o concerto de câmara se realizará a 19.

Não sabemos se a *Academia de Música de Coimbra* continua a utilizar o Teatro Sousa Bastos, pois é anunciado a 23 de Maio um concerto, sem identificação do local. A 1 de Junho anuncia-se uma "festa de arte" que conta com M.^{elle} Mantelli, professora da citada Academia:

"Promovida pelas sras. D. Maria de Alarcão, e D. Aline Candida de Brito, realiza-se no dia 11 do proximo mês de Junho, uma festa de arte, no Teatro de Sousa Bastos, na qual tomará parte Mme. Mantelli e outros elementos consagrados" ¹⁶⁴.

Com efeito, no domingo, 11 de Junho, decorreu um sarau "com uma distinta e selecta assistência" ¹⁶⁵, cuja primeira parte constou do 2º acto da *Traviata* e a segunda, da música e cântico das "Fiandeiras" do *Navio Fantasma*, ensaiado pelo já nomeado Coutinho de Oliveira. A 3ª parte foi preenchida com *Desgarrada da Serrana*. No dia seguinte, 12, "realizou-se no mesmo teatro um outro sarau foi oferecido pelas [mesmas] damas senhoras à academia (...) ¹⁶⁶, o que, segundo sabemos, encerrou a época no teatro.

Na época seguinte - 1922-23 - noticia-se a inscrição de novos sócios na *Sociedade de Concertos* de Coimbra, ao balcão do Banco Nacional Ultramarino, e fica confirmada a (...) *impossibilidade de se darem os concertos no Teatro Sousa Bastos, estes terão lugar na Associação Comercial* (...) ¹⁶⁷. Teria a firma Abreu, Cabral & Lemos, alguns planos para o Teatro Sousa Bastos, uma vez que a propriedade da Estrela (no local do antigo Colégio de Santo António da Estrela), mesmo ali ao lado, fora vendida em

¹⁶³ *Gazeta de Coimbra*, 9 de Maio de 1922.

¹⁶⁴ *Gazeta de Coimbra*, 1 de Junho de 1922.

¹⁶⁵ Ao contrário da do Teatro Avenida, onde se davam "arruaças constantes", cf. *Gazeta de Coimbra*, 11/10/1921.

¹⁶⁶ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Junho de 1922.

¹⁶⁷ *Gazeta de Coimbra*, 7 de Novembro de 1922.

Setembro para a construção de um Grande Hotel, com projecto a cargo de Raul Lino? Ou tratava-se apenas de alguma desavença criada para retirar o pouco protagonismo que restava à sucursal? Embora a programação do Teatro Avenida fosse contínua e sem rival na cidade, o edifício necessitava de obras, e era mais antiquado que o Sousa Bastos, razão talvez pela qual - além da evidente maior disponibilidade de programação - os acontecimentos elegantes, eruditos, ou científicos se realizavam no Teatro Sousa Bastos, como os congressos, concertos e saraus já descritos.

Nesta altura, o panorama musical e filantrópico da cidade passa a contar regularmente com as iniciativas da D. Glória Castanheira¹⁶⁸, ilustre senhora com residência na Couraça de Lisboa, que embora se venha a utilizar do Teatro Sousa Bastos, dá a maioria dos concertos que organiza e executa, em prol dos desfavorecidos ou de instituições beneméritas, nos seus próprios salões - tendo favorecido, nomeadamente a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, cuja provedoria será encargo do Doutor Oliveira Salazar até Julho de 1923¹⁶⁹.

1923 Durante esta temporada de 1922-23, o silêncio sobre o Teatro Sousa Bastos é completo. Até ao terminar da época, nada se diz sobre o teatro, as atenções da empresa gerente estão viradas para a sede, que encerra de finais de Julho a Outubro para a realização das necessárias obras - tanto mais que a questão de um novo teatro na cidade continua a ser equacionada, propondo-se até a localização da Praça da República¹⁷⁰, isto é, poucas centenas de metros acima do Avenida. Os interesses giram também à volta da construção de uma praça de touros. Mesmo após as obras, a *Gazeta de Coimbra* não deixa de defender a construção de um terceiro teatro na cidade e, implicitamente, criticar a empresa responsável pelos dois teatros da urbe:

¹⁶⁸ *Gazeta de Coimbra*, 3 de Agosto de 1922, 18 de Janeiro, 14 de Abril de 1923, 21 de Fevereiro, 20 de Março de 1924.

¹⁶⁹ *Gazeta de Coimbra*, 3 de Julho de 1923.

¹⁷⁰ *Gazeta de Coimbra*, 16 de Agosto e 6 de Novembro de 1923.

"(...)os teatros existentes são todos antiquados e pequenos (...) hoje qualquer cidade de terceira ordem tem um teatro melhor do que qualquer dos dois que existem em Coimbra (...)"¹⁷¹.

A ameaça de uma terceira casa de espectáculos na cidade - desta vez, escapando ao controlo da firma *Abreu, Cabral & Lemos*, isto é, aos senhores José António Gomes Cabral e António Mendes d'Abreu - deve-os ter levado a preferir devolver alguma actividade ao Sousa Bastos, para assim iludir a falta de casas onde se pudessem dar espectáculos. O facto é que, quando a *Sociedade de Concertos* reabre na nova época, em finais de 1923, a *Gazeta* noticia o seguinte:

"Ao que nos consta, reabre brevemente esta sociedade, que tão relevantes serviços tem prestado à educação artística de Coimbra. Os concertos realizar-se-hão no Teatro Sousa Bastos (...)"¹⁷².

1924 Porém, o panorama não se altera para este teatro, com aberturas esporádicas e com nível da sua actividade cultural a decair, como se comprova pela notícia da sua ocupação, com um comício promovido pelo grupo libertino *Rebeldes*, a 13 de Janeiro de 1924:

"No Teatro Sousa Bastos realizou-se no domingo, um comício de protesto contra a sentença que condenou à morte os assassinos de Dato.

O comício foi promovido pelo grupo libertino *Rebeldes*. O comissário de polícia, que assistiu ao comício, não permitiu censuras ao tribunal que condenou aqueles reus. Foi aprovada uma moção, pedindo que a sentença fosse modificada."¹⁷³

Em Fevereiro, a rubrica *Palcos e Salas da Gazeta de Coimbra*¹⁷⁴, enuncia várias espectáculos, no Teatro Avenida, no Ateneu Comercial, inclusivamente em Montemor-o-Velho, não havendo uma única palavra relativa ao Sousa Bastos. Só em Março, com a inauguração do ano musical da

¹⁷¹ *Gazeta de Coimbra*, 22 de Novembro de 1923.

¹⁷² *Gazeta de Coimbra*, 4 de Dezembro de 1923.

¹⁷³ *Gazeta de Coimbra*, 15 de Janeiro de 1924.

¹⁷⁴ *Gazeta de Coimbra*, 23 de Fevereiro de 1924.

Sociedade de Concertos, a situação melhora no Sousa Bastos, nomeadamente em relação ao nível cultural, porquanto no respeitante à frequência, a *Sociedade de Concerto* apenas garantia um mínimo de cinco concertos:

"Já se encontra aberta no Banco Ultramarino a inscrição para socios, neste ano musical. A inauguração é no dia 9 de Março, no Teatro Sousa Bastos, com o Orfeon Russo "Côro de Cossacos do Kubar (...)"¹⁷⁵.

Em Março anunciava-se ainda a realizações de espectáculos cinematográficos nas quatro noites de Carnaval (as últimas exhibições de que se tem notícia tinham sido em 1918!), e um concerto por Oscar da Silva no dia 11:

"Oscar da Silva. Realiza-se hoje no Teatro Sousa Bastos o seu anunciado concerto musical.

Oscar da Silva, o genial interprete de Chopin e de Schumann realiza hoje no Teatro Sousa Bastos o seu primeiro concerto depois da sua chegada da America do Norte, onde conseguiu triunfos inolvidaveis.(...)"¹⁷⁶. O concerto compunha-se essencialmente de obras de Schumann, Chopin, e do próprio (cf. Tabela de programação).

A inauguração da *Sociedade de Concertos* não se concretizara, contudo, dados os elevados custos da vinda de artistas estrangeiros, área para que a sociedade se encontrava vocacionada, tendo sido devolvidas as importâncias pagas. Reabria, sim, com características nacionais e portanto, menos dispendiosas, a *Sociedade de Música de Câmara*, que constituía uma subdirecção daquela, e que ficava a cargo de António da Mota Lima e Constantino Cardoso, seus reorganizadores.

"(...)Em virtude certamente das dificuldades da vida e de estarmos já no fim do ano musical, além dos preços elevados dos artistas estrangeiros, devido ao nosso mau cambio, a Sociedade de Concertos não pode abrir este ano, o que esperam se faça no proximo ano musical, em Outubro.

¹⁷⁵ *Gazeta de Coimbra*, 28 de Fevereiro de 1924.

¹⁷⁶ *Gazeta de Coimbra*, 1 de Março de 1924.

A Direcção da Sociedade, contudo (resolveu reabrir a sua "Sociedade de Musica de Câmara" ,, entregando a sua organização à subdirecção desta Sociedade; sr. Antonio da Mota Lima e Constantino Cardoso, que já a reorganizaram.

Os camarotes estão todos passados e da plateia poucos lugares restam, estando inscrita a nossa sociedade elegante e intelectual que faz parte da Sociedade de Concertos.

Os concertos realizam-se no Teatro Sousa Bastos e começam dentro de poucos dias. Abre os concertos Viana da Mota, depois o grande violinista Fernando Cabral, a harpista Lea Bach, Aussenac, etc.

A inscrição por toda a serie de concertos está aberta na Tabacaria Crespo¹⁷⁷.

O segundo concerto da *Sociedade de Música de Câmara* anunciado para 31 - dias depois de um outro executado pela D. Glória Castanheira nos seus salões, com intuítos filantrópicos (realizaria três contos de reis em favor da Santa Casa da Misericórdia) - não se efectuou, por motivos de força maior. Realizou-se sim, a 11 de Abril - *"o concerto musical dos artistas Raul da Costa [violino] e Varela Cid [piano] realiza-se amanhã no Sousa Bastos"*¹⁷⁸ - certamente devido a um atraso da chegada de Paris, onde o primeiro era pensionista.

A programação pouco frequente do Teatro Sousa Bastos, mas que vinha sendo preponderantemente de carácter erudito e musical, retoma, no mês de Maio, num breve parêntesis, características teatrais mais "familiares", com o ensaio de uma opereta por parte dos alunos da Escola Prática de Comércio:

"Entrou em ensaios no Teatro Sousa Bastos a bonita opereta em 2 actos Os Cirandeiros, para ser representada pelos alunos da Escola Prática do Comércio, em Coimbra, Figueira e Braga.

¹⁷⁷ *Gazeta de Coimbra*, 13 de Março de 1924.

¹⁷⁸ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Abril de 1924.

*Os mesmos alunos organizaram um magnífico orfeon, que tem sido ensaiado pelo sr. Antonio dos Santos Junior*¹⁷⁹.

Tanto mais que a *Sociedade de Música de Câmara*, por motivos desconhecidos¹⁸⁰, termina a época musical, conforme explica publicamente na *Gazeta de Coimbra*:

*"Comunica-nos a Direcção desta Sociedade que por virtude dos últimos acontecimentos, teve de encerrar a época musical de 1923 1924, deixando assim de dar o quinto e ultimo concerto, o que aliás, não faria, dadas outras condições, com desprezo mesmo pelos sacrificios materiais."*¹⁸¹

Uma vez mais o silêncio desce sobre o Teatro Sousa Bastos, que apenas sabemos abrir as suas portas pela segunda vez aos anarquistas *Rebeldes*, a 5 de Outubro de 1924, data da comemoração da implantação da República, para uma sessão de propaganda:

"Promovida pelo grupo libertario Os Rebeldes, realiza-se amanhã, 5 pelas 14 horas, no Teatro Sousa Bastos, uma sessão de caracter doutrinario, crítico e educativo.

O Grupo promotor desta sessão convida a assistir o operariado, academia, intelectuais, imprensa e o publico em geral.

A tribuna será livre sendo aceite a controversia e poderão usar da palavra todos os cidadãos que assim o desejarem.

*Nesta sessão, tomam parte dois oradores do Porto, delegados do comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte"*¹⁸².

¹⁷⁹ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Maio de 1924.

¹⁸⁰ Registam-se nesta altura em Coimbra uma greve do pessoal do serviço telégrafo-postal e conflitos universitários de alguma gravidade, que apenas conhecerão solução em Outubro do mesmo ano, que não sabemos se foram razões com validade para este caso.

¹⁸¹ *Gazeta de Coimbra*, 21 de Junho de 1924.

¹⁸² *Gazeta de Coimbra*, 4 de Outubro de 1924.

2. GRUPOS DRAMÁTICOS BENEFICENTES

No mês de Outubro de 1924 nada digno de nota nos jornais sucede no Teatro Sousa Bastos e é somente no mês seguinte¹⁸³, com a criação do *Grupo Benemérito de Beneficência*, que a casa passa a ser regularmente utilizada para teatro amador, embora circunscrito a um grupo familiar.

"Um grupo de rapazes, amadores da arte de Talma, realizou ha dias no Teatro Sousa Bastos um espectáculo para divertimento de suas familias.

Para custear as despesas feitas resolveram abrir pelos espectadores uma "quete" que rendeu aproximadamente 300\$00. Desta importância sobejou 130, que o mesmo grupo, num gesto que o nobilita, entregou ao digno director do Asilo de Infancia Desvalida, sr. dr. Elisio de Moura¹⁸⁴.

Desta reunião familiar resultou a fusão deste grupo com alguns elementos em beneficio de varias instituições de caridade. Devidamente organizado, o grupo que teve já a sua primeira reunião no Teatro Sousa Bastos, generosamente cedido para esse fim, denomina-se Grupo Benemérito de Beneficência.

Os ensaios que começaram já teem decorrido animados não faltando ao grupo a boa vontade para brevemente, dar começo á sua generosa e humanitaria ideia (...)"¹⁸⁵

Delineava-se uma nova fase na vida do Teatro Sousa Bastos, como se comprovará futuramente. Se até aqui estivera de portas quase fechadas, os espectáculos que constituíam a sua única actividade eram dirigidos a uma classe intelectual, "elegante", no dizer da época, com um cunho marcadamente cultural e erudito, resultante da utilização da casa de espectáculos

¹⁸³ Logo no dia 6 os jornais noticiam a agressão do prof. António de Oliveira Salazar, na Rua Dr. Guilherme Moreira, por um quartanista, reprovado pela 3ª vez.

¹⁸⁴ Que acabou por tomar o nome deste seu director.

¹⁸⁵ *Gazeta de Coimbra*, 18 de Novembro de 1924.

pela *Sociedade de Concertos*, e *Sociedade de Musica de Câmara*, realizando-se, esporadicamente outras sessões de características diversas, como é o caso de saraus e comícios.

Com o *terminus* destas instituições o Teatro Sousa Bastos vai passar a ser maioritariamente ocupado com saraus beneficentes, promovidos já não pelas "melhores famílias", mas pela classe operária organizada, que empreendiam esforços em prol de várias instituições de caridade. Estas iniciativas eram na verdade louváveis e necessárias, numa altura em que entidades como o *Asilo de Infância Desvalida* apenas contavam com a ajuda dos sócios e população benemérita, pouco se socorrendo do Estado, e que devido à miséria reinante - agravada ainda pela grave epidemia (sobretudo em 1922), com um grande foco em Montarroio - tinha nestes anos reduzido, por necessidade, para 15, o número de crianças e jovens protegidos, quando a média desde os começos desta casa, era de 45.¹⁸⁶

1925

É somente após a passagem do ano que temos notícia de outro espectáculo no Teatro Sousa Bastos - realizado pelo *Grupo Dramático Beneficente* - através da publicação que faz o seu director Augusto Teixeira de Sá, do agradecimento que lhe fora enviado pelo vice-presidente do Asilo de Mendicidade, Augusto Mendes Simões de Castro, que comenta o "(...) *interessante espectáculo que se dignou realisar em 5 do corrente, no Teatro Sousa Bastos*" e patenteia "o seu profundo reconhecimento (...) *Acusando a recepção da "quete" realisada na referida recita, na importância de 1.012\$00.(...)*"¹⁸⁷

O "florescente grupo dramático" andava já em ensaios tendo em vista uma récita a favor do Jardim-Escola João de Deus. O grupo sofreu, contudo, uma remodelação e adoptou o nome de Grupo Dramático Sá de Miranda, cujo objectivo era " *socorrer os operários doentes e inválidos*".- já actuara com esta designação no Teatro Sousa Bastos, em 1920, embora seja indistintamente referido como Grupo Sá de Miranda ou Grupo Dramático Beneficente.

¹⁸⁶ Cf. Lucas, Maria Manuela, "A Protecção à Infância Desvalida na Alta de Coimbra, durante o séc. XIX", *Alta de Coimbra. História. Arte. Tradição.*, GAAC, Coimbra, 1988.

¹⁸⁷ *Gazeta de Coimbra*, 17 de Janeiro de 1925.

"Deve fazer brevemente a sua estreia no Teatro Sousa Bastos o grupo dramático Sá de Miranda, recentemente reorganizado e do qual fazem parte elementos de grande valor na arte dramática.

Este excelente grupo, constituído por operários, levará á scena a peça Avé Maria, destinando-se o produto do espectáculo a um fim de beneficência.¹⁸⁸

O sarau em benefício do Jardim-Escola João de Deus tinha rendido 1030\$00, pois o apuro da "quete" fora de 1450\$00, a que se tinham subtraído 200\$0 para despesas diversas e 450\$00 para pagamento à empresa do Teatro, que no entanto doara 200\$00, o que, juntamente com dois donativos particulares, perfazia a soma referida, conforme as contas e o reconhecimento a pessoas e entidades envolvidas - mormente a empresa do Teatro - publicadas no jornal.

Continuando a servir como centro de reunião, o Teatro Sousa Bastos estivera ocupado entre 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1925, com o 3º Congresso do Partido Republicano Radical, que decorrera muito agitado, versando vários temas de interesse partidário, e também interesse geral, como o património artístico¹⁸⁹.

O Grupo Dramático Sá de Miranda programava de Fevereiro em diante outros saraus caritativos, contando-se entre as instituições a favorecer, a Misericórdia de Coimbra, o Asilo e Hospital da Ordem Terceira, os Bombeiros Voluntários. Assim, em 2 de Março, realizava-se no Teatro Sousa Bastos mais um espectáculo de beneficência, subindo à cena a opereta *Entre Duas Avé-Marias*, ensaiada desta vez por Cipriano Pio, e a orquestra dirigida por César Magliano. A representação deste original de Ernesto Donato, tantas vezes repetido, não foi desta vez bem sucedido, conforme é comentado na *Gazeta*:

"A interpretação teve varias deficiencias, o que seria talvez devido á precipitação de alguns personagens (...) nos coros algumas falhas dignas de

¹⁸⁸ *Gazeta de Coimbra*, 29 de Janeiro de 1925.

¹⁸⁹ *Gazeta de Coimbra*, 3 de Fevereiro de 1925.

*reparo(...)*¹⁹⁰. Não obstante, a peça era novamente posta em cena no dia 8, e ainda a 16.

Nesta altura, retoma-se a discussão na cidade sobre a localização do futuro novo teatro na Praça da República, posição defendida nomeadamente pela própria *Gazeta de Coimbra*, que aponta as condições deficientes dos teatros existentes, especialmente do Teatro Avenida, que contava já 25 anos, (o Teatro Sousa Bastos rondava os 10), para além da pequena lotação de ambos. A discussão sobre o surgimento de um novo teatro em Coimbra, neste meado da década de 20, deve estar na origem de uma intensa programação teatral por parte do Teatro Avenida, em detrimento das sessões de cinematógrafo, para além de arranjos decorativos respeitantes a iluminação e pinturas de interior. Achava-se já em fase de construção o Coliseu de Coimbra¹⁹¹, pensado como praça de touros, que ia beneficiar a margem esquerda da cidade, e no qual se falava desde 1920. Projectado por Benjamim Ventura e construído pelo empreiteiro António Pedro, o Coliseu tinha uma lotação de cerca de 10.000 pessoas, pelo que albergaria mais de um quarto da população da cidade de Coimbra, tomando como referência um valor intermédio entre os números dos censos de 1911 (27.333) e 1940 (42.834)¹⁹².

A obscura actividade do Teatro Sousa Bastos é novamente iluminada em Junho de 1925, com outro espectáculo beneficente promovido pelo *Grupo Sá de Miranda*, que destinava o seu apuro aos órfãos da Santa Casa da Misericórdia, Colónias Balneares Infantis e Bombeiros Municipais. Subia à cena, em primeira representação "*a opereta em 2 actos, Rosas de Nossa Senhora, com musica original de Cesar Magliano, Francisco Macedo e Eduardo Belo Ferraz. O scenario da opereta, cuja acção se passa na provincia do Minho, foi pintado expressamente pelo distinto scenografo sr.*

¹⁹⁰ *Gazeta de Coimbra*, 5 de Março de 1925.

¹⁹¹ No local onde hoje se encontra sensivelmente o *Portugal dos Pequenitos*.

¹⁹² Cravidão, Fernanda Delgado, "A Alta de Coimbra - Que população?", *Alta de Coimbra. História. Arte. Tradição.*, GAAC, Coimbra, 1988

*Eduardo Belo Ferraz. Representar-se-ha também a opereta em 1 acto, com musica do maestro Filipe Duarte, A Pegureira*¹⁹³.

Em princípios de Julho anunciava-se como próxima a abertura do Coliseu, que sofreu um incêndio nas manjedouras, o que adiou a inauguração para o fim do mês. Um outro incêndio, no início do mês de Agosto, na Avenida Emídio Navarro, nas instalações da antiga alquilaria Camões, seria, de algum modo, determinante na localização da projectada casa de espectáculos. Na verdade, e apesar de alguns protestos pela escolha do local, seria nesse sítio que se edificaria o Salão Tivoli. Embora nenhuma informação nos chegue sobre espectáculos ou outro tipo de reuniões no Sousa Bastos, o Teatro Avenida não interrompe a época para férias grandes, mantendo-se em actividade durante o mês de Agosto e Setembro, certamente para não dar azo a que os conimbricenses se afeioassem ao Coliseu.

A cidade, a meio da década de vinte, com uma população em crescimento, passava por uma série de melhoramentos e transformações urbanísticas - o novel Instituto Anti-Rábico¹⁹⁴; novos bairros (Quinta da Rainha, Cumeada, Montarroio, Montes Claros, etc.), e a enunciação de novos bairros operários; passagem da iluminação pública a gás (existente desde 1856), para eléctrica¹⁹⁵; novas bombas para o abastecimento de água; a construção de um novo mercado (que se pensou localizar no terreiro da Erva, mas que terminou no alargamento do já situado na horta do Mosteiro de Santa Cruz, onde hoje se encontra); o Campo dos Bentos, para onde se projectou o parque da cidade (planeando-se aí construir um luxuoso hotel de Turismo, com projecto aprovado em 1921); novos hotéis - a somar aos já existentes, nomeadamente Avenida e Central¹⁹⁶ - projectava-se o Hotel Astória (no edifício da antiga Companhia Nacional,

¹⁹³ *Gazeta de Coimbra*, 13 de Junho de 1925.

¹⁹⁴ Inaugurado em Março de 1926.

¹⁹⁵ O que levou à extinção da fábrica do gás e conseqüente perda da toponímia da rua onde se situava - Rua do Gasómetro para Rua de João Machado (entretanto falecido) e à remoção dos candeeiros de coluna ornamentados.

¹⁹⁶ O Hotel Central, na Praça 8 de Maio, foi dos primeiros de Coimbra, inaugurado em 1873. Embora a construção do Hotel Estrela também se não tivesse concretizado, acabando as cotas da sociedade por ser compradas pelo Dr. Angelo da Fonseca, que aí fez a sua moradia, hoje alugada para a instalação do Governo Civil.

com requintes exteriores e interiores, nomeadamente o mobiliário, expressamente importado da Alemanha¹⁹⁷). O crescimento industrial era também iniciado, inaugura-se a Fábrica de Porcelanas, na Arregaça, zona para onde se irá, igualmente, projectar o Campo de Jogos do União Football Club.

É só no final deste ano empreendedor, na época natalícia, que temos notícia do Teatro Sousa Bastos, por receber a 5 de Dezembro, um concerto de caridade, de piano e canto, "*promovido pela distinta professora de Lisboa, Mademoiselle Francine Benoit, que se faz acompanhar pelo insigne cantor, sr. Alfredo Carvalheiro. O produto da récita, que está despertando o maior interesse, destina-se ao Asilo da Infância Desvalida, sendo de esperar por isso, que os corações bem formados da nossa terra acolham com carinho esta simpática ideia.*"¹⁹⁸. O piano, usado neste evento, era cedido pela Casa Canto, localizada na Praça da República.

A 17 de Dezembro a *Gazeta de Coimbra* noticia a reorganização da *Sociedade de Concertos de Coimbra*, que contava já com a adesão de numerosos sócios, e cujos espectáculos se iniciariam em Janeiro.

1926 O início do ano de 1926 ficou marcado pelo incêndio no edifício dos Correios, confinante com o Claustro da Manga, que serão seguidamente transferidos para a Rua da Madalena, funcionando em situação precária¹⁹⁹. No mês de Janeiro noticia-se também a organização duma secção dos *Escuteiros de Portugal* em Coimbra, abrem-se as inscrições para a *Sociedade de Concertos* - tendo em vista a exibição do pianista Rubinstein, e declara-se uma greve académica. Em relação ao Teatro Sousa Bastos anuncia-se a vinda do "*notável tenor brasileiro Francisco Pezzi, com o*

¹⁹⁷ É também por estes anos que aparecem lojas que ainda hoje existem na principal artéria comercial da cidade, a Farmácia Vilaça, O Último Figurino, Casa das Meias, A Brasileira, recentemente esvaziada..., Ourivesaria Brinca, a casa Simões e Figueiredo, na Rua da Sofia, etc.

¹⁹⁸ *Gazeta de Coimbra*, 3 de Dezembro de 1925.

¹⁹⁹ Este acontecimento, levou posteriormente à construção do presente edifício, roubando terreno ao claustro, mutilando e desvirtuando ainda mais - acção que começou em 1888 com a demolição da ala que o fechava para a rua - e até hoje, o espaço de meditação, que encerrava uma jóia da arquitectura renascentista portuguesa, que deste modo, hoje quase ninguém sabe o que significa ou sequer interliga ao Mosteiro de Santa Cruz, de que era parte integrante.

*concurso da Tuna Academica*²⁰⁰ - tenor que obtivera já, em Lisboa, grandes elogios da crítica - para a realização de um concerto.

A 17 de Janeiro de 1926, realizava-se a festa artística do *Grupo Dramático Sá de Miranda*, que "com tanto correcção e primor nos tem dado noites de alegria e encanto. No espectáculo em que toma parte, como homenagem ao Grupo, a distinta orquestra do insigne maestro sr. Cesar Magliano, sobe á scena a sensacional peça em 3 actos, de Veloso da Costa, *Ladrões de Luva Branca*".²⁰¹

No dia 19 Francisco Pezzi já se achava em Coimbra, para a anunciada festa de 21, que era patrocinada pelo cônsul do Brasil e pela Tuna Académica, que pretendia "sempre generosa e cavalheiresca, saudar no esplendido tenor a grande nação irmã, como reconhecimento pela maneira carinhosa como o Brasil recebera a embaixada artística e intelectual da Academia conimbricense", quando esta viajara até ao Brasil em digressão. A récita constava de um programa variado, desde temas eruditos e clássicos, aos fados e guitarradas e canções brasileiras (Cf. Programação). Em Fevereiro, este tenor dá uma segunda récita, comentada na *Gazeta*:

"(...)Pezzi, que no 1º recital se havia afirmado um tenor de recursos, esteve muitissimo superior ante-ontem cantando com toda a felicidade e com o maior agrado, arrancando da assistencia entusiasticos aplausos"²⁰²,

que não se escusa a comentar igualmente o fracasso da iniciativa da *Sociedade de Concertos*,:

"Fomos informados que a Direcção da Sociedade de Concertos, pensa em não abrir a Sociedade porque a inscrição não dá o suficiente para a realização do minimo dos concertos, e é impossivel prolongar mais o prazo da inscrição. (...) O elemento intelectual com honrosas excepções brilhou pela ausencia. (...) É uma vergonha!"²⁰³.

²⁰⁰ *Gazeta de Coimbra*, 14 de Janeiro de 1926.

²⁰¹ *Gazeta de Coimbra*, 16 de Janeiro de 1926.

²⁰² *Gazeta de Coimbra*, 11 de Fevereiro de 1926.

²⁰³ *Gazeta de Coimbra*, 13 de Fevereiro de 1926. A falta de concertos na cidade ia, certamente, ser colmatada pela Radio Lusa de Coimbra que emitia os chamados *concertos radiados*, via TSF!

Em 23 de Março, realizava-se um espectáculo posto em cena pelos alunos do 7º ano do Liceu José Falcão, o que encheu o salão de familiares, convidados, alunos e alunas, desejosos de assistirem às duas comédias - *Um cálculo errado* e *O Comendador Aleixo* - intercaladas por um número de variedades, preparado pelos estudantes. Esse dia, contudo, ficou assinalado com um acidente no teatro: "*Anteontem à tarde, quando alguma crianças brincavam nas galerias do Teatro Sousa Bastos, uma delas (...) de 9 anos, caiu dali para a plateia, ficando gravemente ferida. A infeliz creança foi conduzida ao Hospital da Universidade, parecendo que tem fractura da base do craneo*"²⁰⁴. Este trágico episódio ilustra bem as características informais e familiares de alguns espectáculos dados neste teatro, com uma ocupação quase privada, longe das sessões comerciais de cinematógrafo e variedades da década anterior.

Estas características vão-se tornando habituais, nas poucas sessões de que temos conhecimento, nomeadamente na agendada para 6 de Maio:

"*Promovido por um grupo de amadores, realiza-se na quinta-feira no teatro Sousa Bastos, um serão dramático familiar, subindo á scena a comedia em 1 acto, Um homem de negocios, e a zarzuela em 1 acto, Simões, Simões & Cª. Haverá também guitarradas pelos srs. Flavio Rodrigues e Augusto Silva Louro, monologo com Alvaro Ferreira; Coisas por Cipriano Dias da Conceição, etc.*"²⁰⁵

A 9, o Teatro Sousa Bastos alberga um comício convocado pelas Juntas de Freguesia "*para manifestar ao governo a vontade e os direitos do povo quanto á reivindicação das ruinas dos correios e telegrafos e a imediata instalação destes*"²⁰⁶, mas que terminou por constituir um fiasco dada a concorrência bastante diminuta, resultante da quase inexistente publicidade à reunião. Este comício era presidido pelo sr. Abílio Fernandes, da Junta de S. Bartolomeu.

²⁰⁴ *Gazeta de Coimbra*, 25 de Março de 1926.

²⁰⁵ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Maio de 1926.

²⁰⁶ *Gazeta de Coimbra*, 11 de Maio de 1926.

Para o dia 17 do mesmo mês, organizava a D. Gloria Castanheira um *sarau d'arte*, em benefício do *Lactário de Nossa Senhora*, que funcionava na Couraça de Lisboa, 28 e do Asilo da Infância Desvalida. Este sarau abriu com a locução do dr. Eugénio de Castro, poeta e professor universitário. Segundo noticiava a *Gazeta* "revestiu um brilhantismo desusado o sarau de arte, realizado no Sousa Bastos, na passada segunda-feira, em benefício do *Lactario de Nossa Senhora e Asilo da Infância Desvalida*. O nome tão consagrado da distinta artista que o organizou, a sr^a D. Gloria Castanheira, bem como os elevadíssimos meritos dos seus colaboradores, conseguiu atrair áquela festa a melhor sociedade de Coimbra, que raras vezes temos visto tão largamente representada.

O teatro era um mimo pela formosura de tantas damas, com ricas e elegantes toilettes, lhe emprestavam um aspecto de graça e de belesa.(...)

Os trechos de Chopin, Mendelssohn, Saint-Saens, etc. executadas ao piano (...) a Pregariera di Tosca (Puccini) e Fruhlings Stine (Strauss) (...) solos de harpa (...) recitativos e fados.

A meio do sarau a sr^a D. Gloria Castanheira foi insistentemente chamada ao palco onde lhe foi entregue uma corbeille(...)

(...)o sr. dr. Mota Alves, ilustre governador civil deste distrito, teve a gentileza de oferecer á sr^a D. Gloria Castanheira a importância de 50\$00 para pagamento da friza que ocupou²⁰⁷.

Em relação a este sarau, convém salientar que os bilhetes se encontravam á venda no próprio *Lactário* e em casa da organizadora, ambos na Couraça de Lisboa, o que deixa supor que o Teatro Sousa Bastos já nem de bilheteiro dispunha, funcionando em regime de sublocação, e não aberto ao público, pois mesmo tratando-se de uma iniciativa deste tipo, alheia à gerência, era natural que o próprio teatro vendesse alguns dos bilhetes. Este recital obteve uma receita de 5.606\$60²⁰⁸.

²⁰⁷ *Gazeta de Coimbra*, 22 de Maio de 1926.

²⁰⁸ *Gazeta de Coimbra*, 8 de Junho de 1926.

Em Junho, assinalado pela recusa de Oliveira Salazar da pasta das Finanças e pela continuação da greve académica, passava no dia 21 pelo Teatro Sousa Bastos, Corina Freire, grande cantora, que "*alia uma esplendida belesa aos altos meritos duma magnífica escola, e Luís Barbosa, primeiro violino dos concertos Blauch (...)*"²⁰⁹.

Nada mais se assinala até Novembro, mês do aniversário natalício de José Maria Mendes d'Abreu, por quem vale a pena abrir um parêntesis, dado a sua história andar ligada à história dos teatros em Coimbra.

Este homem começou por ser actor dramático na *União de Artistas*, cujo presidente, José Correia de Almeida, construiu um teatro-barracão no fundo da Rua da Sofia (antigo Palácio Ameal hoje Palácio da Justiça), e veio a explorar também o Teatro de D. Luís onde Mendes d'Abreu igualmente actuou, distinguindo-se nos papéis de cínico, "tirano da peça". Após a sua chegada do Brasil, António Sousa Pinto teve a ideia de construir um novo teatro na Avenida Sá da Bandeira, contando desde logo com o grande auxílio de Mendes d'Abreu, para o que reuniram um certo número de accionistas - que com o passar dos anos e a falta de lucros foi comprando o quantitativo das acções, terminando Mendes d'Abreu por ser o único da sociedade inicial. Posteriormente, em parceria com José António Gomes Cabral, constituiu a sociedade Mendes d'Abreu & Cabral. Este teatro, construído em terrenos cedidos pela Câmara ao preço de 300 reis o metro quadrado, teve inicialmente o nome de Teatro-Circo do Príncipe Real D. Carlos, mudando o nome para Teatro Avenida Sá da Bandeira alguns dias depois da implantação da República. Portanto, como vemos, Mendes d'Abreu esteve ligado às várias casas de espectáculo de Coimbra, admirando como moveu tal guerra ao Teatro Sousa Bastos, edificado, afinal, sobre o de D. Luís, onde actuara²¹⁰. Não sabemos se o estratagema para a empresa se apoderar do Sousa Bastos partiu dele, uma vez que quem aparece a assinar as escrituras com Manuel Gonçalves Lemos é o filho,

²⁰⁹ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Junho de 1926.

²¹⁰ Este apanhado foi retirado do encómio feito ao personagem a propósito do seu aniversário pela *Gazeta de Coimbra*, publicada a 20 de Novembro de 1926.

António Teles Mendes d'Abreu²¹¹, herdeiro do negócio e também da inveja ao concorrente... verdadeiro medo que ainda mais uma vez, e a breve trecho, se tornará evidente.

É, pois, em Novembro que surge nova notícia relativa ao Sousa Bastos, anunciando o início de espectáculos familiares pelo "humanitário" *Grupo Dramático Beneficente* para o dia 5 de Dezembro. Este primeiro espectáculo, que reverteria a favor das instituições de caridade de Coimbra, contava igualmente com a prestação do *Grupo Recreativo 1º de Janeiro*, de Santo António dos Olivais, freguesia que irá ficar ligada alguns anos ao Sousa Bastos, como veremos.

A perspectiva de mais uma época de programação, quase exclusivamente a cargo do *Grupo Dramático Beneficente*, é subitamente alterada pela notícia da venda do Teatro Sousa Bastos. A 18 de Dezembro, dois dias depois da *Gazeta de Coimbra* referir a entrada na Câmara Municipal da planta no novo teatro da cidade, a localizar na Avenida Emídio Navarro, esta escreve:

*"Para o Instituto Operario Catolico, que funcionava no predio que pertencia a D. Amelia Cabral, foi adquirido por compra o Teatro Sousa Bastos, que continua a ser explorado pela empresa do Avenida, até esperar o prazo do contracto feito com os anteriores proprietarios."*²¹²

Novas informações a 28 de Dezembro relativamente à transacção: *"Deve ser amanhã assinada a escritura de venda do Teatro Sousa Bastos para sede do Centro Operário Católico. Foi feita esta venda por 110 contos."* E também relativamente à postura da empresa arrendatária: *"A empresa do Teatro Avenida, que tem arrendado esse teatro pôz como uma das condições não poderem ali ser dados espectaculos publicos"*.

²¹¹ Uma série de registos notariais documentam os acordos de partilhas feitos por José Maria Mendes d'Abreu com seus filhos, resultantes da sua viuvez, e também de contratos de quitação com o Bacharel José António Gomes Cabral, ao longo do ano de 1918, o que poderá ilustrar esta mudança de nomes na sociedade Mendes d'Abreu & Cabral, por parte dos primeiros. Cf. *Fundos notariais*, Cartório de Eduardo da Saldanha da Silva Vieira, AUC, livros 180, 182 A, 182 B.

²¹² *Gazeta de Coimbra*, 18 de Dezembro de 1926.

3. RECREATÓRIO OZANAN

Esta mudança de proprietários, anunciada no jornal, não tem correspondente documental, pois a proprietária continua a ser Emília Augusta dos Santos, até Janeiro de 1929. Tratou-se sim de uma sublocação celebrada a 21 de Dezembro de 1926, entre a firma *Abreu & Cabral* e os padres Manuel Estrela Ferraz e Júlio António dos Santos, párocos de Santo António dos Olivais e Santa Cruz, que representavam a *Sociedade Instrutiva Ozanan*²¹³.

As cláusulas desse contrato permitiram à empresa do Teatro Avenida passar os encargos com o Teatro Sousa Bastos para os sublocatários e impor obrigações tais, que nenhuma concorrência se tornou possível durante muitos anos - uma autêntica ditadura.

Como se fica a saber pela leitura do documento 6, a escritura autorizava apenas o uso do prédio sublocado para instalação de associações de socorros, recreativas ou desportivas, comércio ou indústria, com total proibição de quaisquer *espectáculos "teatraes, cinematograficos ou de variedades"*, o que a ser infringido dava à firma *Abreu & Cabral* o direito de processo judicial de despejo, indemnização de dois contos diários por cada dia de espectáculo e a recuperação da posse do edifício. Os únicos espectáculos autorizados eram os *"organizados pelas associações instaladas no predio sublocado no maximo de doze por ano com a comparticipação de actores amadores e entradas gratuitas"*.

²¹³ Frédéric Ozanan, (1813-1853) ensaísta francês, professor universitário de Direito Comercial e Literatura estrangeira. Fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo e das Conferências de Notre-Dame de paris, foi um dos precursores do catolicismo social.

Com o consentimento expresso da proprietária, certamente já de idade avançada e desejosa de receber a sua renda sem preocupações de maior, a gerência do Teatro Avenida dava o golpe de misericórdia no seu rival Teatro Sousa Bastos. Este deixa efectivamente de ser um teatro, uma casa de espectáculos com actividade comercial, convertendo-se apenas em sede de várias instituições como a *Sociedade Instructiva Ozanan* - representada pelos párocos citados; a *União Operária Católica*; e o *Grupo de Scouts* (de cuja organização se falara, na cidade, no início do ano de 1926) - estas agremiações tinham entrada independente pelas Escadas de São Cristóvão. Os propósitos da nova instituição, não eram também de índole comercial, integrando-se no movimento católico e operário que se desenvolvia em Portugal com conotações políticas desde meados do século passado - o chamado catolicismo social - e cujos primeiros focos difusores tinham sido Lisboa e Porto²¹⁴.

A empresa *Abreu & Cabral* mais uma vez pugnava e tudo fazia para o aniquilamento do Teatro Sousa Bastos, conseguindo fazer valer os seus interesses numa sublocação, recusando qualquer hipótese de livre concorrência em espectáculos públicos, e pelo contrário, impondo tenazmente a continuação do monopólio, situação que no entanto, não iria durar muito mais, não relativamente ao Teatro Sousa Bastos, mas em relação ao futuro teatro.

A actividade da casa passa a pautar-se exclusivamente pelos ideais caritativos e sociais das instituições que alberga - tendência que se tinha vindo a acentuar nos últimos anos, com a quebra da *Sociedade de Concertos*, - acabando por ser institucionalizada nesta data, através da alteração do seu nome para Recreatório Ozanan em virtude da instituição que se criara com esse nome, cortando assim, de forma peremptória, as amarras com o passado.

²¹⁴ Sobre este assunto leia-se Torgal, Luís Reis, "O movimento católico", in *História de Portugal*, Direc. José Mattoso, Círculo de Leitores, vol. V, p. 234-239, 1994.

Na verdade, só o facto de ter deixado de ser um teatro, autoriza a mudança do nome, pois uma década antes quando Manuel Esteves vende a sua parte a seu sócio José Guilherme dos Santos - 16 de Fevereiro de 1916 - uma das cláusulas do contrato refere clara e precisamente "a obrigação para o comprador, sucessores ou seus representantes de não mudar o nome de "Souza Bastos" ao Theatro, enquanto o referido predio fôr theatro, pois se assim fizerem, isto é, se fôr retirado áquele theatro o nome de Souza Bastos, ficarão os vendedores com o direito de rescindir este contracto sem que o comprador tenha direito a qualquer indemnização".²¹⁵. Relembremos que o dramaturgo Sousa Bastos fora tio de Manuel Esteves que assim o quisera homenagear.

1927 Coimbra iniciava assim o novo ano de 1927 com menos um teatro, embora por fidelidade e costume, este continuasse a ser denominado do mesmo modo. As realizações seguintes vão reflectir exactamente a nova orientação da casa e suas ocupantes - a 4 de Janeiro de 1927 podia ler-se na Gazeta:

"No Teatro Sousa Bastos, realisou-se no sabado uma sessão promovida pela União Operaria Católica que adquiriu por compra, aquela casa, onde terá a sua sede essa instituição, o Recreatório Ozanam, o Grupo de Escoteiros, etc.

Usaram da palavra, os srs. drs. Trindade Salgueiro e Serra e Silva, tratando este com o costumado brilhantismo, do têma "caridade", que ele apreciou nas suas diversas formas. Tomou parte nesta festa um quinteto dirigido pelo sr. César Magliani . Fez-se o sorteio duma imagem de Santo António, que havia sido oferecida. Um grupo de escoteiros apresentou-se ali a fazer serviço.

Brevemente se realizará ali outra sessão promovida pela nova instituição "Recreatório Ozanam" em homenagem a esse grande o cidadão francês, que foi um modelo de virtude e santidade, tratando agora os católicos de conseguir que ele entre no numero dos bem-aventurados.

²¹⁵ Cf. Conservatória do Registo Predial da comarca de Coimbra, *Livro de Inscrições de Transmissão*, Reg. nº 13890 de 26 de Fevereiro de 1916.

Brevemente realiza-se ali outra sessão, á qual virá discursar a sr^a D. Domitilia de Carvalho, que agora não pode comparecer"²¹⁶.

No dia 16 de Janeiro inaugurava-se o *Núcleo de Coimbra do Corpo Nacional de Scouts Católicos*, cuja estreia oficial tinha sido antecedida, na véspera, por uma conferência no Teatro Sousa Bastos proferida pelo comissário geral do escutismo em Portugal, dr. Avelino Gonçalves.

"Acha-se criado nesta cidade o nucleo de escoteiros em numero de 100, que no Domingo fez a sua inauguração oficial, constituindo este facto um dia de festa em Coimbra, pela animação que este facto deu á população citadina". No próprio dia da inauguração realizava-se à noite, igualmente no Teatro Sousa Bastos *"um animado sarau, que constou de discursos, poesias, exercicio pelos escoteiros e uma palestra amena pelo sr. dr. Alberto Diniz da Fonseca.*

O excelente grupo dos Olivais abrilhantou esta esplendida festa (...)."²¹⁷

A 29, a *Gazeta* anunciava a criação de uma aula de música e de um grupo dramático, ligados ao Núcleo de escuteiros e a funcionar instalações do Teatro Sousa Bastos, para além da realização de festas familiares pelo Carnaval.

O ano de 1927 seguia o seu curso, e a cidade ía-se modernizando, contando o mês de Fevereiro com a inauguração na cidade de um *stand* de automóveis, o *Palace Stand*²¹⁸, no Largo das Ameias, 5, cujo edifício fora decorado pelos irmãos Tomaz e Cesar Albott, do Porto, e a formação de um novo grupo de escuteiros, o nº 66 de Portugal, com sede na escola Primária de Santa Clara. Por Abril, o *Coliseu de Coimbra*, sediado igualmente em Santa Clara, passava por um arrolamento judicial e apuramento de contas por parte dos credores.

²¹⁶ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Janeiro de 1927.

²¹⁷ *Gazeta de Coimbra*, 18 de Janeiro de 1927.

²¹⁸ Até finais da década Coimbra contava com bastantes stands de automóveis, como o dos Irmãos Pedro, Citroen, Auto-Industrial... o que indica o aumento do seu consumo.

Em Maio, a *Sociedade Instructiva Ozanan* adquiria por compra pela quantia de 30 contos "o predio urbano denominado Teatro Souza Bastos" e seu mobiliário. Esta venda celebrada no cartório de Jaime Correia da Encarnação, notário da cidade, a 17 do referido mês, entre a proprietária Emília Augusta dos Santos e o padre Manuel Estrêla Ferraz, gerente e representante da citada sociedade anónima de responsabilidade limitada, compreendia o edifício, "*assim como lhe vende todo o mobiliario desse teatro como panos de boca, cenários e mais adornos, cadeiras, bancadas que no mesmo teatro existem*"²¹⁹. A inscrição efectuada na conservatória do Registo Predial foi contudo provisória, por haver dúvidas quanto às fracções que compunham o teatro, dúvidas esclarecidas posteriormente o que originou o seu registo definitivo²²⁰ em 8 de Dezembro do mesmo ano.

Este facto em nada vai alterar a situação.

Em Junho dava-se a inauguração do Parque da Cidade, na Ínsua dos Bentos.

É unicamente em Novembro, que se anuncia para o dia 14, no *Recreatório Ozanan* a realização de um drama em 4 actos, *Os filhos do Saltimbanco*, "*espectaculo [promovido e] dedicado ao popular União Football Coimbra Club, e representado pelo Grupo Dramático Beneficente que ali tem sido justamente aplaudido.*

Abrilhantarã o spectaculo uma excelente orquestra composta de elementos da Tuna do Ateneu Comercial"²²¹. O *Grupo Dramático Beneficente*, como sabemos, composto e dedicado a operários, contava com António Almeida, J. Vilas, J. Peralta, aqui com as funções de encenador,

²¹⁹ *Fundos notariais*, Cartório de Jaime Correia da Encarnação, AUC, livro 76, fl. 62 a 63.

²²⁰ A dúvida prendia-se com a propriedade nº 12354 e nº 12942, juntas desde a compra por Manuel Esteves e José Guilherme dos Santos, mas que efectivamente se referem a propriedades separadas, sendo a última relativa a uma casa de habitação contígua que Emília Augusta dos Santos virá a vender em Janeiro de 1929.

²²¹ *Gazeta de Coimbra*, 11 de Novembro de 1927.

maquinista e ponto, respectivamente, para além de Álvaro Ferreira (tipógrafo), José Horta, Joaquim Pera, Cipriano Pio, António Madeira, A. F. (entalhador) e os jovens Artur e Mário Sobral. A obra deste grupo, destinada a auxiliar os operários que dessa ajuda necessitassem, alargava-se já a numerosos casos.

É para este espectáculo que o *Recreatório* faz o primeiro cartaz de que se tem conhecimento (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos). É de realçar os preços dos lugares, com os camarotes de 1ª ordem a custarem 30\$00, ou seja 20\$00 mais baratos que o pago pelo Governador Civil em atenção à D. Glória Castanheira, um ano e meio antes. Não sabemos que subterfúgio os padres arranjam e arranjarão para poderem cobrar bilhetes, uma vez que a escritura de sublocação decretava claramente “entradas gratuitas”.

No final do ano de 1927, mês de Dezembro - altura em que entrava na Câmara Municipal o projecto do novo cinematógrafo a edificar no terreno da antiga alquilaria Camões, com lotação prevista para 800 pessoas – realizava-se no Recreatório Ozanann uma festa artística do *Grupo Musical Recreativo* que ocupava a 1ª parte do espectáculo iniciada e terminada com o hino do Grupo, marchas, e trechos de ópera, com a colaboração do “mais distinto grupo dramático desta cidade”, na 2ª - onde encenava a já conhecida comédia *O Comendador Aleixo*, e na 4ª parte - com a farsa *Pouca Vergonha*. A 3ª parte constituía uma surpresa. Para este serão os preços dos camarotes eram ainda mais baratos, 25\$00 para os melhores de 1ª ordem (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

No mês de Fevereiro de 1928, “a histórica sala do Teatro Sousa Bastos”²²² recebia os ensaios de uma récita de amadores - *Os Sinos de Corneville*, opereta em 3 actos e 4 quadros de Clairville e Gabet - a levar à cena no Teatro Avenida, no dia 5 de Março, em benefício do Asilo da Infância Desvalida. Os amadores eram José Rodrigues d’Oliveira; Matos Chaves; Alice de Almeida; Adélia Fonseca; Guilhermina Gôrdo; Lucília Gonçalves; Cipriano de Carvalho; Maria Manuela Bizarro; Maria Manuela de

²²² *Gazeta de Coimbra*, 9 de Fevereiro de 1928. A adjectivação do jornalista trai alguma saudade pelos tempos passados.

Carvalho; Francisco Caetano; Gabriel Tinoco; Victor Marques; Frutuoso Veiga.

1928 Só neste mês é nova festa de caridade realizada no Recreatório Ozanan, mais precisamente no dia 12, com o concurso d' "*As Noelistas, benemérita instituição de caridade, que funciona em Coimbra sob os auspícios da sr^a D. Maria Teresa Serras e Silva*"²²³. O sarau, dividido em 4 partes, incluía uma parte musical a cargo da Tuna Académica, e "quadros vivos" *No Segundo Império; Hora Mística e Scena Grega*, para além das *Trindades* (diálogo bucólico), coros feminino e masculino e guitarradas. Da parte artística do sarau fora encarregado o pintor Fausto Gonçalves e da musical, Raposo Marques (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

Esta récita em comemoração do aniversário da União Noelista de Coimbra, revelou-se uma "*noite bem passada (...) que [a] assistência entusiasticamente aplaudiu*"²²⁴.

Para o dia 18 de Março, domingo, pelas 14 horas, organizava a União Operária de Coimbra a sessão solene comemorativa da sua fundação, que seria presidida pelo Bispo-Conde e onde após a leitura do relatório da Direcção, discursaria o professor de Direito da Universidade, dr. Oliveira Salazar, versando o tema: *Duas Economias* (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

Sobre esta sessão escrevia o jornalista da *Gazeta de Coimbra*:

"A sala achava-se ornamentada com colchas de damasco. Viam-se ali os srs. comandante da Região Militar, com os seus ajudantes, presidente e secretário da Câmara Municipal, reitor da Universidade e muitos outros representantes da autoridade, grande número de senhoras, professores, académicos, etc., etc. Também ali vimos S. Ex^a o sr. Bispo-Auxiliar e bastantes eclesiásticos, principalmente do Seminário.

Um sexteto executou o hino da colectividade, dando em seguida o sr. Bispo Conde a palavra ao sr. Joaquim Ventura, chefe dos serviços da Grafica Conimbricense que leu um relatório sobre a missão da União

²²³ *Gazeta de Coimbra*, 4 de Fevereiro de 1928.

²²⁴ *Gazeta de Coimbra*, 14 de Fevereiro de 1928.

Operaria: que tende a auxiliar as classes operarios na sua instrução e educação dos seus filhos; referiu-se ao grande interesse que o sr. Bispo Conde tem demonstrado por esta instituição, procurando atrair a ela o maior numero de sócios, criando escolas e mesmo varios meios de distracção, como a instalação de um cinema.

Em seguida o sr. Dr. Oliveira Salazar, um dos mais distintos Professores da Faculdade de Direito, fez uma interessante conferencia sobre o tema: Duas economias, que prendeu inteiramente atenção de quantos o ouviram."

"Falou dos processos adoptados no modo de vida de cada um, quanto ao que trabalham, ao que produzem, e á economia em que vivem ou ao desperdicio das suas receitas, gastando mais do que podem.

Aconselhou a que trabalhe cada um o mais que puder para produzir e trate de economisar tambem quanto lhe fôr possivel.

O ilustre conferente falou da mulher como um grande elemento para a economia domestica.

Terminou a sua brilhantissima conferencia referindo-se á crise que o país atravessa e dizendo que cada um deve produzir e economizar dentro das suas forças, porque é o modo de auxiliar o poder central a resolver o grave problema económico e financeiro.

Em Portugal fala-se muito fala-se demais, não sendo preciso falar tanto.²²⁵

Neste discurso resumido pelo jornalista é de salientar o ideário veiculado pelo conferencista, que a breve trecho iria subir ao poder, ao aceitar ser Ministro das Finanças, e de que não se afastará na sua longa permanência no mesmo - trabalho, economia e modéstia até ao "limite das forças" por oposição ao desperdício e ao "falar demais", a mulher no lar, o esforço de reabilitação do país a pesar exclusivamente sobre o povo, a quem se dirigia o discurso. País pobre, atrasado, ainda com vivências oitocentistas, eliminadas à força e "para inglês ver" - como se verifica pela proibição, pela

²²⁵ *Gazeta de Coimbra*, 20 de Março de 1928.

primeira vez e na cidade do Porto, do pé descalço, por vergonha dos turistas estrangeiros, e também nesta altura, pela instituição do bilhete de identidade.

A 6 de Maio, realizava-se o sarau comemorativo do 33º Aniversário do Ateneu Comercial, com a exibição da sua *Tuna* intercalado pela do seu Grupo Dramático que representava *Espertezas do Simão*, comédia original de Júlio Gaspar, em 1 acto (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

Para meados do mês de Junho anunciava-se "*um recital de canto promovido pela distinta professora diplomada pelo Real Conservatorio de Madrid, a sra. D. Emiliana Salgado e irmã, D. Carmen Salgado, em benefício dos pobres do Asilo da Veneravel Ordem Terceira, com a cooperação de suas discipulas que gentilmente se prestaram a coadjuvar esta simpatica festa (...)*"²²⁶.

O programa constava de três partes, contando com coros trechos de ópera e canções pelas alunas, uma palestra sobre a função do canto na vida social, pelo dr. Câmara Leite, e variados trechos de música clássica interpretados pelas discípulas, fechando com a própria D. Emiliana, tudo acompanhado ao piano por D. Carmen Salgado. (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos). Este sarau de caridade, que ocorreu a 17 "*em benefício dos velhinhos invalidos*" é novamente comentado a 19 de Junho: "*No antigo Teatro Sousa Bastos, que já será difícil perder o nome, realizou-se no domingo uma linda festa, destinada a proteger o Asilo e Hospital da Ordem Terceira (...)*"²²⁷.

Enquanto o antigo Teatro Sousa Bastos se dedicava a festas de beneficência, o *Coliseu de Coimbra* enchia-se "à cunha" para as sessões de animatógrafo que a empresa Pires proporcionava, o Avenida albergava também enchentes e o Parque da Cidade acolhia muita gente aos serões para ouvir a música no coreto. Como afirmava o jornalista da *Gazeta*, já havia movimento para tudo. Para o fim do ano contava-se com a

²²⁶ *Gazeta de Coimbra*, 5 de Junho de 1928.

²²⁷ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Junho de 1928.

inauguração do Tivoli, embora esta só se efectivasse no ano seguinte, inaugurando-se, sim, a 14 de Outubro, o Campo do União, na Quinta das Fonecas, Arregaça.

1929 O ano seguinte, 1929, viu surgir alterações e projectos novos relativamente à vida cultural da cidade, nomeadamente no que se refere aos espectáculos de teatro e cinema: a Câmara considerava um ante-projecto para teatro da cidade e pavilhão para exposições, feito pelo arquitecto Edmundo Tavares²²⁸, (lacuna ainda hoje não colmatada!), surgia uma nova empresa, a *Coimbra Films*, criava-se a *Associação dos Amigos do Cinema*.

A *Coimbra Films*, sediada no Largo Miguel Bombarda, 45 (que nunca perdeu o nome de Largo da Portagem), realizava a sua escritura a 9 de Abril, embora as operações sociais se tivessem iniciado em Julho do ano anterior. Esta sociedade por quotas iniciou-se com os sócios Hilderico Cardoso Inácio e José Gonçalves da Cruz, e tinha por "objecto o comércio de filmes, nacionais e estrangeiros, de aparelhos cinematográficos e respectivos acessórios, e, como finalidade especial, a industria de produção de filmes portugueses"²²⁹. Esta sociedade iria representar em exclusivo algumas casas produtoras estrangeiras, como *Aubert "Etoile-Film"*, *Pittalunga European-Film*, *S. Huguet CUC*, e contava com delegações em Lisboa, Porto, Paris, Barcelona, Londres e Nova Iorque, para além de uma agência no Brasil. Inaugurava, parece-nos, um sistema parecido com o actual vídeo, pois fornecia aparelhos de projecção animada e fixa,

²²⁸ Edmundo Tavares nasceu em Oeiras a 4 de Fevereiro 1892, tendo-se formado na ESBAL. Trabalhou em Coimbra, Figueira da Foz, Funchal e Lisboa onde foi Professor Metodólogo e Director da Escola Industrial Machado de Castro. Faleceu em 9 de Abril de 1983.

Tem uma obra publicada de vários volumes que versam sobretudo a aplicação da madeira na construção civil (*A Madeira na Construção Civil - Janelas e Acessórios; Portas e sua Construção; Portas de Movimentos Especiais; Selecção de Trechos de Carpintaria*), tendo também recorrido sobre problemas urbanísticos e a habitação portuguesa (*Quadros e Lugares da Minha Terra; A Figueira da Foz, suas belezas naturais, seus problemas urbanísticos; A Habitação Portuguesa - Casas Modernas; Vivendas Portuguesas, Terra Atlântida - Impressões da Madeira*).

²²⁹ *Fundos Notariais*, Cartório de Augusto Máximo Figueiredo, AUC, l. 256, fl. 2 vº a 5 vº.

destinados a exibições domésticas - o cinema no lar e nas escolas - tal como hoje se aluga uma cassete na loja mais próxima.

Em Janeiro, assistia-se às comemorações do 2º aniversário do *Corpo Nacional de Scouts*, Núcleo de Coimbra, com a duração de dois dias - 19 e 20 - sendo estas encerradas com um *serão-scout* no Recreatório Ozanan, que incluía um discurso pelo Inspector-mór do CNS, imposição dos distintivos e a representação de uma *peça-scout* em 2 actos - *Jesus entre os Scouts*. A noite finalizava com a *fogueira-scout* com demonstrações várias, recitativos e canções. A interligação das três instituições com sede no antigo Teatro Sousa Bastos é patente nesta comemoração: os escuteiros, a igreja - no teor da peça, e o operariado - na impressão do cartaz (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

No dia 24, às 9 horas da noite, o Recreatório Ozanan servia para a promoção do novo gramofone ortofónico reentrante "A Voz de seu Amo", através da realização de um concerto de gramofones, organizado pelo sr. Manuel Gomes de Carvalho, representante na cidade da marca *His Master's Voice*, que para melhor exemplificar a qualidade do seu produto, apresentava também o som original.

O concerto contou com uma *"assistência selecta, sendo os disco ouvidos com geral interesse e muito elogiada a sua execução*. O Fado dos Cegos, de Armando Gois, que ali foi cantado pelo autor, reproduziu o disco sem uma única diferença, facto que mereceu referencias elogiosas á *His Master's Voice que bem pode orgulhar-se de possuir a melhor máquina falante que temos ouvido*"²³⁰.

Em Março fundava-se, então, em Coimbra a outra sociedade relacionada com a 7ª arte, desta vez, a *Associação dos Amigos do Cinema*, cuja sede provisória se localizou na Rua do Correio, 18, tendo a sua primeira reunião nas instalações da Associação Académica²³¹.

²³⁰ *Gazeta de Coimbra*, 26 de Janeiro de 1929.

²³¹ *Gazeta de Coimbra*, 19 de Março de 1929.

Este mês foi igualmente marcado pela esperada inauguração do Salão Tivoli, o que acabou com a situação de monopólio do Teatro Avenida, o que se reflectiu, com grande desagrado desta empresa, nas posturas municipais: em sessão camarária de 21 de Março "*aprovou-se as novas tabelas sobre as taxas a cobrar aos cinemas, teatros e outras casas de recreio, considerando que abriu nova casa de espectáculos, o Cinema Tivoli, deixando o Teatro Avenida de ter o exclusivo dos espectáculos de cinema*"²³², o que levou a empresa Abreu & Cabral a mover uma reclamação contra a Câmara Municipal. O Tivoli detinha o exclusivo dos filmes *Paramount*, exibindo também das casas Raul Lopes Freire, Companhia Cinematográfica de Portugal, exibindo frequentemente filmes de propaganda alemã, produzidos pela UFA²³³; enquanto o Avenida tinha o exclusivo para Coimbra das estreias dos filmes das mesmas casas Castelo Lopes, Raul Lopes Freire, Companhia Cinematográfica de Portugal e *Metro Goldwyn Mayer Films, Lda*²³⁴. Face a uma nova sala de espectáculos, no final da época, em Agosto, a gerência do Teatro Avenida pede licença à Câmara para reformar o interior do seu teatro²³⁵.

Por motivos ignorados o *Congresso de Scouts* realizado em Abril efectuou-se no ginásio da CADC, e já não no Recreatório Ozanan. Também a *Sociedade de Concertos*, optara por outras instalações, passando a utilizar o Salão Tivoli.

²³² José Pinto Loureiro, *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*, Coimbra, 1971, p. 240.

²³³ Da UFA foi exibido o filme *Metropolis* de Fritz Lang.

²³⁴ Cf. *Fundos do Governo Civil. Programas de Teatro*, AUC, 1927 e seguintes.

²³⁵ José Pinto Loureiro, *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*, Coimbra, 1971, p. 259.

IV. COIMBRA-FILMS

Só no final deste ano de 1929 algo digno de nota acontece no antigo Teatro Sousa Bastos - A *Coimbra-Films*, promovia a sua sessão inaugural a 8 de Dezembro.

Iniciada às 15 horas, com uma palestra proferida pelo dr. Carlos Dias (possivelmente em substituição do anunciado doutor Providência Costa) "que em nome da cidade saudou a empresa pela sua iniciativa arrojada, mas bela"²³⁶, seguiu com a projecção de filmes educativos sobre os efeitos perniciosos do álcool e da tuberculose e habilidades de alguns animais (as cláusulas do contrato de sublocação tinham que ser cumpridas!). O êxito da noite foi, contudo, a projecção de um filme português, *Capas Negras*, em parte filmado na cidade, com o concurso da Academia, para além de contar com as representações de artistas estrangeiros e portugueses como Jorge Infante e Luís Leitão. Este filme, "português, com pleno êxito no estrangeiro" ainda mudo, foi acompanhado por adaptações musicais a propósito²³⁷ (Cf. Os anúncios do Sousa Bastos).

1930

A partir desta altura nada mais é noticiado no jornal. Deduzimos, contudo que os negócios corriam da melhor maneira à *Coimbra-Films*, pois, no final do ano seguinte - a 8 de Novembro de 1930 - é celebrada uma escritura de sublocação do antigo Teatro Sousa Bastos, entre os padres Manuel Estrela Ferraz e Júlio António dos Santos, os já nomeados párocos de Santo António dos Olivais e de Santa Cruz, em representação da *Sociedade Instructiva Ozanan* e o dr. Hilderico Cardoso na qualidade de director-gerente da *Coimbra-Films*. Os primeiros outorgantes dão de

²³⁶ *Gazeta de Coimbra*, 10 de Dezembro de 1929.

²³⁷ Este filme foi bisado e eclipsado cerca de 20 anos mais tarde, com o sonoro *Capas Negras* de Armando Miranda, que contou com a representação de Amália Rodrigues.

sublocação "aquele predio aqui referido tão somente a sala de espectaculos e demais dependencias do Recreatorio Ozanan. Não entra na sublocação os compartimentos em que actualmente por meio favor está a União Operaria e Scouts". O contrato celebrado pelo prazo de 3 anos, a terminar em 31 de Dezembro de 1933, estipulava a renda de 400 escudos e o aluguer de 600\$00 mensais, que "se em virtude da caducidade do contracto de arrendamento de 1921, se puderem dar espectaculos no Teatro aqui subarrendado, sem se tornar necessario fazer as obras que a lei actual exige (...) e se realmente a sublocatária der espectaculos" passaria desde logo a ser de 800\$00 e o aluguer de 1.200\$00 mensais "durante todo o tempo que faltar para completar os três anos, pelo que ficará a mesma sublocataria a dar espectaculos cinematograficos(...)" A proprietária Sociedade Instructiva Ozanan, reserva-se o direito de utilizar a sala de espectáculos para sessões ou conferências, com aviso prévio de 3 dias.

A sublocação destinava-se à "instalação dos escritorios da segunda outorgante e a utilizar a sala de espectaculos na situação presente, em experiencias cinematograficas e para exhibições particulares de films educativos, scientificos e de acção moral, não podendo sob pena de rescisão imediata deste contracto, exhibir qualquer film imoral ou contrario à religião catolica, nem consentir que outros o façam ou façam qualquer conferencia ou sessão em que se exponha doutrina contraria à religião catolica ou à moral. (...) Se a segunda outorgante, por não observar as clausulas do contrato de sublocação feito entre Abreu & Cabral e os primeiros outorgantes, der causa a prejuizos para estes ou para a proprietaria, responsabiliza-se por esses prejuizos (...)"²³⁸.

Aqui se verifica a extensão dos direitos assinados entre a sociedade e a firma do Teatro Avenida em 27 de Dezembro de 1926, para além dos direitos de propriedade, pouco esclarecidos no próprio texto da escritura, uma vez que a Sociedade Ozanan, deixara de ser sublocatária para se tornar proprietária em 17 de Maio de 1927.

²³⁸ Fundos Notariais, Cartório de Diamantino da Mata Calisto, AUC, l. 78 C, fl.11 vº a 15 vº.

Esta ocupação do antigo Teatro Sousa Bastos pela *Coimbra-Films* vai tornar-se ainda mais concreta e de direito, com a compra efectuada por aquela empresa do “imóvel, mobiliário e demais pertencas”, efectuada em 30 de Março de 1932 à Sociedade Instructiva Ozanan. Entre a sublocação e a compra, a empresa *Coimbra-Films* tinha modificado o seu pacto social, aumentando o seu número de sócios e alterado a denominação para *Exhibidora Limitada*, o que se efectuou através de escritura exarada a 25 de Novembro de 1931²³⁹. Parece, contudo que as duas denominações se mantiveram, representando actividades distintas duma mesma empresa. Enquanto a *Exhibidora Limitada* mantinha os seus escritórios na Portagem, a *Coimbra-Films* devolvia ao Teatro Sousa Bastos a sua qualidade de casa de espectáculos. Efectivamente, a 2 de Junho de 1932 é debatido na Assembleia Municipal o pedido de licença da *Coimbra-Films* para realizar obras no edifício do Teatro Sousa Bastos, a fim de o adaptar a cinema²⁴⁰. Tinham terminado os anos negros...

Uma sondagem efectuada no ano de 1934, revela uma intensa actividade no Teatro Sousa Bastos, com sessões de cinema e anúncios no jornal diários.

²³⁹ *Fundos Notariais*, Cartório de Augusto Máximo Figueiredo, AUC, l. 194 B, fl.4 a 5.

²⁴⁰ José Pinto Loureiro, *Anais do Município de Coimbra 1920-1939*, Coimbra, 1971, p. 344.

V. PROGRAMAÇÃO

A seguinte tabela ordena cronologicamente toda a informação obtida em relação às exibições no Teatro Sousa Bastos, seja de espectáculos de variedades, filmes, saraus, etc., com divisão por gerências responsáveis. Como já referimos, a programação quotidiana normal era mista, composta por exibição da orquestra seguida de pequenos filmes ou de um filme mais famoso em partes que se prolongavam para a 2ª parte da *soirée*, que contava também com números de variedades, um ou mais, seguindo o mesmo critério de qualidade. Este programa-tipo vai manter-se nas salas de espectáculo ainda por mais de uma década.

A informação é variada: exaustiva para uns dias, com indicações parcelares para outros e por vezes omissa. Em alguns casos as datas referem o início e o fim da apresentação de um grupo ou *troupe*, sem isso significar que se exibiram diariamente durante todo o lapso de tempo.

Para distinção dos espectáculos no palco, são indicadas as películas **no écran**, a carregado.

INAUGURAÇÃO

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
15/6/1914	<i>A Rainha das Rosas</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
16/6/1914	<i>Maridos Alegres</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
17/6/1914	<i>Helda</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
18/6/1914	<i>Amor de Mascara</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
19/6/1914	<i>A Princesa Boémia</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
20/6/1914	<i>Amores de Príncipe</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa
21/6/1914	<i>Maridos Alegres</i> (matinée) <i>Amores Zíngaros</i>	Companhia do Teatro Avenida de Lisboa

CARVALHO & Cª

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
1/11/1914 matinée soirée	Quarteto Tomás de Lima <i>Fantasia Nacional</i> de T. Lima Solo de violoncelo de Maurício Índias Sonata de Armando Leça Inauguração do cinematografo	concerto
?	A Escola de Heróis	fitas
6/11/1914	Les Guercolis, Reis do Maxixe	Duetistas franco-brasileiros; estreia
7/11/1914	1. Overture pelo quarteto 2. Princesa Bedford 3. Gercolis 4. Overture pelo quarteto 5. Domadores de cavalos 6. Solo de violoncelo Melodia/Rubstein; Scherzo/ Goens) 7. Ultima Dança 8. Gercolis	1 prólogo e 4 actos fitas naturais 5 actos; 2.500 metros
14/11/1914	1. Overture pelo quarteto 2. Amigo Levy 3. Novela do Papá 4. Gercolis 5. Overture pelo quarteto 6. Praias Stalianas 7. Solo de violoncelo 8. Redenção do Naná 9. Les Mascotes	2 actos; 1.000 metros; exibição final; <i>film</i> de arte; 2 actos; 1.000 m; estreia; despedida 4 actos; 2.000 m; estreia; trapezistas; estreia
15/11 a 20/12/1914	Les Camilles	barristas cómicos
18/11/1914	Les Baguires	duetistas cómicos
19/11/1914	O fim da mão negra	filme

20/11/1914	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ouverture pelo quarteto 2. Sangue de Cigana 3. O Travesso 4. Kri-kri e os sapatos da creada 5. Les Reguinis 6. Ouverture pelo quarteto 7. Quedas das Montanhas 8. LeSigne, Saint-Saens²⁴¹ 9. Lobos do mar 10. Les Reguinis 	<p>filme em 2 actos, 1000 m</p> <p>duetistas cómicos</p> <p>4 actos; 2.000 m</p> <p>grande Fátima cómica/bailados árabes; despedida</p>
21/11/1914	Sarau	música, poesias, discurso, conferência, fado e guitarradas, assalto à espada francesa
29/11/1914	Matiné-concerto	Carmen; Barbeiro de Sevilha com Emiliana Salgado
1/12/1914	Henriqueta Dargalo	soprano ligeiro
7/12/1914	Sarau	
13/12/1914	A Mulher Nua ²⁴²	fita
19-20/12/1914	O fim da mão negra	fita policial
2/1/1915	Troupe Banola	barristas; estreia
14-21/1/1915	Alfredo d'Albuquerque	cómico português
20/1/1915	Teodora	fita dramática
22/1/1915	Espectáculo de beneficência	em favor da viúva de Carlos Clemente
23/1/1915	Angelina Mitra	cançonetista
27/1/1915	A Vida por El-Rei	fita dramática em 1prólogo e 4 actos
30/1/1915	Sisters Sturla	nº de variedades

²⁴¹ Saint-Saens (1835-1921) Compositor francês com vários temas históricos: *Sansão e Dalila*, *Henrique VIII*, etc. De notar, portanto a actualidade das apresentações, tratava-se de um compositor coevo.

²⁴² Com base na peça teatral *La femme nue*, sucessivamente adaptada com êxito ao cinema, pois temos conhecimento de que volta a ser exibida pelo menos catorze anos mais tarde, no Teatro Avenida.

13- 18/2/1915	Alfredo d'Albuquerque	feira Carnaval
24/2/1915	Sarau Apoteose ao sentimental Poeta do <i>Só e das Despedidas</i> Soneto alegórico(...) Discurso Solo de violino de Tomás de Lima Audição do orfeon do Colégio Moderno Cantos e danças populares Audição pela D. Emiliana Salgado Recitações versos de Anto Tuna Académica Banda de Infantaria 23 (nos intervalos)	homenagem a António Nobre ²⁴³

²⁴³ Homenagem póstuma, o Anto falecera a 18 de Março de 1903, vítima de tuberculose.

MANUEL FRANCISCO ESTEVES

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
6/3/1915	<i>Princesa dos Dollars</i>	opereta; Companhia do Eden Teatro
7/3/1915	<i>O Burro do sr. Alcaide</i>	opereta; Comp. Eden Teatro
8/3/1915	<i>Marido Feliz</i>	opereta; Comp. Eden Teatro
9/3/1915	<i>Rainha do Animatografo</i>	opereta; Comp. Eden Teatro
10/3/1915	<i>Flor da rua</i>	opereta; Comp. Eden Teatro
11/3/1915	<i>O Solar dos Barrigas</i>	opereta; Comp. Eden Teatro
20/3/1915	- reabertura do cinematografo -	films acompanhados por sexteto
20-24/3/1915 ?	6 bailarinas espanholas	variedades: tiro ao alvo
7/4/1915	A Voz da Pátria O Sacrifício O cão de Serafina Kri-kri prestidigitador Pescarias em Hanover <i>Solo de violino, m.</i> <i>Tomás de Lima</i>	fita de arte; 2 actos fita de arte; 4 partes fita cómica » » fita natural
10-14/4/1915	<i>The Dulias</i>	variedades; caricaturistas
14/4/1915	A filha do detective	fita: drama policial
19/5/1915 ?	Amor e Remorso	drama em 3 actos

JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
17/1/1916	reabertura sessões cinematográficas filmes Troupe Pichel Les Bellini	5 acrobáticos dueto
- 1/3/1916?	Trio Marcelino	bailados
11/3/1916	<i>Amor</i>	revista; Comp. Teatro Nacional do Porto
12/3/1916	<i>Brasileiro Pancrácio</i>	farsa; Comp. Teatro Nacional do Porto
13/3/1916	<i>Segredo da Morgada</i>	opereta; Comp. Teatro Nacional do Porto
14/3/1916	Les Maulius La Tempronica	dueto italiano; estreia bailarina e completista
23/2/1916	Petite Fougère Segredo de Estado Natal do Miúdo Actualidades Gau- mont nº 17 Les Bellini Bravo, Escoceses	Bailarina; 4 partes; 2ª exibição; film; estreia; assuntos de guerra; estreia; 7ª apresentação; 2ª exibição, 2 partes; 1200 m
24/3- 2/4/1916	Castelani e Alba Tiberio	variedades acrobáticas
26/2/1916	Trio Marcelino Tereza A caminho das trin- cheiras Actualidades Gau- mont nº 23 Gerações expontâ- neas Calino, campeão de boxe	bailados espanhóis; estreia Tiber-film; estreia; films de guerra; estreia; » » film cómico; estreia; » »
11/3/1916	<i>Amor</i>	revista em 3 actos e 13 quadros; Companhia Nacional do Porto
12/3/1916	<i>Brasileiro Pancrácio</i>	farsa; Companhia Nacional do Porto
13/3/1916	<i>Segredo da Morgada</i>	opereta em 3 actos; Companhia Nacional do Porto
24/3- 2/4/1916	Alba Tiberio; artista enciclopédica; Castellani Tiberio; homem de forças Les Madrid; acrobatas	Companhia Internacional de Variedades
31/3/1916	<i>Festa em beneficio de</i> <i>Castellani Tiberio</i>	Companhia Internacional de Variedades

5/4/1916	Árvore do Mal Concurso de Tiro Actualidades 51 novos Farman	drama em 4 actos; película cómica; filme de assuntos de guerra; película cómica
6- 15/4/1916	Los Cosmopolitas	bailarinos espanhóis
6/4/1916	Mario Al Faro	ventríloquo e transformista
7- 8/4/1916	A Labareda	film
10- 15/4/1916	Mary Bruni	completista italiana
15/4/1916	Los Cosmopolitas Mary Bruni Actualidades - 2 Sua Alteza O espia do inimigo	despedida; assuntos de guerra; comédia em 2 actos; drama em 2 actos
22/4/1916	The Moulins O Rei Azul Actualidades 3 O Bocejo Enfim, sós!	trio de bailarinos cómicos excêntricos; estreia drama em 4 actos; assuntos de guerra; filme cómico; comédia em 2 actos
27/4/1916	Lolita Gironez	bailarina
29/4/1916	Lolita Gironez Assumpta Spina Corrida de Automóveis Metempsicoses Actualidades 26	Bailarina film d'arte com Francesca Bertrini; film desportivo; filme colorido; assuntos de guerra
18- 21/5/1916	Companhia Internacional de Variedades	Troupe Spring
2/4/1916	<i>O Senhor Roubado</i>	comédia em 3 actos; Companhia de Comédia do Teatro Ginásio de Lisboa
3/6/1916	<i>O Manequim</i>	comédia em 4 actos; Companhia de Comédia do Teatro Ginásio de Lisboa
4/6/1916	<i>O Pai do Regimento</i> <i>Soror Mariana</i>	comédia em 3 actos; original em 1 acto de Júlio Dantas; Companhia de Comédia do Teatro Ginásio de Lisboa
24/8/1916	<i>Manobras em Tancos e</i> <i>A parada em Montalvo</i>	film de 2500 m em 5 partes; Mi- nistério da Guerra

LUIZ LOMAS

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
1/10/1916	Sinfonia Gaumont, nº 24 Nocturno de Chopin (intervalo de 10 m) Sinfonia Nocturno de Chopin, Casa de Mabel	Actualidades (natural); 1ª, 2ª e 3ª partes 6 partes, 3000 m; Serie d'Ouro; 4ª, 5ª e 6ª partes; fita cómica
4/10/1916	Sinfonia A mão do antepassado (intervalo de 10 m) Sinfonia Actualidades 33 José Manicure (intervalo de 10 m) Sinfonia Stella Margarita	4 partes; assuntos de guerra; fita cómica; Cantora italiana, estreia
7/10/1916	Sinfonia pelo terceto Maldição paterna, Fricot pacifista (intervalo de 10 m) Sinfonia pelo terceto Actualidades 29 Julot de viagem (intervalo de 10 m) Sinfonia pelo terceto Stella Margarita	1ª, 2ª e 3ª partes
8/10/1916	Sinfonia pelo terceto A bola negra (intervalo de 10 m) Sinfonia pelo terceto A bola negra Amor e jogo (intervalo de 10 m) Sinfonia pelo terceto Stella Margarita	1ª, 2ª e 3ª partes; 4ª e 5ª partes; fita cómica
11/10/1916	Sinfonia Actualidades 14 Herói sonhado (intervalo de 10 m) Sinfonia A dama da borboleta negra, (intervalo de 10 m) Sinfonia Les flores duetistas e La petite flor	1 e 2ª partes; 1ª, 2ª e 3ª partes cômicos

16- 17/10/1916	Má Sina Paz Conjugal	drama comédia
18/10/1916	Grandes Manobras Navais Alfonsina Helenes	6 partes, 2500 m; fita oficial; cançonetista espanhola, estreia
21/10/1916	O Impossível Alfonsina Helenes Trio Marcelino	fita; cançonetista espanhola; variedades
28/10/1916	Sinfonia Actualidades Detective Kelly (intervalo) Sinfonia Trio Juliets Trio Marcelino (intervalo) Sinfonia Les Jarques	3 partes; excêntricos cómicos musicais
29/10/1916	Sinfonia Actualidades O rápido em perigo Amor aéreo (intervalo) Sinfonia Trio Juliets Les Jarques (intervalo) Sinfonia Trio Marcelino	2 partes; fita cómica; despedida
30/10/1916	Sinfonia Actualidades O fogo (intervalo) Sinfonia Trio Juliets Les Jarques (intervalo) Sinfonia Nita Falzon	4 partes, de Gabriel d'Annunzio; estreia
31/10/1916	<i>D. Pepito e a bailarina</i> <i>mais feia do mundo</i> Nita Falzon	variedades <i>Chanson patriotique</i>
7/11/1916	Arras, cidade mártir A mão do antepassado Policarpo moralista La Gabrielita Les Marafior Clotilde Casteldor	4 partes; fita cómica Variedades; duetistas brasileiros, despedida; estreia

8/11/1916	Sinfonia Actualidades 38 O Crime do Pai Artilharia Italiana Charlot e Mabel Sinfonia Duetto Campson's Clotilde Casteld'or - The Arien	em 3 partes; da casa Keystone; despedida
9/11/1916	Silva Carvalho	transformista; estreia
11/11/1916	Do Cairo a Longsor Raça Maldita Travessuras dum cão Duetto Campson's The Arien Silva Carvalho	panorâmica; 2 partes; cómica; despedida transformista
13/11/1916	<i>O Cossaco</i>	Companhia de Opereta italiana Caracciolo Scognamiglio - <i>Caramba</i> ; música de Felix Albini
14/11/1916	<i>Gheisha</i>	Compan. Caracciolo;
15/11/1916	<i>Casta Suzana</i>	Compan. Caracciolo; c/ Carla Cenami e o actor Antonio Rubeis
16/11/1916	<i>Adeus Mocidade</i>	Compan. Caracciolo;
18/11/1916	<i>Eva</i>	Compan. Caracciolo;
19/11/1916	<i>Viuva Alegre</i>	Compan. Caracciolo;
20/11/1916?	<i>Granadeiros de</i> <i>Napoleão</i>	Compan. Caracciolo;
22/11/1916	<i>Conde Luxemburgo</i>	Compan. Caracciolo;
23/11/1916	<i>Gheisha</i>	Compan. Caracciolo; (reprise)
24/11/1916	<i>Mascara</i>	Compan. Caracciolo;
25/11/1916	<i>Boémia</i>	Compan. Caracciolo;
26/11/1916	<i>Eva</i>	Compan. Caracciolo; (reprise)
28/11/1916	Les Marines Las Africanitas Electra	variedades
2/12/1916	Actualidades 40 As 2 sentenças Expição no mar Cachopin sequestrado Las Africanitas Paulo Delmas Electra Júlio Vilar	2 partes; 2 partes; fita cómica; estreia

3/12/1916 matinée infantil, 16h 30	Sinfonia Domador de cavalos Passe-partout Metempsychosis O astrólogo As tulipas O amigo de polidor Paulo Delmas	grande cómico português
soirée	Os franceses retomam Bleint e Saint-Nazaire A Alma romântica Júlio Vilar Las Africanitas Paulo Delmas Electra	2 partes; 4 partes
4/12/1916	Romanticismo	filme a pedido
6/12/1916	Josefine, imperatriz Molly e Nagi Soler Difranc Paulo Delmas e Júlio Vilar Les Bellinis	2 partes; cómica, 2 partes
7/12/1916	Lys	acrobatas portugueses
10/12/1916	matinée infantil	
19/12/1916	Oriental	bailarina coupletista
20/12/1916	Actualidades 39 O presente do morto Abando desesperado Oriental	2 partes; 3 partes; bailarina
23/12/1916	Sinfonia Exercito francês Rajah indiano Diamante de família Arténio procura fogo (Intervalo de 15 minutos) Sinfonia Oriental	3 partes; 3 partes; cómica; coupletista
27/12/1916	Actualidades 31 Babilas amoroso Personagens mudas da vida Sofia protectora A Oriental Les Carpi Teresita	fita cómica; 2 partes; fita cómica malabaristas, estreia; bailarina; estreia

30/12/1916	Inveja e expiação Faty faz uma conquista Sarita e seu excêntrico negro Irmãos Carpi Teresita e Silva Carvalho	película em 3 partes; fita cómica; despedida transformações
31/12/1916 <i>soirée</i>	15 h- matinée infantil Actualidades 43 Segredo d'alma Irmãos Carpi Teresita e Silva Carvalho	3 partes; até 3/1/1917 até 3/1/1917
2/1/1917	Electra	bailarina
5/1/1917	Espectáculo de Caridade em benefício do pobres da <i>Gazeta de Coimbra</i>	(com Electra, Teresita, Paquita Tomaski e Aros Satan, irmãos Carpi)
6/1/1917	Sinfonia Actualidades 18 De quem é a mulher (intervalo) Irmãos Carpi Teresita Capitão Aros Satan e Paquita Tomaski Electra	3 partes despedida; atiradores; bailarina
até 10/1/1917	Alexandres Electra Tosca Bresciani e urso Saba	duetistas
10/1/1917	Salud Ruiz Alexandres Electra Tosca Bresciani e urso Saba	cançonetista; estreia
11/1/1917	Las Clorenes	estreia
13/1/1917	A Ruína de Manley O pequeno vigia lombardo Las Clorenes Tosca-Bresciani Electra Salud Ruiz	filme em 2 actos; filme em 1 acto
17/1/1917	A Moeda Quebrada Irmãs Obiol	película policial, 44 p., 2 séries; estreia; com a boneca mecânica

142 - As primeiras décadas de história

20/1/1917	O Poeta e Mulher Trio the Gliss José Avelino Irmãs Obiol	Fita; ciclistas cómicos; ilusionista português com a boneca mecânica
24/1/1917	A Moeda Quebrada O afilhado da Victoria Ranulfo Irmãs Obiol Lucy de Matha	13, 14, 15 e 16ª partes - 7 e 8º episódio; fita cómica; estreia; homem de aço, Hércules português; despedida; estreia; francesa
27/1/1917	Dr. Mefistófeles Ranulfo Lucy da Mata (De Marthe) e Salcedo Crespo	da Casa Nordisk, em 4 partes; (hoje match greco -romano c/ estudante); estreia; dueto lírico
31/1/1917	A Moeda Quebrada 3 nºs de variedades Salcedo Crespo Francisco Ranulfo Tosca Bresciani	21, 22, 23 e 24ª partes; dueto italo-americano
3/2/1917 ?	Festa do bilheteiro/camaroteiro Raul de Carvalho	
3/2/1917, sab	<i>Espectaculo da Moda</i> Sinfonia Actualidades Abnegação de Riogim A frescura de Columbino (intervalo) Sinfonia Rose d'Avon Tosca Bresciani Maja de Goya	2 partes; fita cómica
14/2/1917	Os mistérios do Harém Vheiss Albino da Silva Les Jerlavs Maria Albareda Josefina Brown	3º e 4º episódios; o equilibrista mais destemido do mundo; estreia deste prestidigitador; despedida destes notáveis acrobáticos; formosa e distinta cançonetista espanhola; notável excêntrica norte- americana, extraordinária parodista
23/2/1917	Anders	estreia

- 24/2/1917	Trio Marcelino Les Alfans The Doval's	bailados; acrobatas; excêntrico musical
28/2/1917	Cheri Bibi Josefina Brown Falagã e Sevilhanito Anders La Radium	fitas em 4 actos, extraído de romance, publicado no DN; excêntrica; bailarinos; <i>jongleur</i> ; bailarina
3/3/1917	<i>Bota-Abaixo</i>	revista em 5 quadros, original do actor Martins Santos da <i>Companhia de Revista e Opereta do Porto</i> ; música de Manuel Figueiredo
4/3/1917	<i>Está-se nas tintas</i>	revista em 7 quadros de Wladimir de Almeida e H.D.; música de Artur Silva e Júlio Pontes
9/3/1917	Falagã e Sevilhanito Les Marafiors	bailarinos
10/3/1917	Sadoná Les Marafiors Les Jerlaval's	5 partes
12/3/1917	A filha do Circo	estreia; com Lucile, Hugo, Polo e Sancho
13/3/1917	Lolita Girones Adolfo Benus (<i>jongleur</i>)	
14/3/1917	A filha do Circo (Herança Fatal e Mais que perigoso)	2ª série; 3ª série: 4 actos
20/3/1917	Os Comediantes de Lucifer A filha do Circo	(até 13 de Abril)
23/3/1917	Suborno Rosita Rodrigo	estreia, fita em 19 episódios
28/3/1917	O fogo Rosita Rodrigo (despedida)	película da Serie d'Ouro em 4 actos, criação da célebre actriz Pina Menicheli e do grande actor Febo Mari
3-6/4/1917	NÃO HOUVE ESPECTACULOS	
18/4/1917 matinée a 23/4	Júlio Vilar	fecho da urna/ enterrado vivo 5 dias
21/4/1917	<i>À sombra de Esculápio</i>	récita de Medicina - cenário de Saul d'Almeida e outro de Abel Eliseu
23/4/1917	Martinita e Alonso	coupletistas e bailarinos espanhóis

27/4/1917	<i>O Chico das Pegas</i>	opereta em 3 actos de Eduardo Schwalbach, pelo Teatro Apolo de Lisboa
28/4/1917	<i>Amores em Coimbra</i>	opereta em 3 actos de Sousa Rocha, pelo Teatro Apolo de Lx
29/4/1917	<i>Folha corrida</i>	revista de Henrique Roldão e Roberto Sales, pelo Teatro Apolo de Lx
30/4/1917	<i>De Alto a Baixo</i>	revista de André Brun e Chagas Roquete, pelo Teatro Apolo de Lx
4/5/1917	<i>À Sombra de Esculápio</i>	Récita de Medicina, peça de Fernando Correia
5/5/1917	Festa das Flores Josefina Bown	fitas realizadas em Lx aquando da dita; excêntrica americana
9/5/1917	Soberania do amor (6 partes) Tripita e sua mobília (cómica em 1 parte) Actualidades 7	festa artística de Scipião Heitor - secret. da empresa, com as ditas películas
12/5/1917	<i>Orfeon de Condeixa</i> Actuação de Alice e Maria Rey Colaço, Conferência do dr. Aarão de Lacerda	festa em benefício da Escola Industrial de Condeixa

G. LEMOS & SANTOS

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
19/5/1917	Reabertura Homem sem nome Milá	filme em 5 partes; concertista excêntrico, estreia
23/5/1917	<i>Crepúsculo dos Lentos</i>	Récita Quintanistas Direito peça com 3 actos, ensaiada por dr. Matos Chaves, música e regência de orquestra do Pde. Elias de Aguiar, ornamentação do teatro do dr. Brito e Silva
26/5/1917	<i>Crepúsculo dos Lentos</i>	2ª Recita Quintanistas Direito
29/5/1917	filmes variados extraordinários e de sucesso mundial	
1/6/1917	films v. Mr. Paul Leonard e seus minúsculos cães Príncipe II, o macaco- homem	cães amestrados; estreia (número do Coliseu de Lx e Politeama)
5/6/1917	<i>Pai</i> , de Strindberg	Troupe Guignol
6/6/1917	<i>Fado</i> , de Bento Mântua <i>Mascaras</i> , de Bracco	Troupe Guignol
11/6/1917	Almas Gémeas	fita
- 12/6/1917	Glória Culpa Emilia Moreno	filmes, com eminente trágica italiana Pina Manichelli e actor Nipoti; bailarina
15/6/1917	Goya Ruiz	
19/6/1917	D. Juan Goya Ruiz	filme ²⁴⁴
22/6/1917	Drama de Amor	filme; estreia
29/6/1917	Charito Delhor	bailarina
após 29/6/1917 ?	<i>Velada Futurista</i>	de Santa Rita Pintor e José d'Almada Negreiros
antes de 11/7/1917	Los Alpinos	tocadores de bandarra e viola espanhola executando o Anel de Ferro, a grande marcha de Mozart

²⁴⁴ Outro tema recorrente no cinema, ainda mais duradouramente que "Mulher Nua", havendo notícia de nova película, igualmente no Teatro Avenida, em 1928.

11/7/1917	<p><i>Conflitos d'alma</i> <i>O perdão</i> <i>A manhã</i> <i>Mentira</i> <i>Viva Portugal</i> <i>O medo das bengalas</i> <i>Mater dolorosa</i> <i>Pela Pátria</i> <i>Ressuscitado, etc.</i></p>	<p>Troupe Dramática Portuguesa formada por artistas dos teatros de Lisboa.</p>
após 11/7/17	<p>Poder Soberano</p>	<p>em 6 partes com Hesperia - atriz italiana "a duze do cinematografo"</p>

ABREU, CABRAL & LEMOS

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
11/10/1917	Reabertura com filmes vários	
30/10 a 13/11/1917	sessão cinematográfica todos os domingos	
2/2/1918	filmes v.	sessões de cinema nas noites de carnaval (4 sessões)
12/3/1918 -	Seita Tenebrosa	reprise do Teatro Avenida
26/3/1918	Reunião Teatro -Escola no Salão de Pintura	
7/4/1918	leitura da peça <i>Tanger</i> e do 2ª acto da <i>Terra d'Encanto</i>	de 2 actos, de Virginia Gersão, aluna da FLUC, oferecida á Escola Teatral
29/4/1918	A Filha do Regedor, peça	sarau dramático da Assoc. Artistas dirigido/ ensaiado por Marques Ribeiro, <i>amador dramático</i>
25/5/18	<i>Concerto de Fernando Botelho Leitão</i> Estudos Sinfónicos, Schumann Estudo (em lá bemol), Berceuse, Balada em sol maior), Valsa (em lá bemol), Chopin Tocata (op.7), Schumann; Nocturno (em mi bemol), Fauré; Rapsodia nº2, Liszt	piano Bechstein da Casa Lambertini
- 4/7/1918	<i>Rainha Santa Isabel</i> Rancho infantil	peça desempenhada pelo Grupo Infantil da Cantina Escolar
21/7/1918	<i>Rainha Santa Isabel</i> Rancho infantil	reprise; Grupo Infantil da Cantina Escolar
6/3/1919	Entrudo (festejos de Carnaval)	
19/5/1919	<i>Serão de Arte</i> 1ª parte <ul style="list-style-type: none"> • Discurso pelo Dr. Pires de Lima • Solos de piano pela srª D. Mª Leal Sobral (Lizst), Aline Brito (Strauss), e Cesaltina Pimenta (Chopin) 	Sarau de Homenagem a D. Gloria Castanheira de Carvalho (discípula do Prof. Rey Colaço); organização da Sociedade Filantrópica Académica.

	<p>2ª parte</p> <ul style="list-style-type: none"> Oscar da Silva (Schumann e Chopin) <p>3ª parte</p> <ul style="list-style-type: none"> Récita de poesias de e pelo Dr. Sanches da Gama e Lenda da Dona Infanta <p>4ª parte</p> <ul style="list-style-type: none"> Fernando Botelho Leitão (pianista) <p>António Menano (modinha do séc. XVIII)</p> <p>Encerramento</p> <ul style="list-style-type: none"> D. Aline (textos de Luiz da Silva Costa e musica de Coutinho de Oliveira) 	
22-23/1/1920	<i>Sociedade de Concertos</i> sarau com Manen	violinista
2-3/2/1920	<i>Sociedade de Concertos</i> sarau com Aussenac	pianista
8/2/1920	<i>Entre Duas Avé-Marias</i>	original de Ernesto Donato e Matos Miguens, Grupo Sá de Miranda
15 e 16/3/1920	<i>Sociedade de Concertos</i> Viana da Mota (pianista) e Francisco Benetó (violinista);	
29 e 30/3/1920	<i>Sociedade de Concertos</i> Lea Bach (harpista)	Beethoven, Schumann, Bach e Lizst
10/6/1920	Sarau com irmãs Rey Colaço	Bach, Brahms, Debussy,
18-20/1/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Noella Cousin	violinista
20/2/1921	<i>Entre Duas Avé-Marias</i>	Grupo Sá de Miranda
10-11/3/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> : Viana da Mota	

15/3/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Wilhem Bauchaus	Beethoven, Schumann, Brahms, Chopin
2/4/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Quarteto Rosé	
4/4/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Viana da Mota	
26/4/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Claire Croiza e M. Medintiano	canto e piano
???	<i>Sociedade de Concertos</i> Orquestra Blanch	
9-10/5/1921	Récita de caridade <i>A Bisbilhoteira</i>	Eduardo Schwalbach
22 e 24/11/1921	<i>Sociedade de Concertos</i> Alexandre Braïlowsky	pianista russo Beethoven, Chopin, Lizst
13/2/1922	Sarau do Congresso Económico <i>Mireille</i> (1º acto da mesma ópera) banda GNR	promovido pela Associação Comercial
16 e 17/2/1922	<i>Sociedade de Concertos</i> Quarteto Wendling	Mozart, Schubert, Debussy recital beethoveniano
5/3/1922	<i>Academia de Música</i> Concerto Mantelli	
21- 23/4/1922	Congresso do Partido [Democrático?] Republicano Português	
11/6/1922	<i>Festa de Arte</i> Traviata (2º acto) Fiandeiras Desgarrada da Serrana M. Eugénia Mantelli	ensaiador Coutinho de Oliveira
12/6/1922	Sarau oferecido à Academia M. Eugénia Mantelli	
13/1/1924	Comício d' <i>Os Rebeldes</i>	grupo anarquista

30/1 /1925	Grupo Dramático Sá de Miranda	sarau a favor do Jardim-Escola João de Deus
31/1- 2/2/1925	3º Congresso do Partido Republicano Radical	
2, 8 e 16/3/1925	Grupo Dramático Sá de Miranda <i>Entre Duas Avé-Marias</i>	sarau em favor da Misericórdia, Asilo e Hospital da Ordem 3ª e Bombeiros Voluntários; ensaiador - Cipriano Pio maestro - Cesar Magliani
	Grupo Dramático Sá de Miranda <i>Rosas de Nossa Senhora</i> , 2 actos <i>A Pegureira</i> , 1 acto (operetas)	original de C. Magliani sarau em favor da Misericórdia, Colónias Balneares Infantis e Bombeiros Voluntários;
5/12/1925	<i>Concerto de M.elle Benoit e Alfredo Carvalheira</i> (piano e canto) Fantasia em dó (Mozart) Sonata op. 53 Aurora (Beethoven) Caro mio ben (Giordani) La belle blonde (atrb. Thibaultde) Je pense à toi (Schubert) Fantazia (Chopin) 3 prelúdios (Debuny) Chorai (C. Franck) L'enfant prodigue (Debuny) La Lorelei (Liszt)	sarau em favor do Asilo da Infância Desvalida 1ª parte 2ª parte
17/1/1926	Grupo Dramático Sá de Miranda <i>Ladrões de Luva Branca</i>	peça em 3 actos, de Veloso da Costa, maestro Cesar Magliani

152 - As primeiras décadas de história

<p>21/1/1926</p>	<p><i>Recital de Francisco Pezzi e Tuna Académica</i></p> <p>Giordano - <i>Fédora - Amor ti vieta</i> J. Serrano - <i>Comparza Espanhola - Jota</i> A. Boito - <i>Mephistofeles - Giunto sul passo estremo</i> E. Caruso - <i>Adorables Tourments</i> (valse chanté) Donizetti - <i>L'elisir d'amor - Una furtiva lagrima</i></p> <p>Fados, monólogos e guitarradas, por elementos da Tuna Académica</p> <p>Canções brasileiras Francisco Pezzi - (Areglo) - <i>Luciola</i> E. Martins - <i>Canto do gancho</i> A. Viana - <i>Eterna Canção</i> Catulo Learense - <i>Ontem ao luar</i> R. Morais - <i>Na praia</i></p>	<p>patrocinada pelo cônsul brasileiro e Tuna Académica (acompanhamentos do maestro César Magliano)</p> <p>1ª parte</p> <p>2ª parte</p> <p>3ª parte</p>
<p>23/3/1926</p>	<p>Sarau pelos Alunos do 7º anos Liceu José Falcão</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Um cálculo errado</i> (comédia) • número de variedades • <i>O Comendador Aleixo</i> (comédia) 	

6/5/1926	<i>Serão dramático familiar</i> Um homem de negócios Simões, Simões & C ^a guitarradas monólogo <i>Coisas</i>	1 acto zarzuela em 1 acto Flavio Rodrigues e Augusto Silva Louro Alvaro Ferreira Cipriano Dias da Conceição
9/5/1926	Comício das Juntas de Freguesia	pres. Abílio Fernandes
17/5/1926	<i>Sarau d'Arte</i> Eugénio de Castro (locução) trechos de Chopin, Mendelsshon, Puccini, Strauss	organ. por D. Glória Castanheira em favor do <i>Lactário de Nossa Senhora</i> e <i>Asilo da Infância Desvalida</i>
21/6/1926	Recital de Corina Freire e Luís Barbosa	canto e violino
5/12/1926	<i>Grupo Dramático Beneficente</i> 1 ^a parte - <i>Grupo Recreativo 1º de Janeiro</i>	em favor de inst. de caridade; Grupo de S. António dos Olivais

RECREATÓRIO OZANAN

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
1/1/1927	Sessão da <i>União Operária de Coimbra</i> locução sobre "caridade" Quinteto dirigido por C. Maglianii	oradores: Trindade Salgueiro; Serras e Silva
15/1/1927	Núcleo de Coimbra do Corpo Nacional de Scouts Católicos	conferência por Avelino Gonçalves (Comissário Geral do Escutismo em Portugal)
16/1/1927	<i>Sarau</i> do Núcleo de Coimbra do Corpo Nacional de Scouts Católicos	discursos, poesia, exercícios, palestra por Diniz da Fonseca
Carnaval	festas familiares	
14/11/1927	<i>Grupo Dramático Beneficente e</i> orquestra da Tuna do Ateneu Comercial <i>Os filhos do Saltimbanco</i> 1. Duas histórias tristes 2. Os saltimbancos 3. Uma ideia do Estica 4. O dedo de Deus	4 actos promovido e dedicado ao União de Coimbra Football Club (cartaz)
18/12/1927	<i>Grupo Musical Recreativo</i> Hino do Grupo, marchas trechos de ópera <i>Comendador Aleixo</i> (comédia) ??? <i>Pouca Vergonha</i> (farsa)	(cartaz)
9/2/1928	Récita de amadores <i>Os Sinos de Corneville</i>	(ensaios para espectáculo no Teatro Avenida)

12/2/1928	<i>União Noelista de Coimbra</i> Recital musical: 1ª Suite portuguesa Récita de versos <i>Quadros vivos:</i> No segundo Império Hora Mística Cena Grega Trindades (diálogo bucólico)	Sarau com Tuna Académica de Rui Coelho, executada por Raposo Marques de Campos Monteiro pelas Noelistas (cartaz)
18/3/1928	<i>União Operária de Coimbra</i> discurso pelo Bispo-Conde leitura do relatório da direcção palestra pelo Prof. de Direito Oliveira Salazar: "Duas Economias"	sessão solene comemorativa da sua fundação (cartaz)
6/5/1928	<i>Ateneu Comercial</i> Tuna e Grupo Dramático <i>Espertezas do Simão</i>	comemoração do 33º aniversário (cartaz)
17 /6/1928	<i>Recital com Emiliana Salgado</i> côros pelas alunas palestra pelo Dr. Câmara Leite <i>recital com Emiliana e Carmen Salgado</i>	em favor do Asilo da Venerável Ordem 3ª (canto e piano) (cartaz)
20/1/1929	<i>Serão-scout</i> discurso pelo inspector-mór peça: <i>Jesus entre os Scouts</i> (2 actos) fogueira -scout	(cartaz)
24/1/1929	<i>His Master's Voice</i> <i>O Fado dos Cegos</i>	sessão de promoção do gramofone; cantado por Armando Góis

COIMBRÁ FILMS

Data	Título/ Espectáculo	Obs.
8/12/1929	<i>Coimbra-Films</i> discurso por dr. Carlos Dias filmes educativos (álcool, tuberculose e habilidades de animais) Capas Negras	sessão inaugural distribuição (e produção?) da <i>Coimbra-Films</i> (cartaz)

VI. ORGANIGRAMA

Propriedade: **Manuel Francisco Esteves e José Guilherme Santos**

Data: 3 Agosto 1910 a 26 Fevereiro 1916

Gerência: **Manuel F. Esteves**

Data: Junho 1914 a Outubro 1914

Gerência: **Carvalho e C^a** (Juvenal Paiva e Manuel Ferreira de Carvalho)

Data: Outubro 1914 a 16 Fevereiro 1915

Gerência: **Manuel Francisco Esteves**

Data: 6 Março a Maio 1915

Propriedade: **José Guilherme dos Santos**

Data: 7 Janeiro 1916

Gerência: **José Guilherme dos Santos**

Data: Fevereiro 1916 a Agosto 1916

Gerência: **Luiz Lomas**

Data: 1 Outubro 1916 a 12 Maio 1917

Gerência: **G. Lemos & Santos**

Data: 18 Maio 1917

Gerência: **Abreu, Cabral & Lemos**

Data: 1 Outubro 1917

Propriedade: **Emília Augusta dos Santos**, viúva e
José Guilherme dos Santos Júnior e Maria José Pinto dos Santos
Júlia dos Santos Pinto Amado e Fausto Pinto Amado

Data: 25 Maio 1920

Gerência: **Abreu, Cabral & Lemos**

Propriedade: **Emília Augusta dos Santos**, (troca com filhos)

Data: 3 Fevereiro 1921

Gerência: **Abreu, Cabral**

Data: 31 Dezembro 1921

Sublocação: **Sociedade Instructiva Ozanan**

Data: 21 Dezembro 1926

Propriedade: **Sociedade Instructiva Ozanan**

Data: 17 Maio 1927

Sublocação: **Coimbra-Films**

Data: 8 Novembro 1930

Propriedade: **Coimbra-Films**

Data: 30 Março 1932

VII. OS ANÚNCIOS DO SOUSA BASTOS

A publicidade às casas de espectáculos era, nesta segunda década do século XX, feita através de cartazes e pregões mais ou menos urbanos²⁴⁵.

Os anúncios nos jornais não eram frequentes, e representavam um custo adicional indicador da existência de um grande esforço de implantação e aceitação junto do público conimbricense, por parte do Teatro Sousa Bastos, face à concorrência do Teatro Avenida, já com tradição vinda do tempo do Teatro-Circo Príncipe Real.

Os reclames do Teatro Sousa Bastos foram, segundo sabemos, todos publicados na *Gazeta de Coimbra*, certamente devido aos laços de amizade existentes entre o proprietário Manuel Francisco Esteves e elementos deste jornal, possivelmente tanto com o jornalista Mário Machado, como com o seu proprietário, sr. Arrobas.

Cada linha de reclame na *Gazeta* custava \$05 reis, sendo os anúncios do Teatro Sousa Bastos em "caixa", estimamos o seu custo entre 1\$500 e 2\$400 - em virtude dos contratos especiais feitos tanto aos assinantes, como aos anúncios permanentes. Os preços dos bilhetes oscilavam entre os 60, 80 e 160 reis.

Os primeiros anúncios publicados por Manuel Francisco Esteves foram em número de três e disseram respeito à inauguração do próprio teatro com

²⁴⁵ Pela pilhéria vale a pena transcrever um comentário na *Gazeta de Coimbra* (19/2/1910) à imaginação do reclame do Teatro-Circo: "*Reclame à antiga. Ante-hontem para reclame dum espectáculo no Theatro Circo, tiveram o gosto de enfeitar um carro de bois com verdura e metter dentro delle um gaiteiro, fazendo-o percorrer as ruas da cidade com o competente foguetorio e gaitada.*"

Ora isto calhava bem para reclame no Chão do Bispo ou na Pedrulha, mas para terra que vae ter electricos ... cebolorio!"

a Companhia do Teatro Avenida de Lisboa, a 13, 17 e 20 de Junho de 1914.

Teatro Sousa Bastos

Inauguração no dia 15 de Junho de 1914, pela companhia do Teatro Avenida de Lisboa, com a : : : : opera comica : : : :

RAINHA DAS ROSAS

Dia 16
: **MARIDOS ALEGRES** :

Dia 17
: **HELDA** :

Dia 18
: **AMOR DE MASCARA** :

Teatro Sousa Bastos

Pela COMPANHIA DO THEATRO AVENIDA de Lisboa

Hoje
: **AMORES DE PRINCEPE** :

Amanhã
Matinée, a pedido, ás 15 horas
: **MARIDOS ALEGRES** :

À noite
AMORES DE PRINCEPE

Teatro Sousa Bastos

Pela COMPANHIA DO THEATRO AVENIDA

Hoje
: **HELDA** :

Amanhã
: **AMOR DE MASCARA** :

Sexta-feira
A PRINCESA BOEMIA

Sabado
: **AMORES DE PRINCEPE** :

Domingo
Matinée, a pedido, ás 15 horas
: **MARIDOS ALEGRES** :

À noite
AMORES DE PRINCEPE

Após um interregno de alguns meses, surgem anúncios referentes já à programação mista da Empresa do cinematógrafo e que a refere minuciosamente, como é o caso dos três seguintes de 7, 14 e 21 de Novembro de 1914.

TEATRO SOUSA BASTOS

HOJE - 7 de novembro, ás 20 horas HOJE

SOIRÉE DA MODA

Programa:

I. PARTE

1. *Ouverture*, pelo quarteto.
2. Exibição do drama em um prologo e 4 actos, *Princesa Bedford*.
3. 2.^a apresentação dos celebres duetistas franco-brasileiros *Gercoll's*, reis do *Maxixe brasileiro*.

II. PARTE

4. *Ouverture* pelo quarteto.
5. *Domadores de cavalos*, fita natural.
6. *Melodia* Rubstein
Scherzo Oeons
(Solo de violoncelo pelo sr. Mauricio Indias.)
7. Estreia do grande *film* dramatico, em 5 actos, 2.500 metros - *Ultima dança*.
8. 2.^a apresentação dos celebres *Gercoll's*.

TEATRO SOUSA BASTOS

HOJE 14 de novembro, ás 20 horas HOJE

SOIRÉE DA MODA

Programa:

I. PARTE

1. *Ouverture*, pelo quarteto.
2. Ultima exhibição da fita comica, de grande successo, em 2 actos, com 1.000 metros, *Amigo Levy*.
3. Estreia do *film* de arte, em 2 actos, com 1.000 metros, *Novela do papá*.
4. Despedida dos aplaudidos artistas *Gercoll's*, reis do *Maxixe*.

II. PARTE

5. *Ouverture* pelo quarteto.
6. *Praias Stalianas*.
7. Solo de violoncelo pelo apreciado artista Mauricio Indias.
8. Estreia do *film* de grande sensação, em 4 actos, com 2.000 metros, *Redenção do Nand*.
9. 3.^a apresentação das artistas *Les Mascotes*, nos seus famosos trabalhos em argolas e trapessio.

TEATRO SOUSA BASTOS

HOJE 21 de novembro, ás 20 horas HOJE

SOIRÉE DA MODA

Programa:

I. PARTE

1. *Ouverture*, pelo quarteto.
2. Estreia do *film* com 1000 metros, em 2 actos, *Sangue de cigano*.
3. *O travesso*.
4. *Kri-kri e os sapatos da creada*.
5. *Les Reguinis*, duetistas comicos. *O Jongo*, cantado e dançado.

II. PARTE

6. *Ouverture*, pelo quarteto.
7. *Quedas das montanhas*.
8. a) *Le Signe*, Saint-Saëns.
b) *Filouse*, Dunkler.
(Solo de violoncelo pelo distinto artista Mauricio Dias.)
9. Estreia do *film* de grande aenação em 4 actos, com 2000 metros, *Lobos do mar*.
10. Despedida dos celebres *Les Reguinis*, que apresentarão o numero de extraordinario successo, *grande Fatima comica*, com bailados arabes.

O quarteto, sob a direcção do distinto maestro Tomás de Lima, tocará, entre outros, os numeros seguintes:
Solar dos barrigas, C. Cardoso.
Sardana (da opera *Galin*), Breton.
Alto Minho (rapsodia), S. Morais.

Quando alguma fita de maior sucesso ou mais esperada se exhibia, por vezes um anúncio noticiava-a exclusivamente como é o caso dos seguintes a 19 de Dezembro de 1914: *Fim da mão negra* e a 2 e 9 de Janeiro: *Vida pelo Rei*.

GAZETA DE COIMBE

TEATRO SOUSA BASTOS
HOJE Sabado, 19 de dezembro HOJE
O fim da mão negra

Teatro Sousa Bastos
Para breve o *film* de grande sensação
VIDA PELO REI
em 1 prologo e 4 actos, que tem cau-
sado enorme successo

Outros ainda publicitavam estrelas ou troupes, *Angelina Mitre* a 23 de Janeiro, e as *Sisters Sturla* a 30 de Janeiro de 1915 - últimos anúncios da empresa Carvalho e C^a, dissolvida pouco depois.

GAZETA DE COIMBRA

Teatro Sousa Bastos
HOJE HOJE
Estrela da celebre cançonetista a grande voz
Angelina Mitre
que tanto successo obteve no TRIANON, de Madrid
Beleza! Arte! Elegancia!

GAZETA DE COIMBRÁ, de 30 de Janeiro

Teatro Sousa Bastos
HOJE HOJE
Estrela do maior numero de sensação, da epoca
SISTERS STURLA

Apenas cerca de um ano depois voltam a aparecer anúncios à programação do Teatro Sousa Bastos na imprensa, sob a gerência de José Guilherme dos Santos, sendo o 1º de 23 de Fevereiro de 1916, poucos dias após a reabertura do teatro, que ocorrera a 17 de Fevereiro. Será aliás este empresário o que mais anúncios contrataria com a *Gazeta de Coimbra*, em relação ao pequeno período da sua gerência, sendo o último de 27 de Maio.

23 de Fevereiro de 1916

Teatro Sousa Bastos
Cinematographo e Variedades

Hoje Têm ESTREIAS Hoje

ESTREIA do
Trio Marcelino
Nos seus litteraesos lúdicos desluzes!
Verdaderamente aequal ao seu genero!

ESTREIA do grandioso ludo d'arte em 4 actos da musica Tiler d'ita

**** Tereza ****
Interpretada pelos incomparáveis
artistas Fernando Barilieri, Gustavo Novelli
e Alberto Cella

ESTREIA dos filmes com aspectos
de guerra

A caminho das trincheiras
Actualidades - Gaumont n.º 23

ESTREIAS dos filmes comicos

**Garções
expontaneas**
Curioso trabalho cinematografico!

Cafino, campido de box

26 de Fevereiro de 1916

+ HOJE +
Teatro Sousa Bastos
CINEMATOGRAFO e VARIETES

2.ª apresentação de
Pette Fougère
A mais nova BILHETA que se tem apresentado
em Portugal da Coimbra

2.ª edição de filmes de guerra
Segredo de Estado
(Serie d'Quero)

Notas do Miado HOJE ESTREIA

Actualidades-GAUMONT n.º 17
ESTREIA **Assuntos de guerra**

2.ª apresentação de
Les Bellini
O melhor numero que tem vindo a Coimbra
GRANDE EXITO!

2.ª edição de filmes em 2 partes, com LTM metros
Bravo, Escoceses!
Trabalho de palcete actualidade

Carnaval de 1916
O carnaval CHIC DE COIMBRA
é deslumbrante espectacular!

1 de Março de 1916

Teatro Sousa Bastos
Companhia de Teatro Nacional do Porto

Nos dias 11, 12 e 13 de Março

Com as seguintes peças:
+ AMOR +
(REVISTA)

*** BRAZILEIRO PANCRACIO ***
(PARÇA)

SEGREDO DA MORGADA
(OPERA)

Exid desde já aberta a assinatura
no escritório do Teatro

11 de Março de 1916

Teatro Sousa Bastos

HOJE - SABADO, 11 - HOJE

1.ª recita de assinatura
pe la companhia d'opere e revista
Lus

Teatro Nacional do Porto
dirigida pela entandao actor OLIVEIRA

GRANDE SUCESSO!!!
A fantasia-revista em 3 actos e 13 quadros
AMOR
32 numeros de musica 32
Orchestra completa do Porto

AMANHÃ - DOMINGO
A opereta de costumes populares
O BRAZILEIRO PANCRACIO

Na SEGUNDA FEIRA, 13
A opereta em 3 actos
O Segredo da Morgada

Os bilhetes encontram-se á venda
na bilheteria do Teatro

Quinta-feira

25 de Março de 1916



29 de Março de 1916



5 de Abril de 1916

A sua fidelidade, de Lisboa, e custa \$70 em brochura e \$90 encadernado.

TEATRO SOUSA BASTOS
HOJE - Sabado, 5 de Abril HOJE

Estreia do film policial - *Arvore do Mal* - drama em 4 actos.
Estreia da pellicula comica - *Concurso de tiro*.
Estreia do film com assuntos da guerra - *Actualidades 51*.
Estreia da pellicula comica de grande exito - *Novo Farman*.

4 - ESTREIAS - 4

Amanhã, 6 de Abril
Estreia da *pareja de ballets*, internacionais - **LOS COSMOPOLITAS** - que vem directamente do **Theatro Price**, de Madrid.
Estreia do fenomenal artista **Al Faro**, ventriloquo e transformista.

**Exito sem equal!!!
Sucesso Incomparavel!!!**

A Canção de Portugal

12 de Abril de 1916

TEATRO Sousa Bastos
Hoje Quarta-feira, 12 Hoje

3.ª Apresentação de Mary Bruni
que tanto successo tem alcançado neste teatro

MARY BRUNI
que a empreza conseguiu apresentar ao publico de Coimbra, é considerada em Hespanha, Italia e America, como a primeira no seu genero

A artista predilecta das senhoras
Graciosidade,
rica e bela apresentação

Cervejaria Central
Fabrica de Refrigorantes

15 de Abril de 1916

Teatro Sousa Bastos
HOJE — Sabado, 15 — HOJE
PENULTIMO ESPECTACULO
em que entra
Mary Bruni
Los Cosmopolitas (despedida)
Nosceaini:
ACTUALIDADES — 2
SUA ALTEZA, comedia em 2 actos
O ESPIA DO INIMIGO, drama em 2 actos.

22 de Abril de 1916

Teatro Sousa Bastos
HOJE — Sabado, 22 — HOJE
Estrela do trio
THE MOULIN'S
Bailarinos comicos excentricos, grande
exito do Saldo Foz de Lisboa
No ecrain, as pelliculas:
O REI AZUL, drama em 4 actos.
ACTUALIDADES 3, assuntos da guerra.
O BOCEJO, film comico.
ENEM, SOS! comedia em 2 actos.

29 de Abril de 1916

Teatro Sousa Bastos
HOJE Sabado, 29 — HOJE
1.^a apresentação da gentil bailarina
Lolla Gironex
BELEZA, ARTE e ELEGANCIA
Enorme successo do Saldo Foz, de Lisboa
Assumpta Spina
Film d'arte interpretada por
Francisca Bertrini
Corrida de Automoveis Sportiva
METEMPSICOSES Colorida
ACTUALIDADES 26 Assuntos da guerra

17, 20, 27 e 30 de Maio de 1916

Teatro Sousa Bastos
3 — Rectas de assinatura — 3
Nos dias
2, 3 e 4 de Junho de 1916
PELA
Grande Companhia de Comedia
DO
Teatro do Ginasio de Lisboa
Com as peças:
O Senhor roubado
Comedia em 3 actos
O manequim
Comedia em 4 actos
O Pae do Regimento
Comedia em 3 actos
Sorôr Mariana
Original sem acto
do illustre escritor JULIO DANTAS

Com Luís Lomas os anúncios não diferem de aspecto ou esquema, mantendo-se a opção de publicitar a programação das *soirées* da moda, destacando-se do mesmo modo alguns anúncios com fotografias, ou com programação para vários dias.

O 1º é publicado na véspera da sua inauguração, isto é a 30 de Setembro de 1916, mantendo-se uma publicidade "cerrada" durante a gerência, apesar dos tempos difíceis que o país atravessava, e da publicidade que normalmente era feita por pregões na cidade.

30 de Setembro de 1916



Teatro Sousa Bastos
Amanhã — DOMINGO, 1 — Amanhã

1. Sinfonia.
2. *Gaumont n.º 24*, actualidade. (Natural.)
3. *Nocturno de Chopin*, 1.ª parte.
4. Idem, 2.ª parte.
5. Idem, 3.ª parte.

Intervalo de 15 minutos

1. Sinfonia.
2. *Nocturno de Chopin*, 4.ª parte.
3. Idem, 5.ª parte.
4. Idem, 6.ª parte.
5. *Casa de Mabel*, comica.

Na segunda-feira oito surpreendentes estreias

Quarta-feira, primeiro dia de moda, grandes e surpreendentes atrações :

Os espectáculos principiam ás 9,15

4 de Outubro de 1916



TEATRO Sousa Bastos
HOJE HOJE
Quarta-feira, 4
SOIREE DA MODA

Programa

1. Sinfonia, pelo quinteto.
2. *Ainda 2.ª parte*, com 3 partes.

Intervalo de 10 minutos

1. Sinfonia.
2. *Arquibancas 33*.
3. *Jane Mancera*, comica.

Intervalo de 10 minutos

1. Sinfonia.
2. *Sinhá Margarida*, com 15 cantos, 1.ª parte.

O espectáculo começa ás 21,15

7 de Outubro de 1916

TEATRO SOUSA BASTOS
TODAS AS NOITES, ÀS 21 HORAS

Sábado, 7 de Outubro	Domingo, 8 de Outubro
Programa	Programa
<ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. Maldição paterna, 1ª parte. " " " " 2ª " " " " " " 3ª " " Princesa Fingida, comica. <p>Intervalo de 10 minutos</p> <ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. Actualidades 2ª. Festa de viagem, comica. Intervalo de 10 minutos. <ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. Santa Margarida, com mang. grande orquestra. 	<ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. A vida de um dia, 1ª parte. " " " " 2ª " " " " " " 3ª " " " " " " 4ª " " <p>Intervalo de 10 minutos</p> <ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. A vida de um dia, 2ª parte. " " " " 3ª " " " " " " 4ª " " <p>Intervalo de 10 minutos</p> <ol style="list-style-type: none"> Sinfonia para teclado. Santa Margarida, com mang. grande orquestra.
<p>Segunda-feira: Folia dos reis. Não haverá comico e orquestra LES FLURES.</p> <p>Brevemente: NITA FALSON, CARMEN VICENTE e ERIG MARCELINO.</p>	

18 de Outubro de 1916

TEATRO SOUSA BASTOS

HOJE Quarta-feira HOJE

A grandiosa fita em 6 partes, com 2500 metros

Manobras navais pela marinha de guerra portuguesa

'Estrela da formosa cançonista espanhola

Alfonso Gileles

11 de Outubro de 1916

Teatro Sousa Bastos

HOJE — Quarta-feira, 11 — HOJE

Espectaculo da moda

- Sinfonia.
- Actualidades 1ª.
- Herói sonhado, 2ª parte.
- " " " " 2ª " "

Intervalo de 10 minutos

- Sinfonia.
- A dama da borboleta negra, 1ª parte.
- Idem, 2ª parte.
- Idem, 3ª " "

Intervalo de 10 minutos

- Sinfonia.
- Les flores duetista, comico e La petite flor.

Brevemente novas estreias

No dia 18 de Outubro

Grandes manobras navais

Fita oficial em 6 partes, com 2.500 metros

Desde já se marcam bilhetes no escritorio deste teatro, desde as
: : : 11 da 17 horas : : :

Os espectaculos principiam ás 9,15

25 de Outubro de 1916

TEATRO SOUSA BASTOS

BREVEMENTE

A grande companhia de opera comica e opereta, a melhor que tem vindo a Portugal

Caracollo Scognamiglio (CARAMBA)

com o mesmo elenco de artistas que habitualmente se encontra no Coliseu de Recreio de Lisboa

Está aberta a assinatura no escritorio deste teatro para 4 rodadas com as peças de grande sucesso

O Coesaco
Casta Suzana
Gheleha e
Adeus, Moçidade

28 de Outubro de 1916

8 de Novembro de 1916

TEATRO SOUSA BASTOS
Sensacionais espectáculos

Programa de hoje	Amã	Segunda-feira
1. Sinfonia 2. Actualidades 3. Detective Kelly, 1ª parte 4. " " " 2ª " " 5. " " " 3ª " "	1. Sinfonia 2. Actualidades 3. O rapido em perigo, 1ª parte 4. " " " 2ª " " 5. Amor serio, comica	1. Sinfonia 2. Actualidades 3. O Fogo, 1ª parte 4. " " " 2ª " " 5. " " " 3ª " " 6. " " " 4ª " "
Intervalo de 10 minutos	Intervalo de 10 minutos	Intervalo de 10 minutos
1. Sinfonia 2. Trio Juliet 3. Trio Marcelino	1. Sinfonia 2. Trio Juliet 3. Les Jarques	1. Sinfonia 2. Trio Juliet 3. Les Jarques
Intervalo de 10 minutos	Intervalo de 10 minutos	Intervalo de 10 minutos
1. Sinfonia 2. Les Jarques, escentricos comico musical	1. Sinfonia 2. Trio Marcelino, despedida de tres famosos artistas	1. Sinfonia 2. Nita Falson, estrêlo

Segunda-feira, a pedido do numerozo publico se exhibira a monumental pellicula em 4 partes, 2500 metros **O FOGO**, extraida do romance de Gabriel d'Anunzio.

Teatro Sousa Bastos
Realizam-se nos dias
13, 14, 15 e 16 do corrente,
4 grandiosas recitas, pe-
la companhia de opereta
e opera comica : : : :
Caracciolo Scognamiglio
(CARAMBA)
com as seguintes peças
de incontestavel successo
O CASSINO CABE
SUZANA, GELISSE,
AS EUS, MOCOSAS

13 de Janeiro de 1917

20 de Janeiro de 1917

THEATRO DE LAUMORA, de 12 de Janeiro de 1917

Teatro Sousa Bastos
Surpreendente espectáculo da moda



ESTREIA de film de telecine em 2 actos
A Ruina de Manley

ESTREIA de film dramatico em 1 acto
O pequeno vigia lombardo

Les Clowns Notaveis malabaristas e equilibristas a transformação

O celebre docto Nelo Americano **Troca-Breccial**
governa o meu unico Bala

Phox Em piano tributo, esta notabilissima bal-
luna operística

A grande, sorprendente, eppendite, unica **Socialitez**
por esse género

TEATRO SOUSA BASTOS
HOJE - Sábado - HOJE
SOIREE ELEGANTE
A fim de grande sensação
O POETA E MULHER

Trio The Gliss
Notaveis ciclistas comicos

José Avellino
Ilusionista portuguez

Irmãs Obiol
Com a bocca mecânica

24 de Janeiro de 1917

TEATRO SOUSA BASTOS
HOJE - Continuação da grandiosa e sensacional pellicula policata em 22 episodios e 44 partes - HOJE

A MOEDA QUEBRADA
13.ª, 14.ª, 15.ª e 16.ª partes - 7.ª e 8.ª episodios

Os quatro partes da MOEDA QUEBRADA, o programa de hoje, ver lazeiramente, é constituído pela fita comica **O affilhado da Victoria** e os numeros **RANULFO** (estrela), **IRMAS OBIOL** (despedida) e **LUCY DE MATHEA** (es-
trela), as colossais pelliculas em series **SOBORNO**, em 19 episodios; **AVEN-
DO CAVALERO KERIGAN**, e os **MISTERIOS DO HAREM** em 9 episodios.

3 de Fevereiro de 1917

Teatro Sousa Bastos
 HOJE: 3 de Fevereiro de 1917: HOJE

ESPECTACULO DA MODA
 Ordem do espectáculo

1. Sinfonia.
2. Actualidades.
3. Abnegação de Riogim.
4. A frescura de Columbino, comica.

INTERVALO

1. Sinfonia.
2. Rose d'Avon.
3. Tocha Brasileira.
4. Maja de Goya.

BREVEMENTE:
 Pilar Alonso, Petite Gomas, Gus Jeralvala, Maria Albareda e o Trio Marcelino.

7 de Fevereiro de 1917

Teatro Sousa Bastos
 Dirigido por LUÍZ LOMAS
BREVEMENTE

SUBORNO
 O maior salto cinematográfico da actualidade

19 quadros - 88 partes
 Letr. no Diário Nacional e Suborno
 com este título.
 Argumento desenvolvido.

17 de Fevereiro de 1917

Aventuras de Keyson
 Letr. e argument. no jornal O DIA

TEATRO SOUSA BASTOS
 BREVEMENTE

O SUBORNO
 Letr. e argument. no Diário Nacional

28 de Fevereiro de 1917

TEATRO SOUSA BASTOS
 HOJE: Quarta-feira: HOJE

ESPECTACULO DA MODA

A fita em 4 actos
Oheri Bibi
 Este film, de verdadeiro successo, foi extrahido dum romance, que andou em publicação no *Diário de Noticias*

4 numeroes de variedades

Josefina Brown
 Excentrica

Felagán y Seotlanita
 Ballarinos

ANDERS
 Jongleur

La Radium
 Ballarina

3 de Março de 1917

TEATRO SOUSA BASTOS

2: Únicos espectaculos: 2
 PELA GRANDE COMPANHIA DE REVISTA E OPERETA

HOJE - A saziada revista - HOJE
Bota-abaixo
 Em 5 quadros, do actor Martin dos Santos, com musica do maestro Manuel Figaredo

Amanhã, domingo
Está-se nas tintas
 Revista em 7 quadros, do ars. Waldemar de Almeida e H. D., musica dos maestros Artur Silva e Julio Pontes

Magnificos scenarios. Vistoso guarda-roupa.

10 de Março de 1917

TEATRO SOUSA BASTOS
BREVEMENTE
A filha do circo
Interpretada pelos estimados artistas
d'A MOEDA QUEBRADA
Lucile, Hugo, Polo e Sancho

24 de Março de 1917

Teatro Sousa Bastos
HOJE Quarta-feira HOJE
Grande Soirée da Moda
Continuação do film de
verdadeiro successo
SUBORNO
2.ª e 3.ª séries
4.ª apresentação da simpá-
tica e formosa comple-
tista espanhola
Rosita Rodrigo

14 de Março de 1917

HOJE : Quarta-feira 14 de Março de 1917 : HOJE
TEATRO SOUSA BASTOS
A filha do circo
REBANÇA FATAL, 2.ª série. MAIS QUE PERIGOSO, 3.ª série. 4 actos

28 de Março de 1917

Teatro Sousa Bastos
HOJE: QUARTA-FEIRA: HOJE
Grande Soirée da Moda
A monumental película da
Serie D'ouro, em 4 actos
O FOGO
Criação da celebre actriz PINA
MENCHETTI e do grande
actor PEDRO MARI
Despedida da formosa
cançonetista
ROSITA RODRIGO
Arte! Encanto! Enlevo!
Ultima apresentação
Brevemente grande novidade

11 de Abril de 1917

Teatro Sousa Bastos
 BREVEMENTE
 A GRANDE COMPANHIA DE REVISTA E
 OPERETA DO
 Teatro Apolo de Lisboa
 COM AS PEÇAS DE GRANDE SUCESSO
De alto a baixo
 REVISTA
O CHICO DAS PEGAS
 OPERETA
Folha corrida
 REVISTA
Amores em Coimbra
 OPERETA
 Está aberta a assinatura
 para estas 4 recitas até
 : ao dia 20 do corrente:

18 de Abril de 1917

TEATRO SOUSA BASTOS
 Companhia do Teatro Apolo de Lisboa

NO DIA 27 Chico das pegas Opereta	NO DIA 28 AMORES EM COIMBRA Opereta
NO DIA 29 Folha corrida Revista	NO DIA 30 D'alto abaixo Revista

Estas peças tem obtido o maior êxito não só nos teatros do país como nos do Brazil, onde foram muito aplaudidas.

25 de Abril de 1917

Teatro Sousa Bastos
 Nos dias 27, 28, 29 e 30
 4 RECITAS DE ASSINATURA
 PELA COMPANHIA DO
 TEATRO APOLÓ de Lisboa
 COM AS PEÇAS DE SUCESSO
O CHICO DAS PEGAS
 OPERETA
Amores em Coimbra
 OPERETA
Folha corrida
 REVISTA
De alto a baixo
 REVISTA

2 de Maio de 1917

Teatro Sousa Bastos
 Sexta-feira, 4 de Maio de 1917
Recita de gala dos estudantes de Medicina
 Com a peça em 4 actos de Fernando Correia
A SOMBRA DE ESCULAPIO
 Musica de Maximino Correia, Carlos Clímaco e F. C.
 Scenario de Saul d'Almeida e Abel Eizen

A empresa que se seguiu a Luiz Lomas, G. Lemos e Santos publicou dois únicos anúncios, relativos à Troupe Guingnol e à fita *A Culpa*.

2 de Junho de 1917



9 de Junho de 1917



A empresa Abreu, Cabral e Lemos, obviamente, não publicou nenhum.

Relativamente à actividade dos anos 20, não foram encontrados quaisquer anúncios publicados no jornal. Encontraram-se si, no Arquivo Distrital de Coimbra, alguns programas impressos em forma de pagela, para distribuição, no espólio referente ao Governo Civil de Coimbra, visto que aí eram submetidos à devida aprovação. Distam dez anos dos últimos reclames publicitários, facto que se relaciona naturalmente com a inexistência do arquivo anterior a 1927, no que se refere a licenças para espectáculos.

São estes programas referentes às actividades no Recreatório Ozanan, promovidas por várias entidades - União Operária de Coimbra, União Football Club, ou até mesmo particulares, como a pianista Emiliana Salgado.

14 de Novembro de 1927

RECREATORIO OZANANN
ANTIGO THEATRO SOUSA BASTOS

Segunda-feira, 14 de Novembro de 1927
As 9 1/2 horas

Atrahente serão dramatico
promovido pelo
UNIAO FOOT-BALL COIMBRA CLUB
com a peça de enorme successo

OS FILHOS DO SALTIMBANCO
admiravel interpretação de
A. Ferreira, C. Pio, J. Pera, J. Horta,
A. Ferreira, Artur Sobral,
Mario Sobral, D. Melo, Guimarães, J. Melo

PORTUGAL 1833

ACTOS: — 1.º Duas historias tristes;
2.º Os Saltimbancos;
3.º Uma ideia do Estaca; 4.º O dedo de Deus

Encenação de A. Almeida. Maquinista, J. Villas.
Ponto, J. Peralis. Guarda-roupa
e cabeleiras da Casa Valverde, do Porto.

Magnifica orquestra composta de 30 executantes
da Tuna do Ateneu Commercial

Segunda-feira, 14 — Os Filhos do Saltimbanco

PREÇOS. Camarotes de 1.ª ordem, frente, 30000; lado, 25000; ídem, de 2.ª ordem, frente, 25000; lado, 20000; ídem, 3.ª ordem, 12000. Fautonils, 8000; Cadeiras, 5000; Geral, 3500 e Galerias, 2800.

Coimbra, Tip. União de Ferreira & Serra

18 de Dezembro de 1927

RECREATORIO OZANANN
(Antigo Teatro Sousa Bastos)
Domingo, 18 de Dezembro de 1927
(As 21 horas)

Festa artistica do Grupo Musical Recreativo
de Coimbra em que toma parte o mais dis-
tinto Grupo Dramático desta cidade.

PROGRAMA

1.ª PARTE
Pelo Grupo Musical

1.º — Hino do Grupo.
2.º — 18 de Abril (Marcha).
3.º — Sullinea (Troço de ópera).
4.º — Buranata (Troço de ópera de Schubert).
5.º — Fábula de Alchiberrita (vals).
6.º — Hino do Grupo.

2.ª PARTE
A esgrapada comédia em 1 acto

O Comendador Aleixo

PERSONAGENS:

Mauricio de Figueiredo, conselheiro	A. Coelho
O Comendador	A. Ferreira
Américo Carrão, fidalgo	J. Horta
Frederico, seu irmão	J. Almeida
O Barão d'Amora	N. W.
A filha do Barão	N. W.
1.ª servizal	E. Guimarães
2.ª servizal	N. W.
Um criado	D. Melo

ACTUALIDADE

3.ª PARTE

?!?

4.ª PARTE
A farsa de grande gargalhada em 1 acto

POUCA VERGONHA

PERSONAGENS:

Dr. Venancio	A. Coelho
Vicente, encanador	C. Pio
António — filho do Venancio	Artur Sobral
Augusto	Mario Sobral
Dr. Faria, médico alienista	A. Ferreira
Dr. Afrida, médico homopata	J. Almeida
Conceição, criada	Leone Rodrigues

ACTUALIDADE

Camarotes de 1.ª ordem: De frente, 25000; de lado, 20000.
Camarotes de 2.ª ordem: De frente, 20000; de lado, 15000. Ca-
marotes de 3.ª ordem, 12000; Fautonils, 7000; Cadeiras, 5000;
geral, 3500; galarias, 2800.

12 de Fevereiro de 1928



Recreatório Ozanam

(Antigo Teatro Sousa Bastos)

Domingo, 12 de Fevereiro

Às 8 e meia horas da noite

FESTA DE CARIDADE



PROGRAMA



III Parte
TRINDADES
(DIÁLOGO)

DA EX.^{ma} SR.^a D. MARIA HELENA DE LACERDA
E DO EX.^{mo} SR. DR. MATOS CHAVES

MUSICA DO EX.^{mo} SR. RAPOSO MARQUES

Isabel D. ISABEL AUGUSTA BENEVIDES AIRES
Caminheiro EX.^{mo} SR. HEITOR RAMALHO QUINTAS
Uma voz D. MARIA DE LOURDES REIS ALBUQUERQUE
Outra voz EX.^{mo} SR. SERRANO BATISTA

COROS DE ROQUEIROS

COROS

O Alecrim DR. COUTINHO D'OLIVEIRA
Móro é belra do Mar TOMAZ DE BORDA
O' Sole mio (Tradução do Italiano) E. DI CAPUA
Caçador RAPOSO MARQUES
Embaló ARMANDO LEÇA

Pelas Ex.^{mas} Senhoras: D. Maria Helena Serras e Silva, D. Maria Virginia Ferreira de Almeida, D. Ana Lobo Portugal Sanches de Moraes, D. Maria da Conceição Vaz Serra, D. Idalina Correia, D. Cesalina Machado, D. Maria Teresa Pires de Figueiredo, D. Maria de Lourdes Xavier, D. Maria Leocadia Machado e D. Ana Lobo de Portugal

Pelas Ex.^{mas} Senhoras: Rui de Almeida, Alvaro Silvano, Eduardo Amorim, Lacerda Negre, Serrano Baptista, Duarte de Oliveira, Vieira de Carvalho, Manuel José Cardoso, Baptista Borges, Prellas Ribeiro, Benito de Melo, José Cristo.

I Parte
PELA TUNA ACADÉMICA

Oenill Batalillon (Marcho) MONTE
Serenade oriental GANGLOFF
Sullie Portuguesa (1.^a) RUI COELHO
N.^o 1 — Dança
N.^o 2 — Fado
N.^o 3 — Chula
The Gladiator JOHN SOUSA

II Parte

NO SEGUNDO IMPÉRIO
(QUADRO)

Pelas Ex.^{mas} Senhoras: D. Maria Teresa Serras e Silva, D. Maria Domingas Benevides Aires de Azevedo, D. Maria Virginia Ferreira de Almeida, D. Ana Lobo Portugal Sanches de Moraes, D. Maria da Conceição Vaz Serra, D. Idalina Correia, D. Maria Helena Xavier, D. Paula Ponce de Leão e D. Maria Elisa Guerra Pinheiro.

HORA MÍSTICA
(IDADE MÉDIA, QUADRO)

Pelas Ex.^{mas} Senhoras: D. Maria da Conceição Vaz Serra, D. Maria da Conceição Serodio, D. Maria Teresa Pires de Figueiredo, D. Maria de Lourdes Xavier.

MUSICA DO EX.^{mo} SR. RAPOSO MARQUES

RECITAÇÕES

IV Parte
SCENA GREGA
(QUADRO)

Poeta — Ex.^{mo} Sr. Heitor Ramelho Quintas.
Gregas e Gregos — Ex.^{mas} Sr.^{as} e Srs.: D. Margarida Serodio, D. Maria de Lourdes Vaz Serra, D. Cesalina Machado, D. Maria da Conceição Serodio, D. Maria Teresa Pires de Figueiredo, D. Maria Leocadia Machado, D. Maria Elisa Guerra Pinheiro, Domingos James da Costa, Ili de Almeida, Joaquim Leandro, José Picão, Eduardo Amorim, Joaquim de Mendonça.

QUITARRADAS

Toda a parte artistica d'este Sarau, foi confiada ao dilectissimo artista Ex.^{mo} Sr. Fausto Gonçalves e a parte musical ao Ex.^{mo} Sr. Raposo Marques.

18 de Março de 1928

UNIÃO OPERÁRIA DE COIMBRA
 (COM ESTATUTOS LEGAIS)

17210
17210

Ex.^{mo} Sr.

A União Operária de Coimbra tem a honra de convidar V. Ex.^a a assistir à sessão solene comemorativa da sua fundação, que terá lugar no dia 18 do corrente, pelas 14 horas, no Recreatório Ozanam (antigo Teatro Sousa Bastos).

Presidirá Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo-Conde.

Depois de lido o relatório da Direcção, fará uma conferência o muito ilustre Professor da Universidade, Ex.^{mo} Sr. Dr. Oliveira Salazar, sobre o seguinte assunto: Duas economias.

Coimbra, 7 de Março de 1928.

A Direcção.

6 de Maio de 1928

RECREATÓRIO OZANANN :
 (ANTIGO TEATRO SOUSA BASTOS)

DOMINGO, 6 DE MAIO DE 1928
 AS 21 HORAS PREFIXAS

Sarau Comemorativo do 33.º Aniversario do Ateneu Comercial

I PARTE

Execução pela "Tuna do Ateneu",

I — Hino do Ateneu.... F. COSTA
 II — Batherly SOUSA MORAES
 III — Serenade SCHUBERT
 IV — Devaneios PINTO D'ALMEIDA

Regencia de Pinto d'Almeida

II PARTE

Pelo "Grupo Dramatico do Ateneu",

A comédia em 1 acto, original de Julio Gaspar

ESPERTESAS DO SIMÃO

III PARTE

Pela "Tuna do Ateneu",

V — Passo Calle..... PINTO D'ALMEIDA
 VI — Rapsodia de Fados.. CEZAR MAGLIANO
 VII — Aurora PINTO D'ALMEIDA
 VIII — Hino do Ateneu.... F. COSTA

F I M

17 de Junho de 1928



: RECREATORIO OZANAM :
(Sousa Bastos)

17 de Junho

Recita de Caridade

Em beneficio dos belinhos invalidos
do Asilo da Veneravel Ordem
Terceira

14 e 21 de Junho

No dia 16 de Junho

Promovida pela distinta professora diploma-
mada pelo Real Conservatorio de Madrid

Ex.^{ma} Senhora D. Emiliana Salgado

Para apresentação das suas discipulas que
gentilmente se prestam a abrilhantar esta

Festa de Beneficencia

PROGRAMA

1.ª PARTE

- Caridade* Rossini
Coro pelos alunos
- ◆◆
- Pensez d'Automne* Massenet
Os Cravos Pr. Bento Monteiro
D. Adelia Fonseca
- ◆◆
- Serenata «Rimpianto»* Toselli
Canção de Maria Nicolino Milano
D. Guilhermina Gordo
- ◆◆
- «Granada»—Serenata* Alvarez
D. Cecilia Marini

2.ª PARTE

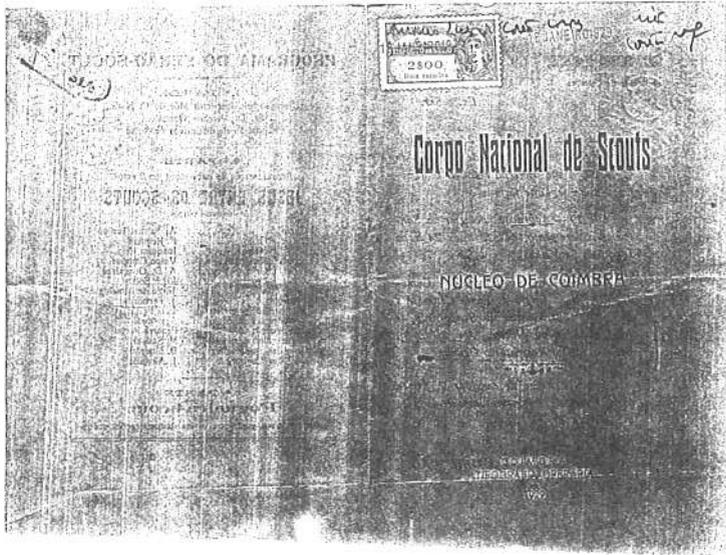
- Palestra sobre a função do canço na vida social
pelo Sr. Dr. Camara Leite
- Fantasia* Pedro Blanco
«Paris» Terindelli
D. Ganinha Aragão
- ◆◆
- «Voi lo sapele o mamma*
—Cavataria Rusticata Mascagni
D. Cecilia Marini
- ◆◆
- Canção do seculo XVIII.* Weberlin
Gigantes y cabezudos —
Romanza Caballero
D. Adelia Fonseca
- ◆◆
- Gioconda — Dueto* Ponchielli
D. Adelia Fonseca e D. Cecilia Marini

3.ª PARTE

- «Marinha»—Bacarola* E. Fouser
Coro pelas alunas
- ◆◆
- «Ritornel vincitore»—Aida* Verdi
D. Cecilia Marini
- ◆◆
- «Addio»—Melodia* Denza
«Aman» Falla
D. Guilhermina Gordo
- ◆◆
- «Madall arido stello» —*
Un ballo in maschera Verdi
D. Adelia Fonseca
- ◆◆
- Sonambula—cavatina.* Bellini
«Cantares» Turina
D. Emiliano Salgado
- ◆◆
- Acompanhamentos ao piano — D. Garmen Salgado

Durante as audições não é permitida a entrada na Sala do Teatro

20 de Novembro de 1929



Relativamente à actividade da Coimbra-Films, encontrámos apenas um programa, referente à exibição de *Capas Negras* no dia 8 de Dezembro de 1929.

Coimbra-Films
Alguns programas às Escolas
e as próprias Famílias
por preços acessíveis a toda a gente.

FILMES DE ENSINO . . . O CINEMA NO LAR

APARELHOS DE PROJEÇÃO ANIMADA
E DE PROJEÇÃO FIXA

CINEMA PARA TODOS

COIMBRA - T.I.P. DA GRÁFICA
COMERCIAL, S. A. LIMITADA

COIMBRA-FILMS
VISTO: COIMBRA
7 DE DEZEMBRO 1929
O Delegado da Inspekção Geral do Teatro

FILMES DE ARTE E FILMES CULTURAIS
APARELHOS DE CINEMA

EXCLUSIVO DAS GRANDES CASAS
Aubert "Etoile-Film"
Pittaluga "European-Film"
S. Huguet "C. U. C."
etc., etc.

DELEGAÇÕES
Lisboa — Porto — Paris — Barcelona
Londres — New-York

AGENCIA. NO. BRASIL

Programa
da
Sessão Inaugural

Conferencia realisada

pele

Ilustre Professor da Universidade de Coimbra.

Ex.^{no} Senhor Doutor Providencia Costa.

DESENHOS ANIMADOS

FILMES CULTURAIS

UM FILME DE ARTE

ADAPTAÇÕES MUSICAIS POR DISTINTOS MAESTROS

NO

TEATRO SOUSA BASTOS

EM

8 DE DEZEMBRO DE 1929

ÀS 15 HORAS

FILME PORTUGUÊS COM PLENO EXITO
NO ESTRANGEIRO

AS CAPAS NEGRAS

COM AS ACADEMIAS DE COIMBRA E DO PORTO

E COM

REGINNE BOUET, N. DUPLESSY, G. DINI, CH. SOV, JORGE INFANTE

E LUIS LEITÃO (Português)

ARGUMENTO

D. Diogo de Albuquerque, símbolo do despotismo, era o cruel Intendente da Polícia de Coimbra, nos tempos de D. João VI. Nesta época espalhavam-se na Academia as novas ideias da Revolução Francesa e o estudante D. Pedro era o caudilho apaixonado dessas ideias liberais. D. Diogo, no meio da sua crueldade, sentia uma grande paixão por sua prima D. Luisa que lhe não correspondia, amando, por sua vez, o estudante D. Pedro, seu antigo namorado. Como Intendente da Policia procura deter à força a agitação crescente da Academia e, para isso, manda prender D. Pedro que se esconde em casa do seu antigo e dedicado Feitor, António Manuel. Rita, a linda iricana, filha do feitor, sentindo, tambem, uma grande afeição por D. Pedro, dispensa-lhe os maiores carinhos. Mas, descoberto o paradeiro de D. Pedro, é preso, pelo próprio D. Diogo que o manda encarcerar numa fortaleza. E, desconfiando dos amores de sua prima com D. Pedro, convida-a a vir a sua casa e, apoz uma violenta discussão, louco de ciume, assassina-a com suas próprias mãos. Depois, para completa vingança, ordena a morte de D. Pedro, seu prisioneiro. Entretanto, a Academia, levantando à frente António Manuel, toma de assalto a prisão, põe D. Pedro em liberdade e, encarcerando D. Diogo no mesmo lugar, lança o fogo a toda a fortaleza, onde morre o bárbaro Intendente da Policia.

Passado tempo António Manuel que adoece depois de tantas coimções, acaba por falecer e D. Pedro enternecido pela pureza do amor de Rita, casa com a linda iricana, filha do seu fiel e dedicado Feitor.

EPÍLOGO

A importância do Teatro Sousa Bastos na vida da cidade, nos primeiros anos do século XX, é bem documentada pelo destaque que merece nas notícias dos jornais, onde igualmente enceta uma inovadora campanha de publicidade, para os padrões da época.

As gerências mais ou menos audazes e empreendedoras programaram a actividade do Teatro Sousa Bastos adequada aos novos tempos, trazendo a Coimbra companhias dramáticas e de revista muito famosas, marcando o panorama cultural da cidade com saraus eruditos (verdadeiros acontecimentos), contratando artistas de renome capazes de suscitar ondas de admiradores, exibindo filmes de sucesso nacional e internacional, por vezes de importação directa. Tinham conseguido atrair a si a sociedade elegante e captar os eventos culturais da urbe - as récitas de estudantes, originar ou agregar-se a iniciativas filantrópicas. O seu sucesso deveu-se também à arquitectura do novo espaço, moderno, requintado e elegante que atraía a *melhor sociedade coimbrã*, a quem oferecia dois cafés, um na rua das Esteirinhas, junto aos escritórios e outro no rés-do-chão, na Rua Joaquim António de Aguiar, para convívio e refrigério nos intervalos dos espectáculos.

A análise desses primeiros anos de actividade revelou, contudo, gerências sucessivas, o que denota dificuldades financeiras, ou pelo menos fracos rendimentos, que relacionamos com alguns factores que jogaram contra o sucesso deste teatro:

Em primeiro lugar, a sua inauguração precisamente no ano em que eclode a Primeira Guerra Mundial, com todas as consequências económicas e sociais que tal facto acarretou nos anos seguintes, criando uma situação de restrição económica que se viveu ao longo da duração do conflito.

Em segundo, a abertura da nova casa de espectáculos despoletou um processo de enorme competição, acérrima rivalidade e oposição por parte do Teatro Avenida, antigo Teatro Príncipe-Real (francamente ultrapassado

no ano de 1915 em relação à exibição de “fitas animatográficas”), que por *todos os meios* tentou aniquilar o seu concorrente. De facto, embora o Teatro Avenida, tivesse uma clientela já sedimentada, a sua gerência tinha consciência de uma séria ameaça ao seu monopólio o que conduziu a uma concorrência invejosa - que de resto já tinha levado à extinção das sessões de animatógrafo na Associação dos Artistas, anos antes.

Por outro lado, pela sua localização, o Avenida era uma casa de espectáculos mais bem situada, mais próxima das novas áreas de expansão urbanas - Bairro de Santa Cruz, Cumeada, Montarroio - em frente do qual passavam todos os carros eléctricos da cidade. O Sousa Bastos - considerado inegavelmente o melhor teatro da cidade, pela modernidade, conforto e elegância - estava contudo localizado entre o Bairro Alto e o Bairro Baixo²⁴⁶, em estreitas ruas medievais, o que actuou desfavoravelmente, pois estava afastado dos circuitos nocturnos dos passeios na Avenida, ou no Parque da Cidade e do jogo da bola no Parque de Santa Cruz - que atraía o quotidiano dos estudantes exactamente para o lado oposto da colina, para a zona em crescimento do Bairro de Santa Cruz.

A história deste teatro é afinal a história da sua propriedade, gerências e arrendatários, marcada desde o início - como vimos - pela concorrência do Teatro Avenida, cuja gerência foi capaz de impor o seu monopólio e consequentemente, criar o vazio durante mais de uma década. Vazio, contudo, não total, pois embora impedido de apresentar espectáculos de cinema e variedades, que tinham constituído o “prato-forte” na década de 10, o Teatro Sousa Bastos assume na década de 20, um papel de relevo na vida cultural e filantrópica da cidade, que nesta casa viu desfilar verdadeiras sumidades no campo da música, tanto nacional como internacional, poetas como Eugénio de Castro. Outras personalidades também por ali passaram,

²⁴⁶ Numa altura em que estas zonas da cidade tinham ainda uma existência quase autónoma, com características sociais diversas, dispendo o núcleo aglutinado em torno da Universidade e da Sé Nova de todos os serviços comerciais necessários, situação que só terminaria com a sua destruição nos anos 40.

nomeadamente de variados e mesmo antagónicos sectores políticos, desde os “rebeldes” anarquistas, ao futuro ditador Oliveira Salazar.

Este edifício constitui a única casa de espectáculos edificada na primeira década do século XX existente na cidade, tendo já atrás de si um passado cultural iniciado com o D. Luís em 1861, e que mantém as características físicas de sala de espectáculos, ainda que arruinadas, pois a disposição interior mantém-se, com restos de mobiliário e decoração - ao passo que o Teatro Avenida foi demolido e o Tivoli se transformou num *supermercado* de roupa.

Os *valores de uso* que adquiriu ao longo da sua atribulada história como casa de espectáculos, os *emocionais* e *culturais* pelo papel que teve nas *histórias* da cidade - relativamente a várias áreas da actividade humana, culturais, de entretenimento, sociais, caritativas, políticas - e que intrinsecamente teceu com a história da cidade no século que termina, são factores que impõem a sua aceção como património cultural. O Teatro Sousa Bastos merece a sua *conservação* do ponto de vista físico e *reabilitação* do seu uso, em nome da história contemporânea de Coimbra. Se não por falta de um teatro municipal, quanto mais não seja porque a construção de um moderno prédio de apartamentos apenas serviria para desvirtuar ainda mais o que resta da Alta coimbrã.

Daqui a poucos anos será já um edifício centenário a merecer algum respeito...e atenção, um olhar focalizado, um dos *close-up* de um filme sobre a memória da cidade...

ADENDA

A REFORMA ARQUITECTÓNICA DOS ANOS 40

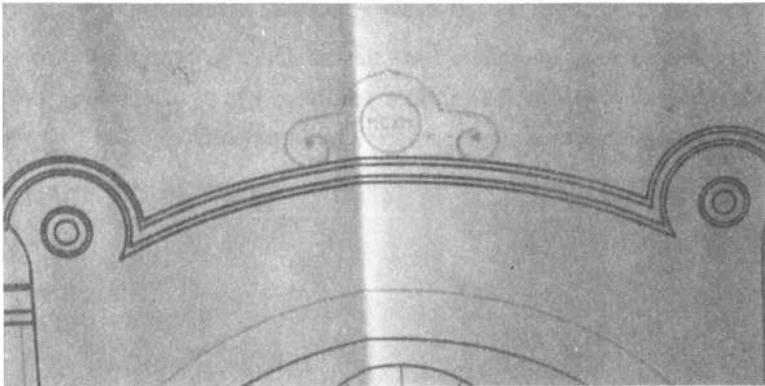
Falaremos brevemente do edifício do Teatro Sousa Bastos, que os contemporâneos da história que tentámos contar conheceram, um pouco diferente daquele que é hoje visível. O seu conhecimento é parcialmente possível graças às poucas fotografias onde o teatro aparece, sempre ocultado na parte inferior pelo casario fronteiro –



e também pelo projecto de remodelação dos anos 40, que nos permite uma leitura lacunar, mas significativa, dos pormenores decorativos e arquitectónicos da sua fachada, datada de 1910, através da habitual indicação a amarelo dos elementos a eliminar.

Esta diferença entre a fachada primitiva e a actual deveu-se, com efeito, à reforma arquitectónica que o teatro sofreu na segunda metade da década de 40, levada a cabo para a sua modernização, actualização do formulário estético e adaptação a sala de cinema - tendo em conta não só as necessidades de colocação de equipamento, como as exigências de projecção das películas com os ângulos ópticos devidos a uma boa visualização - remodelação riscada pelo arquitecto alemão Willi Braun, num projecto datado de Março de 1945²⁴⁷.

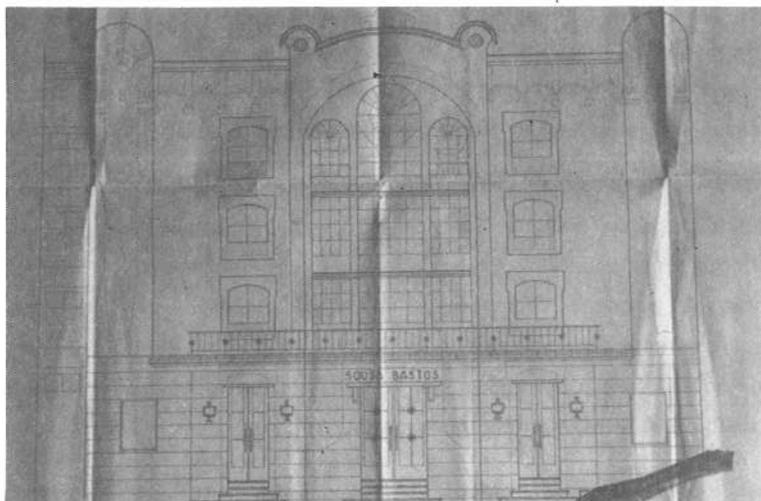
Neste projecto, a fachada principal foi transformada numa actualização da linguagem estética. Em termos de ornamentação e elementos decorativos, pequenos pormenores sofreram alteração, projectando-se o desaparecimento das máscaras teatrais que encimavam as bandas laterais, do galão ou friso que corria sob a cimalha, do pequeno frontão com indicação da data em numeração romana.



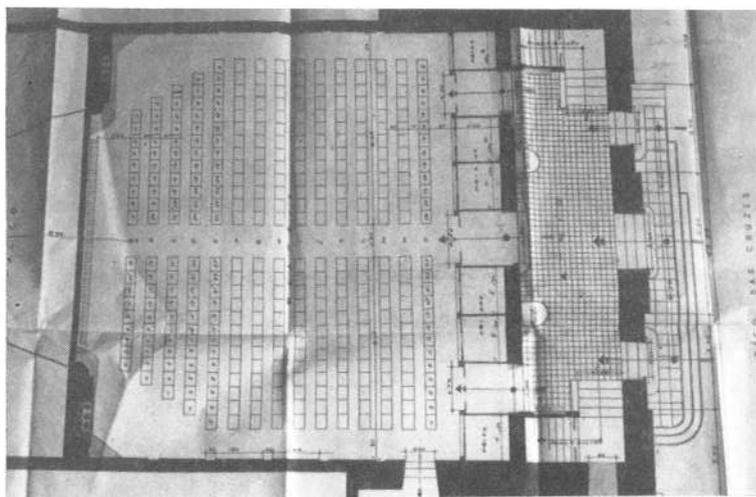
Em termos de vãos, os amplos janelões centrais de modulação radial e curva, davam lugar a um desenho de caixilhos quadriculados, dando o 1º andar acesso a uma marquise com gradeamento.

²⁴⁷ Embora não tenhamos conseguido qualquer registo relativamente a este arquitecto, é possível que se trate de alguém com ligação ao Prof. Paulo Quintela e à Casa Alemã de Coimbra.

No rés-do-chão, a porta para o café²⁴⁸, à esquerda, foi tapada e a fiada de janelas de quatro caixilhos deu lugar a três vãos horizontais de duas folhas, recorrendo ao formulário da arquitectura moderna.

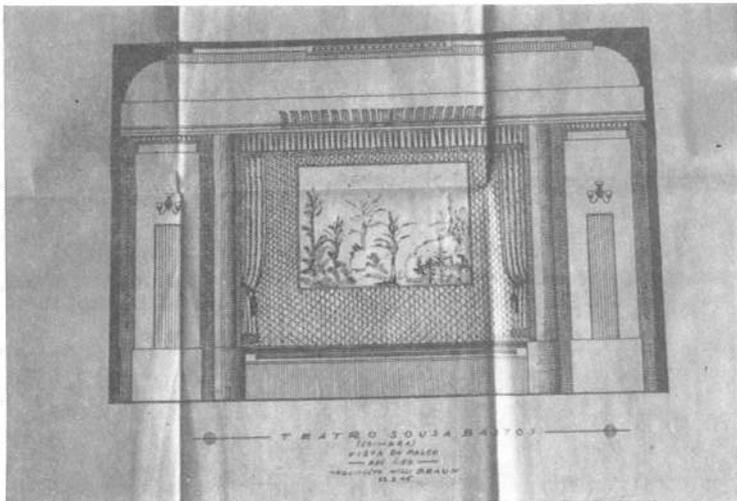
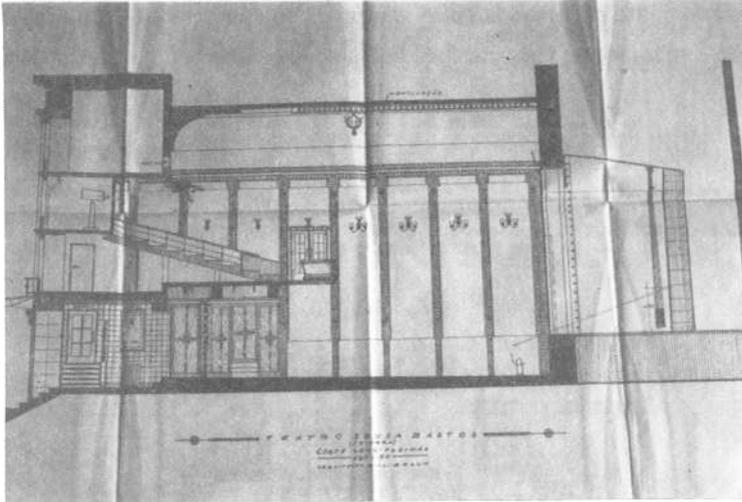


O interior sofreu remodelações mais amplas e estruturais ficando o teatro equipado com plateia, frisas e balcão, e alguns camarotes, em vez das três ordens de camarotes que anteriormente possuía.



²⁴⁸ Cf. Anexo - Documento 6.

A decoração de Willi Braun para as paredes e pano de boca, pauta-se ainda pelo emprego do vocabulário clássico, ainda que depurado, com laivos *Art Déco*, como se verifica pelos desenhos seguintes.



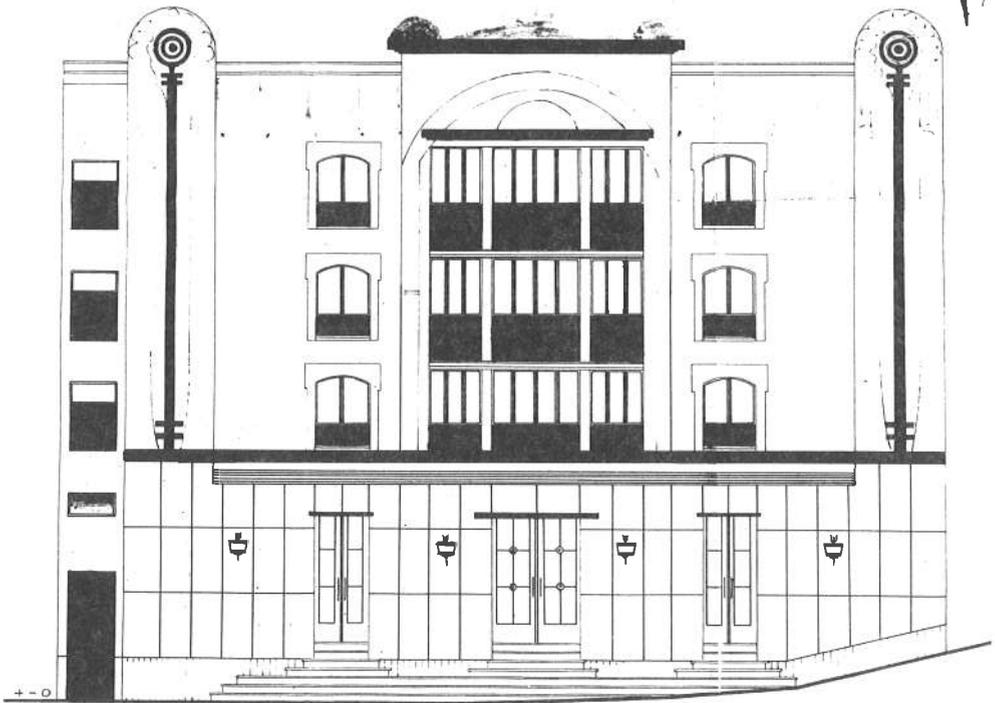
Este plano, contudo, foi ainda alterado, pelo risco do que nos parece ser Alberto ou António Freitas, que adaptou o projecto de Willi Braun a linhas mais modernistas, numa predominância de linhas rectas e horizontalizantes, para que, segundo as suas palavras "o edifício tomasse um aspecto mais

186 - As primeiras décadas de história

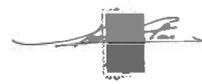
grandioso". Em consonância, a platibanda encimada por pseudo-volutas foi alisada, as bandas laterais viram a sua verticalidade acentuada com a introdução de elementos geometrizarantes ao gosto *Art Déco*; os vãos centrais de recorte curvo, foram substituídos por linhas rectas, os andares mais marcadamente destacados entre si através do fechamento da parte inferior, tendo a modulação das janelas sido igualmente alterada nas caixilharias.

PROJECTO REFERENTE AO CINE-TEATRO
— SOUSA BASTOS —
BECO DAS CRUZES - COIMBRA

APROVADO
Em 21 JUN 1916
o presidente
Albino



FACHADA PRINCIPAL
ESCALA 1:50



No interior foram também feitas alterações, conforme desenhos seguintes, nomeadamente:

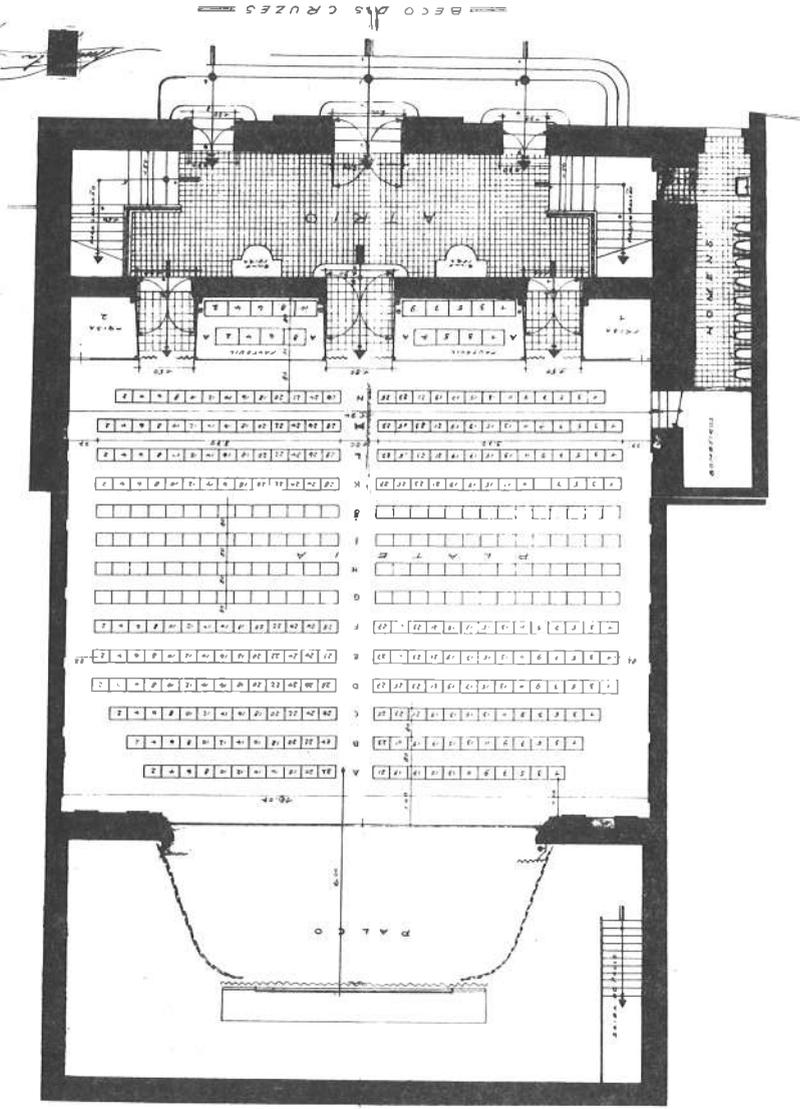
- substituição das paredes das escadas de acesso ao balcão por grades de ferro;
- nova localização das instalações sanitárias dos homens;
- maior distância entre as filas da plateia (reduzidas de A a O para de A a N, num total de 378 lugares²⁴⁹);
- alteração da localização do escritório (que deixou o rés-do-chão para o pavimento sob o balcão);
- elevação do tecto da cabine de projecção para colocação da máquina a nível mais alto e melhoria das condições de projecção e segurança;
- alterações no Bar do primeiro andar cuja porta para o balcão *"foi substituída por um reposteiro para permitir melhor acesso; desaparecimento das escadas de serviço interno para maior largueza do Bar, rectificação da parede do lado da rua; desaparecimento da Tabacaria, dada a sua má localização"*.

Foi esta versão final de 1946 aprovada em reunião camarária de 21 de Novembro de 1946, a realizada, e é esta que ainda hoje subsiste.



²⁴⁹ A lotação total era de 606 lugares: 10 lugares nos camartotes, 190 no balcão num total de 200 lugares ao nível do 1º andar; e 406 lugares ao nível do rés-do-chão distribuídos por 378 na plateia, 18 nos fauteils e 10 nas frisas.

PROJECTO REFERENTE AO CINE-TEATRO SOUSA BASTOS - BECO DAS CRUZES - COIMBRA APROVADO 1.1.1911

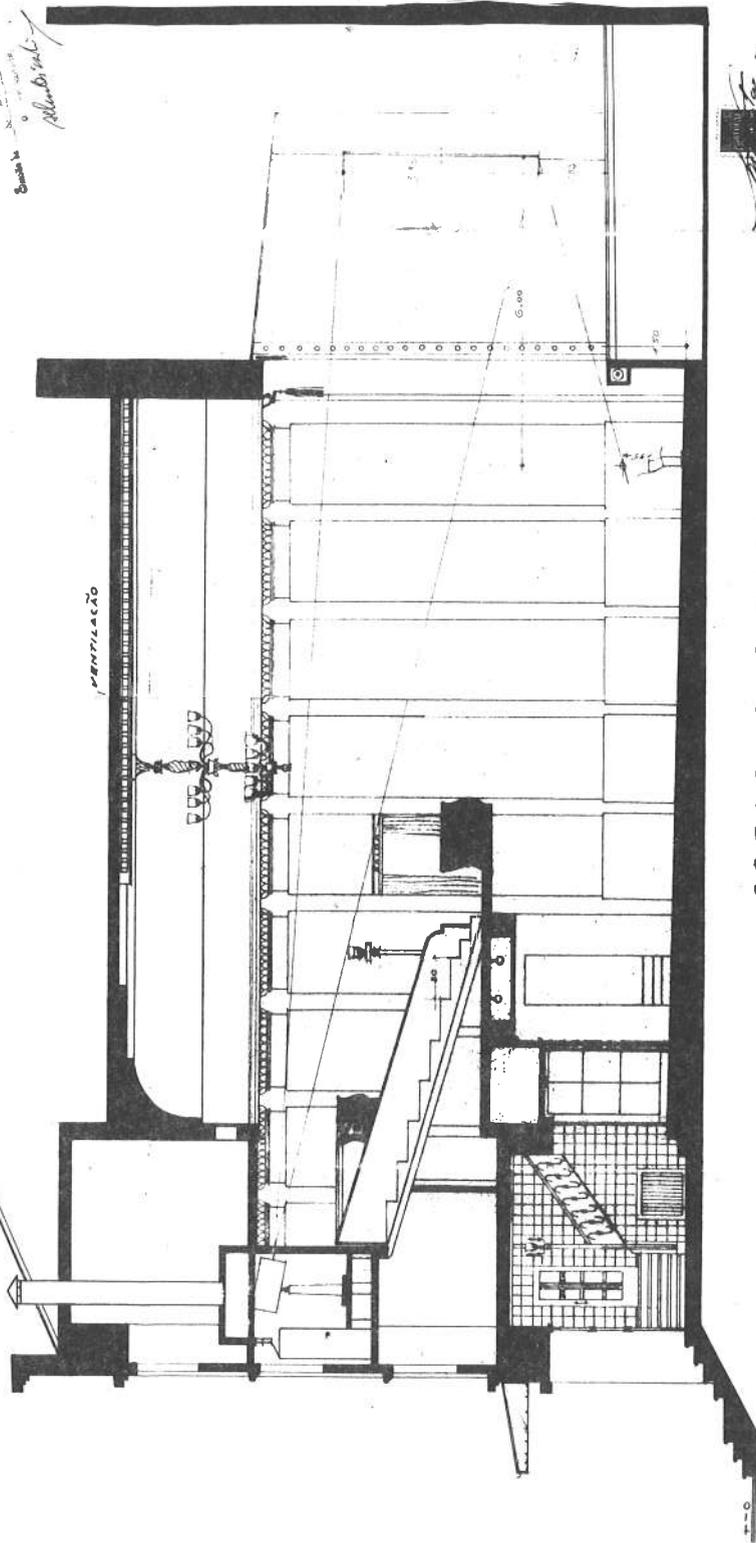


PLANTA DA PLATEIA
ESCALA 1:500

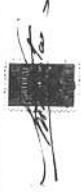
LUGAR DO
MUSEU DO
CINE-TEATRO
Sousa Bastos
1.1.1911

PROJECTO REFERENTE AO CINE-TEATRO "SOUSA BASTOS"
BECO DAS CRUZES, COIMBRA.

Plano nº 11
Escala 1:50
Plumbeiro

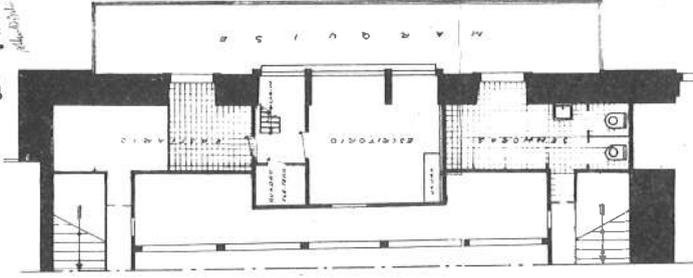


CORTE LONGITUDINAL
ESCALA 1:50



PROJECTO REFERENTE AO CINE-TEATRO SOUSA BASÍOS - BÉCO DAS CRUZES - COIMBRA

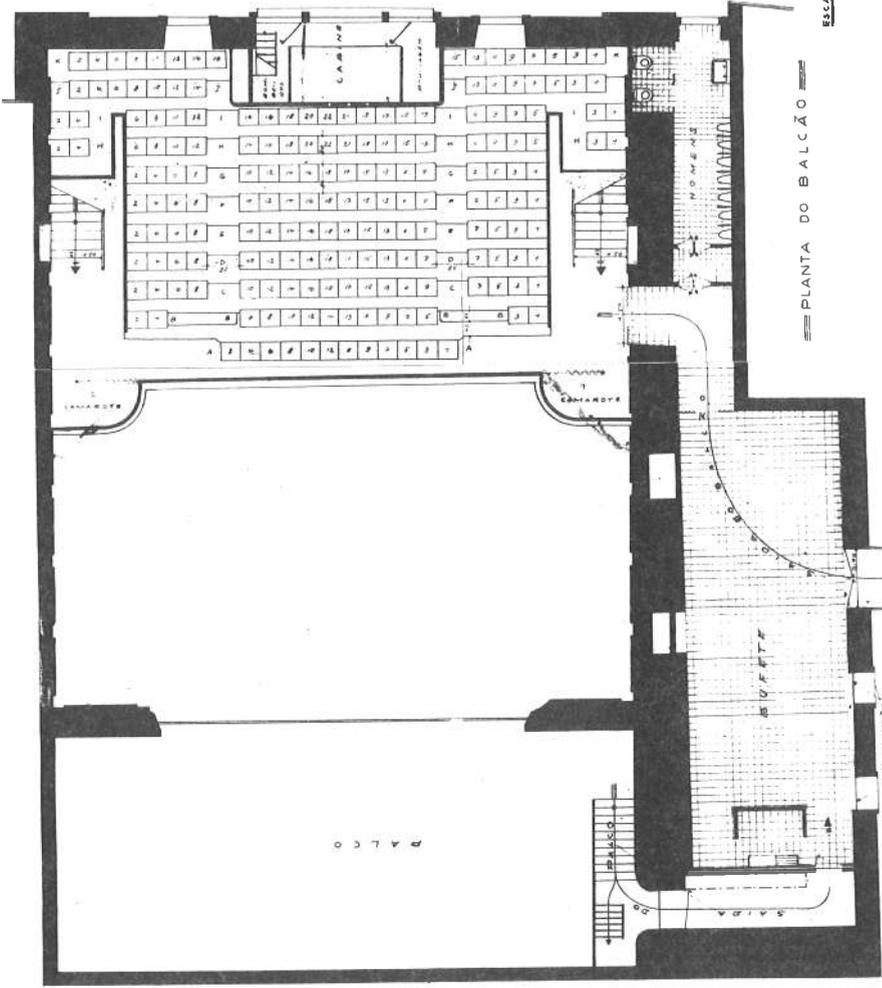
APPROVADO
1.10.1918
1.10.1918
1.10.1918



PLANTA SOB O BALCÃO



LUGARES
1.10.1918
1.10.1918
1.10.1918



PLANTA DO BALCÃO

ESCALA 1:50

ESCALAS 1:60

ANEXO DOCUMENTAL

Documento 1

“Compra que fazem Manuel Francisco Esteves e José Guilherme dos Santos, casados a Francisco França Amado, solteiro todos moradores nesta cidade.

Saibam quantos esta virem: que no dia tres d’agosto de mil novecentos e des, em Coimbra e meu cartorio na Rua Ferreira Borges, numero trinta e oito, primeiro andar, perante mim, Joaquim Gaspar de Mattos, notario desta comarca, compareceram a outorgar: d’um lado, Manuel da Silva Rocha Ferreira, casado, solicitador encartado, na qualidade de procurador bastante do vendedor Francisco França Amado, solteiro , maior, livreiro e proprietario, morador nesta cidade de Coimbra; e, d’outro, compradores Manuel Francisco Esteves e José Guilherme dos Santos, casados, todos os outorgantes de maior idade, proprietarios, residentes nesta cidade de Coimbra, meus conhecidos de que dou fé, e das testemunhas idóneas adeante nomeadas e no fim assignadas, que tambem são presentes e do meu conhecimento, mostrando o outorgante procurador esta sua qualidade com a procuração em forma legal que neste acto exhibiu e que archivei no meu cartorio, no maço respectivo, para os fins convenientes. Na minha presença e na das mesmas testemunhas, pelo primeiro outorgante Rocha Ferreira fallando na qualidade que representa foi dito: Que de harmonia com os poderes que lhe são conferidos na alludida procuração pelo seu dito constituinte Francisco França Amado, e mediante as clausulas e obrigações abaixo exaradas, em nome do mesmo seu constituinte e pela presente escriptura, vende d’hoje para sempre, em comum e em partes iguaes, aos segundos outorgantes Manuel Francisco Esteves e José Guilherme dos Santos, o seguinte predio: Propriedade que se compõe d’um edificio, parte ainda em ruinas, que em tempo serviu, isto é, aonde em tempo esteve estabelecido o Theatro de Dom Luiz Primeiro, situada na Rua Joaquim Antonio d’Aguiar, freguezia de São Christovam desta cidade; a partir actualmente do nascente com a Travessa de São Christovam; poente com aquella rua; norte com o Doutor Francisco Antonio da Cruz Amante e travessa publica, e sul com herdeiros de José Maria Monteiro de Figueiredo. Este predio é o mesmo que descripto se acha sob numero mil trezentos cincoenta e quatro, a folhas vinte e tres, verso, do livro B, numero trinta e dois da conservatoria desta comarca, achando-se actualmente parte dele ainda em ruina. Que esta venda é feita pela quantia de um conto e quinhentos mil reis, que delles já recebeu em partes iguais e de que dá a respectiva quitação obrigando-se a fazer-lhes a venda, firme e de pas para sempre, transferindo-lhes o dominio, direito, acção e posse que até agora o seu constituinte tinha na propriedade vendida com todas as suas pertenças e serventias (...)”

Fundo Notarial, Cartório de Joaquim Gaspar de Matos e José Ferreira Figueiredo dos Santos, Arquivo da Universidade, Livro 161, fl.36 e seguintes.

Documento 2

Data da licença: 19 agosto 1910, nº 215

José Guilherme dos Santos, desta cidade, representante da Empresa que vae reconstruir o antigo theatro de D. Luiz

L^a para occupar 10,00 de terreno com materiaes de obras para a reconstrução do antigo theatro de D. Luiz, não podendo deposital-os a mais de 1,50 da parede principal do alludido theatro, a fim de conservar o transito livre.

(Deps. 18 agosto 1910)

[Licença por]

dois meses até 19 outubro do [?]

[por]

10,0 metros

[Pagou]

importam 2\$000

Registo de licenças, Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Coimbra, livro 1906-1910.

Documento 3

(...) Construções e Alinhamentos:

De José Guilherme dos Santos, desta cidade, em nome da empresa do Theatro Central, pedindo licença para reconstruir o antigo Theatro de D. Luiz, conforme o projecto que apresenta. Tem parecer da Comissão Delegada do Conselho dos Melhoramentos Sanitários. Foi deferido com as seguintes condições: - 1ª - Assignará termo de responsabilidade pela segurança dos operarios e prejuizos materiais; - 2ª - Executará todos os trabalhos em harmonia com o regulamento de salubridade das construções urbanas, tendo em atenção os artigos 8º a 10º, 12º, 16º, 17º, 18º, 25º a 47º e 57º; - 3ª - Fará retretes e urinoes com syphão, ventilador e autoclismo e canalização de manilhas, de grés, privativas do publico da plateia, da 1ª e 2ª ordem de camarotes e dos camarins e pessoal empregado no placo; - 4ª - collocará syphão de bôca de limpeza no começo dos canos parciaes de esgoto para o cano geral; - 5ª - Fará um grande lanternim ventilador da sala de espectaculos e outro no palco; - 6ª - Dará às portas todas, largura bastante e disposição conveniente para abrirem com facilidade para o exterior; - 7ª - Fará algeroz sobre a cimalha e tubos condutores d'agua dos telhados em conformidade com as posturas municipais; - 8ª - Executará o alçado proposto nas suas linhas geraes, submettendo a approvação os detalhes e ornatos exteriores; - 9ª - Collocará argolões na fachada, passadeiras e resguardo de ferro no telhado para facilitar o serviço dos bombeiros em caso de sinistro; -10º - Fará o deposito de 50\$000 reis no cofre municipal para garantir o fiel cumprimento destas condições, não podendo levantar-o nem abrir a sala ao publico sem primeiro se proceder às vistorias regulamentares.

Acta da sessão ordinária de 2 de Fevereiro de 1911, Arquivo Histórico da CMC, livro 119, fl. 77 v e 78.

Documento 4

Licença de porta aberta

REPUBLICA



PORTUGUÊSA

GOVERNO CIVIL DE COIMBRA

1.ª Repartição

Registo da Licença n.º 77

Pelo presente alvará concedo licença a Mmanuel Francisco Bastos, casado
 residente na freguesia de Introdução da Rainha
 desta cidade concelho de Coimbra
 para dar espectáculo publico no teatro
"Sousa Bastos" desta cidade de Coimbra
~~ficando sujeita a todas as condições~~
~~postas pelo Regulamento~~
com a condição de observar todas as
precauções legais para segurança
publica, impostas pela policia e respe
ctar regulamentos em vigor.

pelo tempo de sessenta

O impetrante, se quizer continuar, tem de renovar esta licença antes de findar o prazo, em conformidade com o art. 104.º do Regulamento de 9 d' Agosto de 1902.

O mesmo impetrante fica responsavel, nos termos das leis em vigor, por todos os abusos cometidos.

Dado e selado no Governo Civil de Coimbra, aos 4 de Junho de 1914.

Governador Civil,

J. A. Fern. de Siqueira

O IMPETRANTE PAGOU:

Sólo. 14 com a caução

Em. de Sec.º 1,200 O impetrante apresentou,

O Chefe da Repartição,

titulo de licença para o
A. Bastos estabelecimento da instala
ção electrica passada

filha Administração Geral dos Correios e
Telégrafos com data de 16 de maio de
Abril de 1914, no qual está exposta a
autorização para a exploração concedida
por despacho de 16 de maio do corrente
ano dada pela Direcção dos Serviços Te-
legráficos. Coimbra, 4 de julho de 1914
O Director de T. P. P.
Abontinho

Documento 5

Entrevista ao empresário do Teatro Sousa Bastos Luís Lomas pelo jornalista Mário Machado da Gazeta de Coimbra

“Teatro Sousa Bastos

A acção do seu novo empresario. Cinematografos e teatro. As futuras companhias de opereta.”

“Tinhamos em vista um simplicissima palestra com o novo empresario do Teatro Sousa Bastos, e, uma noite destas, á hora em que a multidão afluia aquela casa de espectaculos, ardendo numa luz brilhante e maravilhosa da sua electricidade, subimos até ao ambiente mórno do escritorio, após os cumprimentos e as formalidades do estilo.

O Teatro Sousa Bastos, aquele relicario escondido na estreiteza humilde de algumas ruas da alta, é, ainda bem, sorrindo na sua belesa mimosa, o mesmo teatro onde algumas notabilidades electrizaram a plateia entusiasta, onde a população curiosa e avida de sensações artisticas acorria naquela sêde insaciavel do belo, do sublime, sorrindo com as caracterisações dos seus cómicos, amargurando-se, carpindo, com as scenas mais comovedoras do coração. É ainda aquele teatro onde a Palmira Bastos, recentemente, aliás, perpassava como uma creação divinal de amor, na sua simplicidade e na sua beleza, bela artista que o Portugal intelectual admira e palmeia.

Pois o novo empresario do Sousa Bastos, o sr. Lomas, espirito empreendedor e audaz, fugindo dessa rotina nefasta da totalidade das nossas emprezas de teatro, amabilissimo no seu sorriso simples, foi-nos dizendo, sob a caricia lenta e afagante da luz mortiça e suave do seu gabinete de trabalho, o que a sua inteligencia de empresario moderno tem tracejado e planeado para atrair o publico de Coimbra áquela “casa” tão esquecida na estreiteza humilde de algumas ruas do bairro latino.

- O publico..., começamos nós.

- Ah! Muito bem. A principio retraía-se com o descredito em que o Sousa Bastos tombára. Estabeleço sempre a minha tactica tenho a esperança consoladora que dentro em pouco o publico me auxiliará plenamente. Tenciono trazer a esta cidade verdadeiras notabilidades artisticas ...sempre para melhor.

E o sr. Lômas começou-nos a esboçar a sua ideia extraordinária, entrou a contar-nos a sua vida de empresario, desde o Pavilhão Paris, do Funchal, até á sua direcção orientadora no Teatro García de Resende, de Evora.

- E artistas... o que ha de mais provavel na sua vinda?

- Tenho contratado varios artistas de fama, que o publico saberá admirar e estimar. Assim, por exemplo, estreiar-se-ão brevemente os irmãos Campos, cantantes a “grand voix” e cómicos imitadores de Scharlot, a dançarina Electra, Clotilde Casteldôr, cantora

198 - As primeiras décadas de história

italiana, e muitos outros... e muitos outros. Olhe. Todo o numero que fôr ao Coliseu virá certamente a Coimbra.

- Mas isso será uma empreza verdadeiramente arriscada, avançámos. É preciso muito energia e muitissima força de vontade.

- Tudo hei de saber vencer, sómente com o fito de agradar ao publico desta terra, já que se começa a desenhar a boa vontade que tem de me auxiliar. Eu não tendo hesitações na minha vida. Sim, quando prometer, saberei cumprir.

Passámos em revista, depois, algumas ilustrações espanholas, das mais celebres casas de cinematografia, e o sr. Lômas declara-nos que só os mercados da America se encontram em condições de fornecer a Europa. E, na verdade, depois que se desencadeou o tremendo conflito europeu, as casas produtoras europeias teem lutado com inumeras dificuldades de material e de artistas.

A Nordisk, por exemplo. As extraordinarias produções dessa acreditada casa teem diminuido assustadoramente. E Psilander?... É o unico de valor que essa empreza de Copenhague sustenta.

A Casa Selig, dos Estados Unidos, formidavel nas suas instalações maravilhosas, leguas e leguas de "Ateliers" possui um dos mais belos jardins zoológicos do mundo. Todos esses animais entram nas confecções dos grandes films, nos lances eminentemente dramaticos em que os seus actores se veem obrigados a lutar, a traçar com as feras uma verdadeira batalha encarnçada e mortal. Tem acontecido, muita vez, em que o actor saía completamente desfeito das garras do animal.(...)

- As nossa fitas, como sabe, são das melhores, por mim seleccionadas, fornecidas pela Empreza Internacional Cinematografica de Lisboa. Ainda ha pouco tempo o publico poude admirar três maravilhosas creações do cinematografo: o Nocturno de Chopin, o Fogo, do grande escrito Gabriel d'Annunzio, e a Novela dum principe. Não me tenho furtado a despesas para agradar, para demonstrar que procuro contribuir para cair nas boas graças do publico. As fitas da Keistone, desempenhadas pelo inimitavel cómico Scharlot, teem agradado sobremaneiramente.

E o nosso interlocutor conta-nos, amavelmente, como surgiu essa aluvião de imitantes de Scharlot, que o não teem excedido, aliás, nas suas esplendidas e hilariantes creações.

- É films em series?

- Não. Não quero. São quasi sempre muito fastidiosas pelo cumprimento, pela sua enorme extensão, e, alem disso, a maior parte são interminaveis. Os quadros são sempre os mesmos e massam o espectador. O Fantomas, por exemplo, ou ainda tantos outros que nunca teem fim.

Tinhamos observado com a experiencia, essa verdade insofismavel. O cinematografo adoptado como meio directo de instrução, recompondo as scenas antigas da sociedade, os costumes dos antepassados, fazendo passar pelo écrain tantas e tantas epocas mortas,

esquecidas, e as admiráveis paisagens desse mundo ignorado das populações ignaras, tudo isso baravahlava no cerebro, tudo passava pela nossa imaginação ardente e alvorçada.

- Sim. Tenciono promover, na verdade, o que o senhor pensa.

- Como?

- Por meio de matinées infantis, aos domingos, sendo a entrada gratuita para as creanças. Serão exibidos unicamente films instrutivos, de costumes, de paisagens, naturais. Tudo o que a Natureza tem de belo e de admiravel ha de exaltar a imaginação infantil, os grandes jardins zoologicos do mundo, fabricas, cidades movimentadas e industriais, toda a agitação humana vista através do cinematografo. E então, para tal fim, nos intervalos do espectáculo far-se-á uma rifa de brinquedos: 3 para rapazes e outros 3 para raparigas. Tornar agradaveis essas horas, de maneira a proporcionar ás creanças pobres alguns momentos felizes de distracção.

- Mas as matinées em Coimbra falharam, interrogamos.

- Não faz mal. Hei de conseguir restabelecê-las com a maxima facilidade, visto que, desses espectaculos não procurarei subtrair provento algum. Olhe: todos os asilos e instituições de caridade serão convidadas para esse fim. Não quero esquecer os que a sorte não ajudou a ser ditosos.

É realmente uma ideia feliz, sinceramente agradavel de registar, que só marca indelevelmente o lado do seu coração afectivo e terno.

De cinematografo tinhamos ouvido o suficiente. Tinhamos conhecido parte do seu plano de empresario, e, com a mesma amabilidade, o sr. Lomas leva-nos para o teatro propriamente dito. Era quasi a hora de principiari o espectáculo. Lá fora ouvia-se o vozear da multidão apressada, á busca dos seus logares perdilectos. Sabe-se o Sousa Bastos é o teatro preferido pela nossa elite, onde se reúne a nossa sociedade elegante, e, onde, mais bissaramente, se destaca, da policromia das suas luzes diversas, o toilette das damas.

- Companhia de opereta...

- A Caramba... que o Coliseu dos Recreios apresentou á admiração do publico lisboeta.

- Com todos os elementos que a compõem?

- Absolutamente todos.

- Mas isso é simplesmente espantoso!

- Embora. Prometi, hei de realizar o meu prometimento. A cidade de Coimbra ha de maravilhar-se com os artistas dessa Italia grandiosa, dessa Italia de arte, de beleza, de tradições ideiais (...) ha de maravilhar-se com a voz e graça das suas mulheres (...). Bem vê o meu amigo como sou arrojado. Não estremeço deante duma hecatombe provavel. Mesmo que o teatro se encha, se replete, não salvarei as despesas com essa enorme companhia italiana.

- As peças?

200 - As primeiras décadas de história

- Enunciei-as já ao publico. Cossaco, Gheisha, Casta Susana e Adeus, mocidade. A ultima tem um particularidade interessante. Passada entre estudantes italianos, o hino academico de Italia substituir-se-á pelo hino academico português.

- Deve ser de dum efeito magistral.

- Espero que sim. Já enviei para Lisboa a letra e a musica. A academia ha de sentir-se fortemente electrisada com o côro do seu hino... esta academia moça e entusiasta, cheia de aspirações ideais e alevantadas...

- E mais?

- Espero que nos visitará brevemente a grande atriz Palmira Bastos... que a plateia de Coimbra conhece e admira extraordinariamente. O senhor sabe: a Palmira Bastos só representará no seu teatro, neste teatro elegante e talvez dos mais lindos de Portugal. Isso apresenta-se, todavia, algo nubloso.

Na verdade, o vasto e arrojado programa do sr. Lomas só engrandece a sua acção decidida e tenaz, que tem admirado justissimamente a opinião publica. É necessario que da parte da população da cidade, não haja retraímentos para auxiliar quem procura destruir a aleivosia de que Coimbra não possui ainda gente para dois teatros. O sr. Lomas propõe-se demonstrar o contrario, sem pretender aniquilar ou arruinar esta ou aquela empresa, encontrando-se aliás, na melhor disposição de não destruir os seus intuitos de sociabilidade.

Queremos ainda bulir num ponto importantissimo: a orquestra. O quarteto do Sousa Bastos é esplendido, sob a direcção do distinto pianista Luís Muñoz, aquela figura modesta e simples, onde se esconde e palpita um grande, um enorme temperamento artistico.

Dele faz parte, tambem, um rapaz que a academia coimbrã admira e estima. É um violinista novo, maravilhoso na sua simplicidade atraente, que sabe fazer vibrar, com a senmtimentalidade da sua alma moça, o seu violino quasi magico, melodioso, sublime. E assim todas as noites, aquele Teatro Sousa Bastos tornar-se-á um verdadeiro santuario de arte, e quando ha homens que o saibam dirigir, o Teatro Sousa Bastos não pode morrer, não pode ser esquecido, não pode ser abandonado."

M.M.

Gazeta de Coimbra, nº 550, 7 de Novembro de 1916.

Documento 6

“Arrendamento que faz José Guilherme dos Santos a Luiz Lomas, ambos moradores nesta cidade de Coimbra, a 30 de Setembro de 1916”

“(…) pela presente escritura dá d’arrendamento ao segundo outorgante Luiz Lomas, [solteiro, electricista] o seu predio urbano, aonde se acha instalado o teatro denominado de “Sousa Bastos”, o qual é formado pelos prédios descritos sob os números 12942 e 12 354 respectivamente, a folhas 120 do livro B, nº 33 e a folhas 23 verso do livro B, nº 32 da Conservatória desta comarca, situado na Rua Joaquim António de Aguiar e Rua das Esteirinhas entrando neste arrendamento todas as suas dependencias, mobiliário, scenario, canalizações d’agua e gaz e bem assim toda a instalação electrica com seu motor e dinamo, tendo tudo devidamente montado e tudo a trabalhar com perfeita regularidade. Que este arrendamento é pelo tempo de dois anos, que começam no dia 1º d’outubro do corrente ano de 1916 e findam no dia 30 de setembro do futuro ano de 1918, podendo ser prorrogado por dois ou mais anos se nisso ambas as partes combinarem. Que a renda anual é a quantia de 2.250\$00, sendo relativo ao predio a renda anual de 600\$00 e a restante renda relativa ao material (...) deverá ser paga ao mês ao senhorio em sua casa (...) à razão de 187\$50 por cada mez.(…)

Que o arrendatario fica obrigado a dar espectáculos diariamente, exceto havendo caso de força maior que o iniba de cumprir tal obrigação, dando os mesmos espectaculos diários com cinematografo e variedades, ou com companhias nacionaes ou estrangeiras, conforme a sua conveniencia e durante a epoca que decorre desde o 1º d’outubro de cada ano ao 31 de Julho do ano seguinte. Que o arrendatario fica tambem com a obrigação de adquirir anuncios das diferentes casas comerciais de Lisboa, Porto e Coimbra, ou d’outra qualquer parte, para a sua exposição no pano de bôca do palco e mais dependencias, ficando obrigado a dar a ele senhorio 50%, anualmente do produto bruto dos mesmos e quando esse produto anual não ultrapasse a quantia de 1000 escudos, fica contudo o arrendatario obrigado a dar a ele senhorio, sempre e no fim de cada ano a quantia de 500\$00(...) e isto a título de gratificação.

Que ele senhorio fica com o direito livre de explorar os cafés que estão no rez do chão e primeiro andar da casa da Rua das Esteirinhas, ficando também com a faculdade de entrar livremente na sala de espectáculos ou em qualquer das suas dependências (...)."

Fundo Notarial, Cartório de Joaquim Gaspar de Matos e José Ferreira Figueiredo dos Santos, Arquivo da Universidade, Livro 206, fl.20 a 22.

Documento 7

“Arrendamento que faz José Guilherme dos Santos a Manuel Gonçalves de Lemos, solteiro maior, ambos moradores nesta cidade de Coimbra, a 27 de Julho de 1917”

(...)arrendatario e ainda em terceiro lugar como fiador e principal pagador Carlos Nunes Vieira Raposo, casado.(...)

(...)Que este arrendamento è pelo tempo de 3 anos que começam no dia 1º d’Outubro do corrente ano de 1917 e findam no dia 30 de Setembro do futuro ano de 1920 podendo ser prorrogado por um ou mais anos se ambas as partes combinarem.

Que a renda anual é a quantia de 1800\$00 sendo relativo ao predio a renda anual de 600\$00 e a restante renda relativa ao material (...) e que tudo consta d’um inventario particular passado em duplicado (...) em prestações iguaes de 150\$00 (...)

Que o inquilino fica obrigado ao pagamento de todas as contribuições (industrial, selos dos bilhetes e cartazes, licença e avença, pagamentos à Câmara Municipal de Coimbra)(...)

A ele senhorio fica pertencendo o Café do mesmo teatro, livre de qualquer renda montado no r/c e no salão do primeiro andar junto ao escritório de teatro na Casa da Rua das Esteirinhas, ficando tambem com livre direito de entrar na sala de espectaculos ou em qualquer das suas dependencias (...).

Que ao inquilino pertence todo o produto ou rendas de todos os anuncios que angariar ou adquirir para por à exposição do publico (...)

(...)Que o inquilino poderá dar espectaculos diáriamente, não havendo caso de força maior que o inhiba de assim proceder, devendo dar os mesmos espectaculos de cinematografo, variedades, ou com companhias nacionaes ou estrangeiras conforme a sua conveniencia e durante a epoca que decorre desde o 1º d’outubro de cada ano ao 30 de Junho do ano seguinte. Se deixar de dar espectaculos dez dias consecutivos fica obrigado por cada dia a mais daqueles dez, a ele senhorio, a quantia de 5\$00 a titulo de indemnização, e quando assim proceder não havendo caso de força maior.(...)”.

Fundo Notarial, Cartório de Joaquim Gaspar de Matos e José Ferreira Figueiredo dos Santos, Arquivo da Universidade, Livro 212, fl.16 e seguintes.

Documento 8

“Constituição de sociedade em nome colectivo entre o Bacharel José António Gomes Cabral, António Mendes d’Abreu e Manuel Gonçalves de Lemos.”

“No dia vinte e oito de Julho de mil novecentos e desassete, n’esta cidade de Coimbra e meu cartorio, na rua da Sofia, numero cinquenta e cinco, perante mim Augusto Saldanha da Silva Vieira, notario substituto (...) compareceram o Bacharel José António Gomes Cabral, viuvo, proprietario, António Teles Mendes d’Abreu, divorciado, e Manuel Gonçalves de Lemos, solteiro, maior, outros proprietarios e todos moradores nesta cidade (...) Que por esta escritura se constitui em sociedade em nome colectivo para a exploração de espectaculos publicos em teatros, na forma dos artigos seguintes: Primeiro - A sociedade adota a firma “Abreu, Cabral e Lemos” - Segundo - A sociedade tem a sua sede no teatro “Avenida”, na Avenida Sá da Bandeira, e a sucursal no teatro “Sousa Bastos”, na Rua Joaquim António de Aguiar, d’esta mesma cidade. Terceiro - O objecto social é a exploração das duas referidas casas de espectaculos com animatografo, variedades e companhias de opera, opereta e declamação. Quarto - A duração da sociedade é por tempo de tres anos a começar em um de outubro do corrente ano, contando-se o ano social de outubro a setembro. Quinto - O capital social é de des mil e oitocentos escudos pertencente em partes eguais aos tres socios, todo já realizado e existente nos diversos valores do activo da sociedade em que teem estado os dois primeiros socios, sob a firma Mendes d’Abreu & Cabral e que consta d’um inventario n’este acto por todos os socios aassinado. Seisto - Todos os socios são administradores e gerentes, podendo, por tanto, todos usar da firma mas tam somente em contractos referentes ao objecto da presente sociedade. Setimo - A escrituração será sempre no domicilio social e bem assim a caixa que ficam a cargo do socio José António Gomes Cabral (...)

Decimo Setimo - (...) que a sociedade entre eles [José António Gomes Cabral e António Mendes d’Abreu] constituída por escritura lavrada na minha nota no dia vinte e tres de dezembro de 1916, que tem girado sob a firma Mendes d’Abreu & Cabral, já aqui referida - foi estabelecida pelo prazo de cinco anos a terminar no dia 22 de dezembro de mil novecentos e vinte e um. Mas por que agora fosse constituída uma nova sociedade para a exploração de mesmo objecto teem resolvido que aquela mesma sociedade termine todos os seus efeitos no dia 30 de setembro proximo, data em que ela se dará por dissolvida”.

Fundo Notarial, Cartório do Notário Substituto Augusto Saldanha da Silva Vieira, Arquivo da Universidade, Livro 178 fls.7 seguintes.

Documento 9

“Dissolução com respeito a um só sócio da sociedade em nome colectivo Abreu, Cabral & Lemos”.

“No dia 12 de novembro de 1917 (...)

Que não convindo ao socio Manuel Gonçalves de Lemos continuar na exploração para que se tinham constituido em sociedade, foi resolvido de comum acordo que ele saísse com o capital com que havia entrado, tres mil e seiscentos escudos, da qual dá quitação, autorizando, como autorisa, que os dois restantes socios continuem a usar da mesma firma colectivo “Abreu, Cabral & Lemos” na exploração dos referidos teatros. E disseram os outorgantes Bacharel José António Gomes Cabral e António Mendes d’Abreu: Que apesar da saída do outro seu socio continuam eles na exploração dos referidos teatros, subsistindo por tanto entre eles a mesma sociedade cujo pacto consta da aludida escritura de vinte e oito de julho do corrente ano, que continua a ser observada entre eles em todos os seus efeitos”.

Fundo Notarial, Cartório do Notário Substituto Augusto Saldanha da Silva Vieira, Arquivo da Universidade, Livro 178 fls.72 vº.

Documento 10

“Cedência do maquinismo e acessórios da instalação eléctrica do Teatro Sousa Bastos d’esta cidade”.

“No dia 1 de outubro de mil novecentos e dezanove (...)compareceram: por uma parte Carlos Fuchs, solteiro, maior, engenheiro electricista, residente em Lisboa na Avenida Elias Garcia, numero 22 e por outra José Guilherme dos Santos, casado, proprietario, residente nesta cidade (...) E o primeiro outorgante Carlos Fuchs (...) disse: Deu por documento particular de tres de fevereiro de mil novecentos e dezasseis, autenticado pelo notario Diamantino da Mata Calisto, d’esta cidade, e ele outorgante, como unico representante, como ainda é, da firma C. Fuchs, Lda., com séde em Lisboa, na Rua de San Paulo, numero 103, contractou com o segundo outorgante o aluguer de todos os maquinismos e utensilios de iluminação pela luz eléctrica no teatro Sousa Bastos d’esta cidade, cujo edificio pertence ao segundo outorgante, pelo prazo de vinte e nove meses e pelo preço mensal de cem escudos. Que, pela condição terceira d’aquelle contracto, ficou combinado que a ele primeiro outorgante faria entrega ao segundo de todos os maquinismos e material alugados no vencimento da ultima prestação. E porque, na verdade, o segundo outorgante tivesse satisfeito todas as prestações do aluguer, na totalidade de dois mil e novecentos escudos de que dá a competente quitação, do mesmo primeiro outorgante cede e entrega desde já ao segundo todos os indicados maquinismos e utensilios da iluminação eléctrica do Teatro Sousa Bastos para que o mesmo segundo outorgante d’ela faça como coisa sua que fica sendo.

E o segundo outorgante José Guilherme dos Santos disse que aceita este contracto como nele se declara”.

Fundo Notarial, Cartório do Notário Substituto Augusto Saldanha da Silva Vieira, Arquivo da Universidade, Livro 181 C, fls.47 a 48 vº.

Documento 11

"Sublocação que fazem "Abreu & Cabral" aos padres Manuel Estrêla Ferraz e Júlio António dos Santos".

"No dia vinte e um do mez de dezembro de mil novecentos e vinte e seis , nesta cidade de Coimbra e no meu cartorio(...) compareceram como outorgantes: Primeiro o Excelentissimo Dr. José António Gomes Cabral (...) que outorga na qualidade de gerente e em representação da sociedade em nome colectivo (...) "Abreu & Cabral" (...); Segundos: Os senhores padres padres Manuel Estrêla Ferraz e padre Júlio António dos Santos (...); Terceira D. Emilia Augusta dos Santos (...), pelo mencionado primeiro outorgante foi declarado: Que por escritura de trinta e um de dezembro de mil novecentos e vinte e um, lavrada pelo ex-notario desta comarca Bacharel Eduardo Saldanha da Silva Vieira, a terceira outorgante Terceira D. Emilia Augusta dos Santos deu de arrendamento á sociedade aqui representada por ele outorgante e que então girava sob a firma "Abreu, Cabral & Lemos", o seu predio urbano onde se acha instalado o Teatro Sousa Bastos (...) e que se renovou findo o primeiro periodo da sua duração e pela renda anual de cinco mil e quinhentos escudos (...) que tendo ajustado com os segundos outorgantes sublocar-lhes um daqueles predios, o que se encontra descrito na Conservatoria desta comarca sob o numero 12354 (...) pelo tempo que falta para completar a renovação do contracto a findar em trinta de setembro de mil novecentos e vinte e sete e pelas renovações que do mesmo contracto futuramente se fiserem, pela presente escritura e nas condições constantes dos artigos seguintes, faz a ajustada sublocação. Primeiro - Os sublocatarios sujeitam-se ás obrigações que á firma arrendataria competem pelo mencionado contracto de arrendamento de trinta e um de dezembro de mil novecentos e vinte e um; Segundo - A renda a pagar por esta sublocação é a daquele contracto de arrendamento e mis cinco escudos ou seja (...) anualmente mil e cinco escudos e mais dois mil escudos pelo aluguer dos moveis. Terceiro - Os sublocatarios só poderão usar do predio para instalação de qualquer ou quaisquer associações de socorros, recreativas ou sportivas. Paragrafo primeiro - Ficam, porem, os sublocatarios desde já autorizados a usar do predio para qualquer comercio ou industria com excepção de espectaculos teatraes, cinematograficos ou de variedades. Paragrafo Segundo - Não são incluidos entre os espectaculos proibidos os que forem organizados pelas associações instaladas no predio sublocado no maximo de doze por ano com a comparticipação de actores amadores e entradas gratuitas. Quarto - A infracção do disposto no artigo anterior e seus paragrafos será para todos os efeitos considerada uso do predio para industria ou comercio diverso do expressamente estipulado e dá á firma sublocadora o direito de intentar contra o sublocatarios a competente acção de despejo ou de exigir deles conforme mais lhe convier, a importancia de dois mil escudos por cada dia de espectaculo. Paragrafo unico - No caso de a firma sublocadora considerar

208 - As primeiras décadas de história

algum espectáculo dado pelos sublocatarios como dos proibidos pelo presente contracto, deverá antes de propor a acção de despejo (...) notificar particularmente disso os sublocatarios com a antecedencia minima de vinte dias. Quinto - A renda será paga directamente á firma sublocadora e nunca em caso algum á senhoria, pois que, para todos os efeitos os sublocatarios nunca considerarão como sua senhoria excepto aquela firma. Sexto - Os sublocatarios não poderão sublocar sem consentimento por escrito da forma sublocadora. Setimo - A infracção ao disposto em qualquer dos dois artigos anteriores, dá á firma sublocadora o direito de intentar (...) acção de despejo e de voltar a ocupar o predio.

Pelos segundos outorgantes foi dito: Que aceitam a presente sublocação com as condições e obrigações que ficam exaradas e a que se sujeitam. Pela terceira outorgante foi dito: Que concordando plenamente com os termos do contracto que acaba de ser feito, autorisa a sublocação, mas compromete-se a continuar de futuro a entender-se em tudo e por tudo que respeita ao contracto de arrendamento de trinta e um de dezembro de mil novecentos e vinte e um, como se não existisse a presente sublocação. Que portanto, continuará a considerar como firma sublocadora e só ela obrigada ao pagamento da renda e demais encargos constantes daquele contracto de arrendamento (...) e reconhece á firma sublocadora o direito de propôr contra os sublocatarios a acção de despejo competente e de voltar á plena posse dos seus direitos sobre o predio nos termos do já referido contracto de arrendamento de trinta e um de dezembro de mil novecentos e vinte e um (...)."

Fundo Notarial, Cartório do Notário Jaime Correia Encarnação, Arquivo da Universidade, Livro 73, fl.84 vº a 87 vº.

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

ESTUDOS

Alta de Coimbra. História - Arte - Tradição, Actas do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, GAAC, Coimbra, 1988.

Azevedo, Manuel de, "Cinema em Portugal", *Dicionário de História de Portugal*, Porto, 1981.

Carvalho, Francisco Augusto Martins de, *Arquivo Coimbrão*, XI, Coimbra, 1952.

Carvalho, Joaquim Martins de, "O Teatro em Coimbra. Subsídios para a sua história." *Arquivo Coimbrão*, X, 1947.

Castro, Aníbal Pinto de, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o editor França Amado. Correspondência Inédita*, Coimbra, 1979, Separata do Boletim da BGUC, vol. XXXIV, 2ª parte.

Costa, João Bénard da, *O Cinema português nunca existiu*, ed. CTT, 1996.

Craividão, Fernanda Delgado, "A Alta de Coimbra - Que população?", *Alta de Coimbra. História - Arte - Tradição*, Actas do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, GAAC, Coimbra, 1988.

Figueiredo, A.C. Borges de, *Coimbra Antiga e Moderna*, 1886, (ed. Fac-similada de 1996).

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, s/d, vol. XII.

História de Portugal, Direc. José Mattoso, Círculo de Leitores, 1994.

Loureiro, José Pinto, *Anais do Município de Coimbra*, 1840-1869, Coimbra, 1872-73; 1904-1919, Coimbra, 1952; 1920-1939, Coimbra, 1971.

Loureiro, José Pinto, "Apontamentos para a história do teatro em Coimbra", *Arquivo Coimbrão*, XII, 1954.

Loureiro, José Pinto, *O Teatro em Coimbra. Elementos para a sua história*, Coimbra, 1959 (reedição de 1964).

Lucas, Maria Manuela, "A protecção à Infância Desvalida na Alta de Coimbra", *Alta de Coimbra. História - Arte - Tradição*, Actas do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, GAAC, Coimbra, 1988.

Orengo, Nico, *Figura Gigante*, Quetzal Editores, 1984.

"Ozanam", *Mini-Enciclopédia*, Círculo de Leitores, 1993.

Pedreirinho, José Manuel, *Dicionário de Arquitectos activos em Portugal do séc. I à actualidade*, Ed. Afrontamento, Porto, 1994.

Simões, Augusto Filipe, *Relíquias da Architectura Romano-Bysantina em Portugal*, Lisboa, 1870.

Torgal, Luís Reis, "O movimento católico", in *História de Portugal*, Direc. José Mattoso, Círculo de Leitores, vol. V, 1994.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Despertar, Março de 1917 a Fevereiro de 1919.

Gazeta de Coimbra, Julho de 1911a Fevereiro de 1930.

Gazeta de Coimbra, Janeiro de 1934.

Notícias de Coimbra, Janeiro de 1910 a Julho de 1911.

FONTES MANUSCRITAS

Actas da Câmara Municipal de Coimbra, Arquivo Histórico da CMC, livro 119.

Fundo Notarial, Arquivo da Universidade de Coimbra, Cartórios de

- Augusto Máximo de Figueiredo, livro 194 B, 256, 279 A.
- Augusto Saldanha da Silva Vieira, 178; 181 C, 188 B, 194 B.
- Diamantino da Mata Calisto, livro 60, 78 C.
- Eduardo da Saldanha da Silva Vieira, livro, 180, 182 A, 182 B, 188 B, 193 A, 198^a
- Jaime Correia da Encarnação, livro 73, 76, 87.
- Joaquim Gaspar de Matos e José Ferreira Figueiredo dos Santos, Livro 161, 206; 212.

Livros de inscrições de transmissão, anos de 1913, 1916, 1920, 1921, 1927, 1930, 1932, Conservatória do Registo Predial de Coimbra.

Projecto referente ao Cine-Teatro "Sousa Bastos", proc^o nº 1883, Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Coimbra.

Registo de licenças, Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Coimbra, livro 123, 123 A. (1906-1910).

ÍNDICE REMISSIVO

- Aarão de Lacerda, 76, 144
Abel Eliseu, 71, 72, 143, 144
Abreu & Cabral, 111, 112, 113, 114, 124, 126, 204, 207
Abreu, Cabral & Lemos, 81, 82, 92, 94, 96, 98, 205, 207
Academia de Música, 85, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 149
Adelino Veiga, 26
Adozinda Paiva, 47
Aguedo d'Oliveira, 86
Alexandre Brailowsky, 91, 149
Alfredo Keil, 91
Aline de Brito, 94, 96
Almada Negreiros, 80, 145
Almeida Cruz, 40, 41, 50
Ameal
 Condes do, 71, 86
 Palácio, 111
André Brun, 72, 144
Ângelo da Fonseca, 106
Antero da Veiga, 47
António Augusto Gonçalves, 31
António Eliseu, 33, 35
António José Gonçalves Neves, 23
António Menano, 86, 147
António Nobre, 30, 133
António Pinto de Mesquita, 86
Antunes
 José, 44, 51
 Luís, 51
Aquila, 45
Armando de Sousa, 86
Armando de Vasconcelos, 50
Armando Leça, 44, 131
Artur Silva, 71, 143
Asilo
 da Infância Desvalida, 66, 102, 103, 107, 110, 118, 151, 153
 da Ordem Terceira, 104, 121, 151, 155
 de Mendicidade, 103, 150
Associação
 Académica, 48, 96, 101, 108, 123, 125, 149
 Comercial, 60, 94, 96, 149
 dos Amigos do Cinema, 122, 123
 dos Artistas, 83, 180
 Recreativa Conimbricense, 19
Ateneu Comercial, 98, 117, 121, 154, 155
Aussenac, 86, 100, 148
Azevedo Leitão, 72
Bauchaus, 88, 90, 91, 149
Benetó, 87, 148
Benjamim Ventura, 105
CADC, 95, 124
Câmara Municipal, 26, 31, 54, 93, 94, 112, 118, 119, 124, 127, 203
Capella Sixtina, 88
Carlos Clemente, 43, 82, 132
Carlos de Oliveira de Campos, 86
Carlos Dias, 86, 125, 156
Carlota e Tomásia Veloso, 26
Castelo Lopes, 124
Centro Operário Católico, 112
César Magliani, 104, 105, 108, 115, 151, 152, 154
Chagas Roquete, 72, 144

- Charlot, 63, 139, 197, 198
 Cinema Tivoli, 106, 122, 124
 Cipriano Pio, 104, 118, 151
 Claire Croiza, 90, 149
Coimbra-Films, 122, 125, 127, 156, 158
Coliseu
 de Coimbra, 105, 106, 116, 121
 dos Recreios, 58, 63, 199
Companhia
 Cinematográfica de Portugal, 124
 de Revista e Opereta do Porto, 143
 do Teatro D. Luís, 23
 do Teatro Nacional do Porto, 56, 135
 Internacional de Variedades, 57, 58, 135, 136
 Conceição Mariz, 94
Congresso Económico, 94
 Constantino Cardoso, 99
 Corina Freire, 111, 153
 Coutinho de Oliveira, 94, 96, 147, 149
 Cremilde de Oliveira, 50
Cruz Branca, 71, 78
Cruz Vermelha, 78
 Cunha Saavedra, 86
 Dora Vieira, 72
 Edmundo Tavares, arqt., 122
 Eduardo Belo Ferraz, 105
 Egle Aleardi, 65
 Elias d'Aguiar, 86
 Elísio de Moura, 102
 Emília Augusta dos Santos, 87, 89, 92, 113, 117, 158
 Emília Salgado, 47, 121, 132, 133, 155
Empresa Internacional de Cinematografia, 51, 62
 Ernesto Donato, 86, 104, 148
Escola
 Industrial de Condeixa, 75, 144
 Nacional de Agricultura, 76
 Prática de Comércio, 100, 150
escuteiros, 107, 114, 116, 123, 126, 154, 155
 Estevão Amarante, 40, 41, 50
 Etelvina Serra, 40, 41, 50
 Eugénia Mantelli, 89, 91, 94, 96, 149
 Eugénio de Castro, 110, 153
 Eugénio Noronha, 72
 Exibidora Limitada, 127
 Fausto Gonçalves, 119
 Fernandes Ramalho, 86
 Fernando Botelho Leitão, 83, 147
 Fernando Cabral, 100
 Fernando Correia, 72, 144
 Ferreira da Silva, 79
 Fèzas Vital, 86
 Filipe Duarte, 106
filme a cores, 58, 136
 Filomena Luiza, 72
 França Amado, 30, 192
 Frans Ford, 69
 Friedmann, 88
Gaumont, 45, 62, 80, 135, 137
 Glória Castanheira, 97, 100, 110, 118, 147, 153
 Gomes Cabral, 81, 92, 98, 111, 112, 204, 205, 207
 Goya Ruiz, 79, 145
Gráfica Conimbricense, 119
Grémio Taborda, 26
Grupo
 Benemérito de Beneficência, 102, 150
 de Amadores, 27
 Dramático Beneficente, 103, 112, 117, 153, 154
 Dramático César de Sá, 24
 Dramático Conimbricense, 24
 Musical Recreativo, 118, 154
 Recreativo 1º de Janeiro, 112, 153

- Recreio Familiar*, 25
Sá de Miranda, 86, 89, 103, 104, 105, 108, 148, 151
Serões Teatrais, 25
 Guilherme Moreira, 86
 Guilhermino de Barros, 86
 Hayot-Ciampi-Heckking, 88
 Henrique Roldão, 72, 144
 Henriqueta Dargalo, 47
 Hesperia, 80, 146
 Hilderico Cardoso, 122, 125
His Master's Voice, 123
 Hotel Estrela, 106
 Hubermann, 88
Instituto Operário Católico, 112
Invicta Film, 40
jazz, 78
 João Antunes, 76
 João de Deus, 103, 104, 151
 João Gaspar, 79
 Joaquim Costa, 50
 Joaquim Pratas, 72
 Jorge Roldão, 72
 José Avelino, 142
 José Gonçalves, 122
 José Guilherme dos Santos, 30, 31, 54, 55, 57, 60, 61, 68, 74, 75, 77, 87, 157, 161, 192, 193, 201, 203, 206
 José Novais, 23
 José Ricardo, 39, 40, 41, 50
 José Rodrigues d'Oliveira, 72, 118
 Júlio Dantas, 59, 136
 Júlio Pontes, 71, 143
 Juvenal Paiva, 43, 157
Keystone, 63, 139, 198
Kinemacolos, 58
 Lactário de Nossa Senhora, 110, 153
 Laura Hersch, 79
 Lea Bach, 87, 90, 100, 148
 Leal Junior, 23
 Liceu José Falcão, 109, 152
 Luís Costa, 95
 Luís Lomas, 62, 74, 75, 77, 137, 157, 165, 197, 201
 Manen, 86, 148
 Manuel Braga, 86
 Manuel Ferreira de Carvalho, 43, 157
 Manuel Figueiredo, 71, 143
 Manuel Francisco Esteves, 29, 30, 34, 37, 38, 41, 44, 50, 54, 62, 134, 157, 159, 192
 Manuel Gonçalves Lemos, 77, 81, 82, 87
 Manuel Rocha, 79
 Margarida Xirgu, 62
 Maria da Conceição Dubini, 26
 Maria da Luz, 26
 Maria de Alarcão, 96
 Maria Feio, 47
 Maria Matos, 59
 Martins Santos, 71, 143
 Matos Chaves, 145
 Matos Miguens, 86, 148
 Maurício Indias, 44, 131
 Maximino Correia, 72, 86
 Medintiano, 91, 149
 Mendes d'Abreu
 António, 60, 81, 98, 112, 204, 205
 José Maria, 111
Metro Goldwyn Mayer, 124
Misericórdia de Coimbra, 104, 105, 151
 Monjoret, 88
 Monteiro de Figueiredo, 31, 192
 Mota Alves, 110
 Mota Lima, 99
 Noella Cousin, 89, 148
Nordisk, 45, 142, 198
 Norton de Matos, 61
 Oliveira Salazar, 97, 102, 111, 119, 120, 155
 opereta, 1ª, 25
Orfeon

- de Condeixa, 75, 76, 144
do Colégio Moderno, 133
Portuense, 85
Russo, 99, 150
Orquestra Blanch, 90
Oscar da Silva, 99, 150
Ozanan, 113
Palmira Bastos, 34, 39, 40, 41,
50, 197, 200
Paramount, 124
Partido
 Democrático, 95
 Republicano Português, 95,
 149
 Republicano Radical, 104, 151
Passos Manuel, 46
Paulo Merêa, 86
Pezzi, 107, 108, 152
Pina Manichelli, 79, 145
Pinto Ramos, 72
Pires de Lima da Fonseca, 86,
147
Propaganda e Organização
 Anarquista do Norte, 101, 150
Quarteto Rosé, 87, 88, 90, 149
Quarteto Wendling, 94, 149
Raul Lino, 97
Raul Lopes Freire, 124
Rebeldes, 98, 101, 149. *Consulte*
 Propaganda e Organização
 Anarquista do Norte
Recreatório Ozanan, 113, 114,
115, 117, 118, 119, 123
Rey Colaço, 41, 76, 88, 144, 148
Roberto Sales, 72, 144
Rosalía de Castro, 88
Rosalina Lima, 26
Rubinstein, 107
Santa Rita Pintor, 145. *Consulte*
 Almada Negreiros
Saul d'Almeida, 71, 72, 143
Schwalbach Lucci, 72, 91, 144,
149
Selig, 63, 198
Simões de Castro, 103
Sociedade
 Noites Teatrais, 25
Sociedade
 de Academia Dramática, 24
 de Concertos, 85, 86, 87, 88,
 90, 91, 94, 95, 96, 98, 99,
 100, 103, 107, 108, 114,
 124, 148, 149
 de Concertos de Lisboa, 85
 de Defesa e Propaganda, 85,
 95
 de Música de Câmara, 96, 99,
 100, 101, 103, 150
 do Teatro Infantil, 24
 Dramático-Musical, 24
 Ensaaios Dramáticos, 25
 Filantrópica, 147
 Instrutiva Ozanan, 114, 117,
 125, 126, 127, 158.
 Consulte Recretório Ozanan
 Recreativa Conimbricense, 25
 Recreativa Dramática, 24
 Recreio Dramático, 24
 Recreio Juvenil, 24
 Serões Dramáticos, 24
 Serões Teatrais, 25
 União de Artistas, 24, 111
Sofia Santos, 40
Sousa Rocha, 72, 144
Strindberg, 79
Teatro
 Apolo, 72, 144
 Avenida, 36, 43, 44, 53, 55,
 58, 60, 65, 70, 80, 81, 83,
 84, 87, 88, 90, 92, 96, 97,
 105, 106, 112, 113, 118,
 124, 126, 132, 179, 204
 Avenida de Lisboa, 39, 40, 41,
 50, 130, 160
 Baquet, 26
 Central, 31, 194
 Circo Conimbricense, 25
 Circo Príncipe Real, 27, 53, 111

- da República, 33
- de D. Luís, 23, 28, 36, 111
- de S. Cristovão, 22, 23
- Éden, 40, 50, 134
- Ginásio de Lisboa, 136
- Politeama, 58
- Teixeira de Sá, 103
- Teodoro Santos, 79
- Tiro e Sport*, 89
- Tomás de Lima, 44, 133
- Tomás Vieira, 79
- Troupe*
 - Dramática*, 28
 - Dramática Académica*, 27
 - Dramática do Teatro de D. Luís*, 26
 - Dramática Portuguesa*, 80, 146
- Tuna Académica*, 47, 108, 119, 133, 152
- UFA*, 124
- União*
 - Football Coimbra Club, 107, 117
 - Noelista de Coimbra, 119, 155
 - Operária de Coimbra, 114, 119, 120, 154, 155
- Viana
 - Beatriz e Gerarda, 79
- Viana da Mota, 47, 48, 87, 88, 89, 90, 100, 148, 149
- Virgínia A. Leitão, 94
- Virgínia Gersão, 83, 147
- Vitagraph*, 45
- Willi Braun, 183
- Wladimir de Almeida, 71, 143

Teatro Sousa Bas

Surpreendente espectáculo da m



TEATRO SOUSA BASTOS

HOJE Quarta-feira HOJE

A grandiosa fita
em 6 partes, com 2500
metros

Manobras navais
pela marinha
de guerra
portuguesa

...reia da formosa
cançonetista es-
panhola

Alfonsina Helenes

13 de Março

Com as seguintes peças:

Lígia Inês Gambini de Sousa Guedes nasceu em Coimbra, na freguesia da Sé Nova, em 1964.
Licenciou-se em História, na variante de Arqueologia em 1986 e na de História da Arte em 1997, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
Tem trabalhado nas áreas de História e História da Arte nas vertentes do Património móvel e arquitectónico e do urbanismo.
Mestranda de História Contemporânea na mesma Universidade, dedica, neste âmbito, desenvolver e prolongar cronologicamente o tema do presente trabalho até às décadas mais recentes.

